





AMADEU AMARAL
(DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

MEMORIAL
DE
UM PASSAGEIRO
DE BONDE

Por FELÍCIO TRANCOSO

EDIÇÕES CULTURA BRASILEIRA



Memorial de um
passageiro de bonde

Amadeu Amaral

Memorial de um
Passageiro de Bonde

Por

FELÍCIO TRANCOSO

EDIÇÕES CULTURA BRASILEIRA S/A
Rua Cons. Neblás, 255 Phone 4-6262 C. P. 2715
SÃO PAULO

O meu amigo João Felício Trancoso, conceituado, chefe de secção, prometeu um dia, em troca já não sei de que serviço, que me faria um presente á minha escolha. Resisti, como cumpria, á promessa de outra compensação que não fosse a da sua velha e sempre nova amizade.

Mas Trancoso é obstinado e não me deixou sossegar. Exigiu sempre que eu lhe dissesse o que preferia — se a colecção das obras de Jorge Ohnet (a sua maior predilecção em literatura), se uma cigarreira de prata, se um guarda-chuva de seda.

Como eu teimasse em recusar, mandou-me o guarda-chuva e, não satisfeito, pouco depois me veio ameaçar com as obras de Jorge Ohnet. Urgia romper o cêrco.

Ora, eu sabia que Trancoso, muito calado, rascunhava um diário das suas impressões de viagem. Das viagens que ha vinte anos faz, como bom empregado público, de casa para a repartição e da repartição para casa. Tomei-lhe um punhado de folhas, li-o, e disse-lhe: “Este é o presente que exijo”.

Tentou repontar, quiz sofismar o contracto: venceu-o á força de senso jurídico e de severas admoestações.

Nenhuma lembrança do velho amigo me poderia ser mais grata do que êsses papeis em que lançou uma verdadeira porção de si mesmo. Verdadeira, porque Felício não conhece a arte dos desdobramentos literários da personalidade. Nota no memorial as espontaneas modificações de sua alma ao contacto das coisas e dos homens. Não edifica a sua obra: segrega-a. Não a escreve para

verificar ou provar que também é capaz de fazer literaturas, mas "para ter a sensação de que se expurgou de uma inevitável porção de tolices".

Assim, o seu ponto de vista de escrevedor é inteiramente oposto ao dominante: outros constroem, com esforço, uma personalidade exterior, feita de escritos, na qual põem toda a sua complacência e o melhor das suas esperanças; este deita fóra as suas ideias, como um refúgio, para conservar o equilíbrio, a saúde e a leveza do seu ser interior e inviolável — o único que vale a pena de ser vivido e cultivado, (mesmo porque não se lhe pode sair da casca).

Demais, gosta de escrever "para ter a impressão, ao relêr-se, de ser uma alma que vai vivendo, apesar de reduzida á mínima expressão social de empregado público e viajante de bonde." E acrescenta: "A lesma, na sua existência branca, só deve ter uma tal ou qual sensação de vida quando olha para o rasto prateado que vai deixando pela parede."

Com-tudo, os mais sonsos têm o seu sistema de ideias e Trancoso não escapa á necessidade. O seu ponto de vista autoral, atrás indicado, já representa uma posição filosófica diante do mundo e da sociedade. Ha mais: o nosso memorialista visivelmente gosta dos casos e coisas mais ordinários, mais mesquinhos, mais insignificantes: êsses, de preferência, regista e comenta. E' que pensa, com Chamfort, que, "nas grandes coisas, os homens se mostram como lhes é conveniente, mas nas pequenas se revelam tais quais são". Daí o sabor das pequenas coisas, que são na verdade as realmente gran-

des, porque formam os alicerces e as armaduras de tudo. O sabor? Antes a amargura.

Entretanto, Trancoso não é um scéptico nem um pessimista. Homem são na sua humana enfermidade e forte na sua complexão mediana, conhece o valor higiénico da variedade de exercícios e a conveniência de a gente se abandonar um pouco á ondulação natural do sentimento e das intuições ordinárias. No fundo, talvez, crente, — crente do bom-senso da intelligência e do coração, qualidade activa, inimiga nata do senso-comum, “consagração social e passiva de toda a sorte de pre-conceitos mendazes e de pre-sentimentos daninhos”.

Em-fim, aqui tem o leitor as impressões de viagem de Felício Trancoso. Temo que êste prefácio o prepare mal para avaliar a verdadeira indole dessas páginas despreocupadas. A eterna impertinência dos prefácios! As coisas da vida surgem por si mesmas, sem prefácios nem explicações, e no entanto conseguem perfeitamente o fim de todas as coisas: passar. Pois façamos de contas que êste prefácio já passou. Não existe.

AMADEU AMARAL

L'âme respire avec des paroles.

Unamuno — *“L'Agonie du Christianisme”*

O BONDE

Quando ia tomar o meu bonde, hoje pela manhã, o meu vizinho dr. Viegas passou no seu Dodge e atirou-me, num gesto, a fiska de um convite. Hesitei um pouco, e afinal optei pelo bonde. O dr. Viegas partiu.

Entrei no carro eléctrico, conquistei um lugar no último banco, e só depois que me vi instalado e refestelado é que me ocorreu dirigir a mim próprio esta interpelação: "Porque será que recusei o automovel? Porque preferi o bonde?" A resposta não foi immediata nem rápida; veio porém, e aqui a reduzo a conserva:

"Preferi o bonde porque não tenho pressa. E não quero ter pressa, porque estou contente, e o contentamento em mim propende naturalmente á lenteza das degustações silenciosas e chuchurreadas. Trago a alma numa pacificação pessoal e cantante, num dêsses estados de harmonia organica que crescem de dentro para fóra, como uma florescência, sem se saber porque, e porisso mesmo são mais doces. Para fruir esta eufórica disposição, preciso de estar só. E a melhor maneira de estar só é ainda achar-se no meio de uma quantidade grande de estranhos. Sentimo-nos, assim, não apenas insulados, mas diversos. Duplo círculo de segregação. Solidarietà enfestada. — E eis aí a única fórmula de *solli-*

dariedade perfeita que os homens até hoje inventaram: a união de todos para deixar cada um entrincheirado em si mesmo, como uma pedra.

Depois, o automovel me é antipático. A rapidez posta a serviço dos que não têm que fazer! A faculdade de deslocamento veloz em posse dos que menos razão teriam para correr! Assim, os relógios de bolso foram nos seus princípios um luxo de ricos, depois de apatacados; adorno e brinquedo dos que tinham mais tempo ao seu dispôr. Velha história da maioria dos inventos: charadas e curiosidades de mecanica para pessoas lunáticas ou desocupadas, acabam impondo-se a todo o mundo. Não os determina a necessidade: elles é que a suscitam. Os que trabalham de veras, os que suam e gemem na tarefa de todos os dias são os que precisariam de ter automovel, para poupar minutos, para espremer uma gota de vida e de sangue em cada segundo. Mas êsses não o podem adquirir e manter; podem quando muito sonhar em possuí-lo um dia — quando já não seja necessario.

Assim se vive perpetuamente, em busca do supérfluo; por êle nos batemos e sacrificamos. O supérfluo é-nos tão indispensavel como para certos doentes o ar das montanhas ou os banhos de mar. Nêle pomos as nossas esperanças de saúde e rejuvenescimento. A vida é uma carreira louca em pós de 'automoveis relampejantes. Poucos os agarram. E os que os agarram, apenas aboletados mandam tocar mais de pressa para alcançar um outro que faiscou ao longe. E toda esta canseira se resolve numa carreira desesperada em pós do último carro, aquele que tem dourados e negruras.

O automovel é o veículo dos que fogem a si mesmos. Qual a causa dessa febre de pressa? Vaidade ma-

terial, exteriorização do centro de gravidade psíquica. Depois, gôsto puro da velocidade, pendor infantil reencontrado na idade madura — prazer de um tropel de sensações, dominado pela sensação central e capitosa de sermos uma vertigem que vôa através do delírio das coisas. Tudo maneiras novas de embriaguez. O automovel vem da mesma prateleira que o whisky, o tango e a morfina. Tudo maneiras de uma pessoa esquivar o olho antipático e fulgurante do seu Eu profundo, o consciente, o rememorador, o censurante, o meditativo, que desperta e fala quando abandonamos o corpo e os sentidos, e os braços descansam, e o animal estatela como um mecanismo cuja corda se acabou.

O automovel é o veículo dos que não amam, apenas desfloram libertinamente a beleza das coisas. — A melhor atenção do viajante, por essas estradas, se concentra na máquina. “Como se porta? Quanto anda? Quantos quilómetros andou? Como funcionam os freios? Bastará a provisão de gasolina? Onde encontrar gasolina aos litros? Olha um que lá vem como um louco! Vamos a uma chispada! Cuidado com essa volta... Diabo, lá se foi um pneu!... — Assim, conjugado ao passageiro por todas as fibras da atenção e da vontade, o auto é como um corpo doente que uma triste criatura tem de conduzir, absorvida nêle, por entre esbarros e escorregões. E’ um prolongamento imediato do Eu material, e pois um reforço tremendo da múltipla escravidão que amarra e endolorece o espírito. O ideal do filósofo é despojar-se de tudo quanto nos limita e nos pesa: o ideal comum é encarapitar novas cargas e novos prolongamentos, novas estruturas postíças á personalidade natural.

Os homens na verdade amam todo género de escravidão, contanto que lhe ponham um nome aprazível. Dirigir um automovel é “dirigir” alguma coisa.

(Veja-se a tradicional imponência dos indivíduos atrelados a uma bolea). Chamam a isso dominar a matéria cega e a força bruta. Dominar a matéria e a força, quem o faz é o inventor que labuta no gabinete e no laboratório. Os outros apenas reproduzem a história do mágico aprendiz. — Chamam a isso fazer esporte, cooperar na obra de não sei que vago progresso. E com estas ideias se alegram. Fáceis de contentar, os homens. É pena que os forçados das galés antigas não tenham tido a consolação de algum pensamento nêsse estilo, quando se dobravam e desdobravam amarrados á mecânica extenuante do remo!

Sim, automobilistas ha que têm tempo para vêr; que colecionam sensações; que trazem braçadas de impressões da natureza, dos povoados, das caras e das almas entrevistadas. Impressões talvez nítidas, mas fragmentárias e superficiais, como fotografias. A objectividade chata e unilateral do instantaneo. Nada das penetrações, das tactilidades envolventes, das sondagens reveladoras, das adivinhações enlevadas, das apreensões íntimas, concretas, totalizantes, de uma alma em lento contacto, em luta e em núpcias com a virgindade fugitiva do real. A imparcialidade química, a mentirosa, a estúpida imparcialidade da fotografia.

Em quanto que o bonde.. Ah! o bonde é outra história. Nem tão vagaroso que dê sono, nem tão veloz que dê vertigem, tem a suprema vantagem de ser seguro e repousante. “Repousante” quer dizer que nos deixa o descanso necessario para continuarmos em lida e em briga conosco mesmos. Quer dizer que no bonde não intervém a fôrça centrífuga que nos estraçalha e nos projecta contra as coisas ambientes, na alucinação das corridas elásticas e esfusiantes. Em vez de domar a pulso umas engenhocas pomposas e traiçoeiras, acho mais razoavel e mais agradável degustar as aquisições já provadas

e certas do génio inventivo, das quais nos podemos servir sem lhes dar maior atenção. E que formidáveis aquisições, já docemente incorporadas aos nossos modos de ser! Por exemplo, êste meu Faber n.º 2, macio, leve e corrente como uma agulha sensibilíssima adaptada a um aparelho psicográfico; êste papel em que escrevo, liso e lúcido como porcelana, claro como a cordialidade, alvo como a inocência, receptivo como um espêlho; êste humilde capote de lã que molemente me escorrega dos ombros á medida que trabalho, brando com um carinho piedoso que discretamente se retira; êste meu relógio paciente e incansavel, que ha seis anos tiquetaqueia todos os minutos da minha vida, já embaciado, já com os relêvos do tempo meio delidos, já com um ponteiro meio tôrto, já com o vidro meio opaco, mas “con moto dentro” firme e obstinado no seu trabalho, sempre a cantar lá consigo, na sua vozinha martelada e tilintante, a medida perpétua de todas as monotonias essenciais dêste mundo tumultuoso.

O bonde permite que eu me concentre em mim mesmo. Não vale isso grande coisa, mas sempre é um meio de eu me sentir viver em-quanto vivo. O que não é possível no automovel á sôlta, onde a nossa alma se vai espadanando pelos caminhos como a água de uma vazilha sacolejada.

O bonde permite-me vêr de perto viver o bicho-homem, na substancial realidade dos seus gestos inadvertidos. E êsse bichinho (verme da terra, lá diz o Evangelho) é afinal só o que ha de interessante no mundo.

As próprias estrêlas são uma poeira estúpida, na sua mudez mortal e na sua mecanica fria. De onde lhes vem a magnitude e a beleza? Da pequenez e da miséria dêsse bichinho que pensa e que imagina, entre as minhocas e os sapos. A sua pequenez e a miséria o fazem visionário de esplendores.

“*Deliciae meae esse cum filiis hominum,*”

O bonde é uma galeria inexgotavel de exemplares dêsse verme sempre igual e sempre vário; uma exposição permanente, renovada a cada instante, de tipos, de esboços, de caricaturas, rica e múltipla como a vida, suggestiva como deve ser a ante-camara do Purgatório. Se as almas soassem, o bonde seria como um poderoso *jazz-band* sôbre rodas em que os uivos, os berros, os soluços, as casquinadas interiores se despenhariam em catartas de dissonancias — sem perder o fio ás grandes linhas monótonas da composição.

“Ah! o bonde, sim. ”

Depois de me dar esta resposta, achei que era um pouco longa demais para explicar uma resolução tomada em dois segundos. Mas não sei fazê-lo por outro modo. Sei apenas que é assim, ordinariamente, com todas as nossas resoluções. Elas pressupõem longos trabalhos de raciocínio e reflexão; na verdade, êsses trabalhos vêm depois, e só servem, quando muito, para as seguintes edições do mesmo acto.

No cabo de tudo. se eu ainda dispusesse de algum dinheiro sobran-te, compraria um automovel, ou mesmo uma dessas máquinas que mais se assemelham a um automovel.

* * *

UM SONETO

Saí, hoje, de casa maquinando um soneto. Não foi culpa minha, mas obra do acaso. Lendo um jornal, deparara-se-me, perdido no entrêcho de uma notícia ordinária, em que se narrava a prisão de uma negrinha gata, êste retalho de frase: "Toda a ilusão da triste Gabriela..." — Magia do número! Não foi sem razão, ó sombra veneravel de Pitágoras! que a pressentiste por tudo nas esferas como nas almas. Repeti duas, três, dez vezes êsse pedaço de frase vulgar, que é um verso inteiro e excitante. Gabriela alvejou-se-me e transfigurou-se-me logo na remota imagem de uma linda pessoa que de repente se vira nua de toda ilusão, nua como *lady* Godiva montada num asno, em meio da praça. Comecei a compôr — não, começou a compôr-se em mim um soneto:

Já não tens illusão, ó Gabriela!
Nega-ta o amor, essa comédia triste.
Nega-ta a vida. E em tudo quanto existe,
O espinho do real se te revela.

Subi para o bonde a escandir mentalmente êsses decassílabos, que para ser sincero comigo mesmo, não me pareceram maravilhosos. Mas alentava-me a esperança de que pudessem ir melhorando do meio para o fim do soneto. — O que me apepeniva um bocado era que as rimas aproveitaveis não se deixavam pegar como frangos de pés amarrados. A memória, afeita a servir-me

os torresmos do vocabulário trivial, só me deparava coisas como *fiavela*, *moela*, *espinhela*, *chiste*, *alviste*, que não se coadunavam á pura nobreza da inspiração. Encolhi-me, cerrei as palpebras e atirei-me á caça de boas rimas, exercício muito útil, para refrescar as ideas e especialmente indicado como passatempo higiênico e divertido para homens atarefados, nas horas vagas.

Ia engolfado nêsse labor — Cellini do verso! — quando senti que uns dedos me bicavam no ombro. Voltei-me, era o meu amigo Fabiano Alves, prático de farmácia, meu vizinho. Bom homem, mas confiado, e ainda com a particularidade exquisita de se achar sempre numa temperatura espiritual completamente diversa da minha.

— “Está calculando?” indagou.

Tive ganas de lhe perguntar que conta lhe fazia que eu estivesse calculando ou voando muito acima do lodacal do mundo, onde patejam os boticários sem alma.

— “Vem tão concentrado, mexendo com os lábios.”

— “Cá umas coisas.”

Fabiano entrou imediatamente a explicar que era tapadíssimo em questões de cálculo. Decididamente, não dava para essa especialidade. De uma feita, propuseram-lhe um problema, no clube de Periquitos, sua terra natal: “Um pássaro faz sete voltas em redor de uma torre de cantaria em quarenta segundos; quantas torres serão precisas para que sete pássaros façam uma volta. ” Mais ou menos isso. Coisa á toa, simples aplicação da regra de três; podendo-se também resolver rapidamente por análise. Pois levou mais de meia hora para dar com a solução! Uma vergonha.

— “Ainda assim, você é um bicho, Fabiano.”

— “Não; em matemática, serei bicho, mas de má qualidade: um burrego. De todas as sciências, a que dá com o meu feito é esta” (e batia com a larga e magra

mão sôbre a capa de um livro de espiritismo-’ é esta, a filosofia.”

E Fabiano falou copiosamente sôbre a doutrina espiritista, “a mais consoladora de todas” e em particular sôbre a moral, “sem discussão possível, a mais perfeita.”

— “Fabiano (lhe disse eu, apenas por dizer alguma coisa), você conhece a moral de Sócrates?

Ele sorriu:

— “Esse, justamente, frequenta o meu círculo. Um espirito evoluído. Adeantado!”

E dizendo “adeantado” Fabiano esticou os beijos para um assobio, que deixou subentendido. Mas eu, intrigado, questioneei:

— “Como é isso, ó Fabiano? Então Sócrates frequenta. ”

Ele sorriu com bonomia, explicando:

— “Manifesta-se, compreende? Está desencarnado ha muitos anos, desde um desastre que houve aqui na Central. Saiu com as pernas esmigalhadas. Nêsse mesmo dia visitou uns nossos irmãos, no Pará; por sinal que fez o pobre do aparelho gritar com dôres nas pernas!”

Fabiano discorria, discorria. A certeza da verdade dava-lhe um ar de beatitude. “Ele já parecia respirar o eterno, planava além de todas as coisas perecedouras, que vão da molécula ás estrelas. Este prático de farmácia, que acabava de largar o almofariz para ir comprar uma porção de calomelanos á drogaria, achava-se absolutamente integrado nos planos perpétuos da vida e do movimento universal. E o curioso é que se consolava com isto.

La sorrindo, no bonde, como sorriria um arcanjo na sua biga de chamas, através do infinito, assistindo ao florir e ao despetalar das constelações pelos abismos sem fundo. Ou como uma criança contemplando um queimar de rodinhas e traques.

Com isto, deixei de fazer o meu soneto. Quando pretendi reinvocar a inspiração, ela havia batido as asas. Um acaso ma trouxera, um outro ma levou.

Assim acontece com tantas coisas belas e boas da alma! Nascem e morrem por aí na sombra e na bruma da vida larvada. Nascem por acaso, por acaso morrem. E nós caminhamos sôbre as flores mortas dos nossos jardins interiores, como um cordão de porcos do mato sôbre uma camada de pétalas, na época da inumeravel florescência dos manacás. Mas entre a preta Gabriela e o boticário Fabiano, minha alma teve um momento de ventura inocente, embalada no berço dos ritmos e dos timbres. E, se não chegou a perpetrar nada, tanto melhor.

O melhor da poesia e de tudo quanto se lhe parece é a elaboração, o estado de graça, a embriaguez esporeante, a doce liberdade interior em que vive quem a elabora ou ruma. Talvez que o mais alto poeta seja um simples ruminante mudo de fôrmas. O mais, vaidade e pretexto. Bendita a Gabriela, e bendito o Fabiano.

RUFINA

— “Entre, Rufina.”

Quando eu voltava, hoje, para casa, lendo uma folha da tarde, ouvi soar essa frase num dos bancos de anteios. Instintivamente, olhei: Quem a proferira fôra um senhor idoso, com uma grande cara bonacheirona e sonsa, dirigindo-se a uma rapariga que, não sei por que motivo, parecia hesitar sôbre o estribo, como uma baratinha machucada.

O bonde estava parado. Quando o homem acabava de falar, o carro subitamente arrancou, e a moça ia perdendo o equilíbrio, soltando um dêsses guinchos de boneca rapidamente apertada na barriguinha. Dei um salto, voei, e quando caí em mim estava agarrando a jovem por um dos braços com a energia de um guindaste, emquanto os passageiros se levantavam á uma, como se o bonde fosse peneira de sururucar em movimento, e êles quirêra.

Larguei logo a prêsa, que, cabisbaixa e ruborizada, foi para perto do senhor idoso. Como êste me fizera uma cortesia, agradecendo a intervenção, aproveitei-me da oportunidade para pedir desculpas á menina, ainda arruada do incidente, de a ter agarrado um pouco á bruta, no receio de a vêr sofrer uma queda. Ela riu-se, com uma pontinha de desdém.

— “Queda? Ah! disso não havia perigo. Tomo o bonde em movimento a cada passinho!”

Curvei a cabeça com dignidade, como quem deli-

beradamente interrompe uma situação delicada; recostei-me, e recommencei a leitura da minha gazeta. Tentei recommear. Mas não podia dar com o seguimento do artigo em que viera mergulhado. As secções tinham feito um chassê-croasê completo. Trechos vistosos, que antes me saltavam aos olhos, agora andavam brincando de Maria-condê pelas oito páginas do diário. Cheguei a desconfiar que alguma página se houvesse evaporado. E, na correnteza das minhas emoções embrulhadas, a consciência apenas tinha força para me sussurrar: “Toma, burro! Bem feito. Porque é que te meteste? Porque é que não a deixaste periclitár á vontade?”

Já então, o gesto da moça, que fôra quase imperceptivelmente abespinhado — também, com aquele susto! — me reaparecia, em imagem, todo a arder em pura má criação. Cheguei a sentir por ela uma espécie de ódio. (Digo espécie de ódio, porque teria remorso, caso julgasse o meu coração á ligeira, capaz de tão grosseiro sentimento. O amor da justiça é inato nas almas: todos temos infinitos escrúpulos em sentenciar contra nós mesmos.)

Como quer que seja, no aceso da raiva, afastei um pouco o meu paravento, isto é, o meu jornal, e dardejei contra a rapariga uma torva olhadela de esguelha. Ela estava agora voltada para mim, de um modo repassado e calmante, olhando-me com êsse ar de complacência desinteressada com que se contempla um animal de jardim nenada o ar mais neutro e casual que foi possível. Sorri. Ela sorriu. Aquilo foi como se um céu borrascoso de repente clareasse, todo florido de nuvenzinhas recém-nascidas, castas como roupa lavada ao sol. Sorri, mais meia volta ao rosto moreno e rosado, sôbre cuja superficie, dura e lisa como a de uma figura de *biscuit*, o fumo

de um cigarro vizinho punha a indecisão aérea de um tenuíssimo nevoeiro. E ainda sorria; e pude perceber que por entre a franja dos cílios a sua iris humidamente faiscava, enviezada para o meu lado, embutida numa sedosa penumbra. E os cílios palpitavam.

..... .. *ainsi*
qu'un noir feuillage où filtre un long rayon d'étoile.

Nisto, o velho bezerrão fez sinal ao condutor e, na sua voz plácida: “Vamos, Rufina; mas não caia!” A moça riu-se de boa vontade, como um lindo modelo para anúncio de dentifrício; fez-me um cumprimento de cabeça, largo e cordial, e saltou, acompanhada pelo velhote.

Vieram-me ímpetos de saltar igualmente, mas uns temores me agarraram ao banco, pelos fundilhos, como cola. Não me acharia ela ridículo. Não daria o meu acto na vista dos passageiros? Reflecti que êste receio era estúpido. Eu tinha o sagrado direito de saltar onde quizesse. Demais, como é que se podia decentemente receber um sorriso de mulher bonita, sem a seguir, ainda que a custo de algum risco?

la eu reflectindo, quando olhei para trás: Rufina tinha desaparecido. Bolas! Encolhi-me, num acabrunhado desprezo de mim mesmo, e deixei o bonde rodar. Quando dei acôrdo de mim, era o único passageiro restante e estava no fim da linha. Só, só na solidão do carro vazio. Só e triste como a fruta murcha que ficou no fundo do cesto. A voz do condutor português rolava, irónica, conclusiva, retumbando-me na alma como a voz do pai de Hamlet nos subterraneos de Elsenor:

“Pooonto finale!!!”

O PESCADOR E O SILENCIO

“Com que então, Barbosa, você é pescador?”

Esta simples frase, dita numa voz branca, de um jeito quase distraído, me ia hoje rendendo uma quebra de amizade.

Frederico Paulo Barbosa Ramires é o homem mais calmo, sisudo e direito que jamais conheci. O senso-comum encarnou-se nêle como a seiva se infunde e se solidifica numa cabiúna. Dir-se-ia que a própria arquitetura de Barbosa fôra armada com aquele material primário: os ossos robustos, as carnes duras, o corpanzil massiço, a fisionomia densa de hoplita membrudo. Familiarizámo-nos lha muito. E nunca descobri no meu amigo uma truíca, um recanto desleixado, uma dependência indecisa e frouxa.

Vendo-o, hoje, no bonde, de caniço em punho, tive uma pequena surpresa, olhei para êle e fiz-lhe aquela pergunta inócua. Parece que lhe toquei num ponto dolorido. Não se desconcertou, nem se irritou propriamente, mas respondeu-me com um nadinha de impertinência:

— “E’ verdade; pescador. Todos têm a sua mania, a minha é esta. Não faz mal a ninguem — senão aos peixes. E’ higiênica, tem a sua dose de poesia...”

— “Bem, Barbosa, pesque, pesque, isso não precisa de justificação.”

— “Mas, se eu quizer justificar?”

Fez então o elogio da pesca de vara. Uma pessoa

fica á beira da água com a cana em punho, lança o anzol, e espera. Não ha nisso nenhum desbarato de energias físicas nem morais. Por outro lado, não ha tampouco a mínima astúcia nem a mínima violência. Fica á espera. Não corre atrás do peixe, não vai agarrá-lo. Nem o enxerga sequer. E' como quem tira a sorte. O rio trás o peixe, o peixe vê a isca, engole-a, engasga-se. Então, o pescador sente na ponta da vara um estremecimento característico, dá-lhe um meneio, e puxa.

— “Como vê (prosseguiu) a intervenção do pescador é em tudo semelhante á do acaso, ou dos acidentes cegos que semeiam o curso dos rios e de todas as coisas. Ele espera, entendeu? ali, parado. Não vê o peixe, não sabe se o peixe virá, nem de que espécie ha de ser caso venha; não sabe nada. Espera. E' de uma imparcialidade absoluta.”

— “Em todo caso atalhei, sabe que o rio é piscoso. E a imparcialidade, aí, quer dizer simplesmente que qualquer um serve.”

— “Sim. Mas o peixe, se não pegasse no anzol, seria imortal? Não teria de morrer logo adiante?”

— “Dizem que êles têm o sestro de viver muito; até duzentos anos, conforme.”

— “E você acredita isso? Quem é que contou os aniversários do peixe? E depois, olhe aqui, e depois que vem a ser um século ou dois deante da imensidade do tempo ”

— “Alto lá, nós não vivemos a imensidade do tempo, Barbosa. Com êsse artifício metafísico se tem justificado muita *pose* de espíritos inumanos e muita monstruosidade material. Nós vivemos um minuto! Esse minuto é que deve ser a nossa medida. Tudo que o excede é imensuravel. E, sendo imensuravel, é sagrado.”

— “Ahm...”

— “Mas, falando sério, você não precisa ter êsse trabalho de justificar o seu gôsto. Nada de repreensível na pesca, nem mesmo na caça. E' lei do mundo que as espécies umas ás outras se exterminem, por necessidade, por esporte, por prazer, por passar o tempo, é lei

do homem que combata as outras espécies todas e a própria. Que lhe havemos de fazer? Observo-lhe, simplesmente, que a sua filosofia piscatória poderia justificar também uma larga parte da moral corrente nas relações humanas. Lança-se o anzol, fica-se á espera. Conheci um mercador que, fisingando e aleijando o freguez, não se desculpava por outra fórmula: *Veio porque quiz! Não obrigo ninguém a comprar.*"

— "Mas está muito direito (replicou Barbosa). Ele tinha razão. Eu, dono de um negócio, daria o preço que bem entendesse ás minhas coisas."

— "Você não o faria, Barbosa."

— "Faria, sim, e você também."

— "Pois, se eu o fizesse, seria um espertalhão como qualquer outro."

Barbosa amouu, resmungou, e creio que só a sua sensatez e bonomia de animal forte, o impediu de levar adeante a contenda. Separámo-nos sem nos encarar. Fiquei penalizado com êsse primeiro fio partido na teia de seda que vínhamos tecendo ha tantos anos. Por um fio rôto vai-se ás vezes o tecido inteiro.

Todo o mal está em se falar de mais.

O que vale de véras, de véras, nos indivíduos, não são as idéas, que mudam, que ondulam, que o menor sopro de interesse ou paixão modifica, é o fundo indefinível de bondade que nêles exista. E êsse fundo mesmo, é preciso que não se pretenda apurar com fúrias de análise! Não é senão um pouco menos mudavel e incerto, nêste perpétuo *devenir* em que tudo o que vive se resume num equilibrio momentaneo e precario de elementos errantes e fluidos.

Devemos crêr nêsse fundo, sem o examinar com insistente rigor. A nossa boa vontade o faz crescer. Acreditar que êle existe é corroborar-lhe a existência. A nos-

sa fé transfunde-se no íntimo dos outros como uma levedura vivaz. E assim cada um de nós é um pouco creador; creador das mais doces coisas do mundo.

Os homens de bem são geralmente melhores do que a sua própria lógica faria supôr. Ha indivíduos excellentes que falam como cínicos ou malvados.

A palavra não foi dada a todos os homens para encobrir os seus pensamentos: foi dada á maior parte para encobrir a falta de pensamento. Felizes os que ainda têm pensamentos que encobrir! A maioria pensa á medida que fala. A necessidade de falar é que a obriga a pensar um pouco. E ha peor: a necessidade de falar a obriga por vezes a dizer coisas que nunca teria pensado.

Era preciso falar muito menos. O silêncio seria a nossa melhor cura. E seria frequentemente a melhor das satisfações que pudessemos dar de nós, em nossa irremediavel enfermidade.

No silêncio germinam as forças heroicas. No silêncio condensam-se as forças invencíveis. O silêncio é a túnica invisivel e pesada das almas inquebrantaveis, sumidas na profundidade triste da sua clarividência e da sua piedade.

“Silence and Secrecy!” — palavra de Carlyle que devia ser a divisa das almas religiosas, isto é, das almas humanas.

Os amigos deviam estar juntos apenas para se sentirem viver um ao outro, mantendo entre si êsses largos silêncios falantes que são o que ha de mais expressivo na linguagem do amor. A linguagem do amor é uma brosladura vã de palavras sôbre um fundo uniforme de sentimento. Para que sobrecarregar a brosladura? Para

que arriscar desenhos supérfluos que podem comprometer irremediavelmente o tecido? A linguagem apropriada seria musical, a meia voz, lenta como um *cantus planus* envolvido pela melancolia suave que banha as felicidades efémeras.

O mundo com todas as suas complicações miseráveis e a nossa personalidade mundana e aparente, com todas as suas pretensões, e imbecilidades, mistificações e parlapatices, deveriam desaparecer, como fumo varrido por um vento puro e purificador, diante do milagre de duas almas que de verdade se querem, — milagre! coisa incompreensível e estupefaciente, nesta raça de macacos famélicos e obscenos. E seria como se cada uma dissesse para a outra, sem dizer nada: “Eis-me aqui. Tal como sou, eis-me aqui: um pouco de lodo com duas asas. Amemo-nos, pelas nossas asas. Mas em silêncio, chut! em si-lên-ci-o... Basta o sôpro de uma palavra vã para que essas asas se rompam como teias de aranha!

“Etre méconnu même par ceux qu'on aime, c' est la coupe d'amertume et la croix de la vie...” escreveu Amiel com o seu sangue.

Dentro do silêncio, a compreensão mútua, despindo os incômodos véus da palavra exterior e dos conceitos ordinários, e mesmo da palavra interior, poderia assumir a forma serena de uma iluminação. De uma claridade difusa e divina. Para além da lógica tardigrada das magras aparências, das reflexões esterilizantes. — Poderia. Mas!...

O HOMEM QUE FUMA

Vou deixar o hábito de lêr no bonde, hábito estúpido. Vêr o homem viver é mais interessante do que lêr as historias do que ele faz e pensa, (ou pensa que pensa.) E' certo quê no bonde, geralmente, salvo numerosas excepções, vai quieto e sorumbático. Mas onde quer que esteja, e como quer que esteja respira humanidade. E os seus gestos e mômos mais fugitivos são debuxos descosidos do grande jôgo de scena que faz a dramaticidade da história.

“Todo ser humano é para mim um templo, e eu gostaria mais de distinguir os traços originais, as leves pinceladas que aí se encontram, do que de vêr o famoso quadro da Transfiguração de Rafael.” Esta opinião de Sterne em sua “Viagem sentimental”, é justamente a minha. Honra a Sterne. — Só divirjo dêle em que não gosto apenas dos traços originais, mas de todos. Aliás, no fundo, cada homem é sempre uma síntese original, um compôsto único, um exemplar sem parêlha. A nossa visão grosseira ou a nossa necessidade e sêde de catalogação é que nos obriga a converter as semelhanças em identidades e as analogias em semelhanças, a criar espécies e gêneros para vêr o indivíduo, única realidade tangível, único depósito real de humanidade vivente • vibrante.

Viajei ao lado de um homem que, pela casca, devia ser negociante de sêcos e molhados. Era, de fato. Cheirava a suor, tinha os dedos grossos e encardidos, trazia um casaco de casemira cinzenta semeado de respingos, coscorões e tintas de varias côres. Com-tudo, carregava relógio com uma grossa cadeia de ouro, guardava na pupila a chispa da independência e, em-fim, tinha êsse ar de cavaleiro garbosamente escarranchado em cavalgada mansa, tão próprio dos homens classificados e prósperos.

Mascava um tóco de charuto, soltando baforadas na cara dos vizinhos, entre os quais havia senhoras de várias idades, formatos e côres. Não lhe ocorria sequer a idea de que pudesse incomodar. Isso me irritou, e figurei-me logo êsse mesmo homem, em mangas de camisa, por trás do balcão a desfazer-se em medidas com os *habitués* do parati e em gatimônhas gentis com as cozinheiras.

Portanto, um abjecto ganhador de niqueis? um tipo que se faz calculadamente macio e untuoso quando lhe convém, altaneiro e maroto quando não depende? Não será bem isso. Para êle, ser paciente e obsequioso com a freguezia é uma fórmula de virtude. Disto se ufana. Ensina essa virtude ao caixeirinho, ensina-a aos filhos, e está candidamente plantado na convicção de que o Bem é uma coisa que logo se reflecte na gaveta.

No bonde, o sr. Joaquim já não é um negociante, é um passageiro. Aí, já não sente os limites que de ordinário lhe circunscrevem a personalidade, pungindo-lhe a carne; dá liberdade ao corpo; reveste, como uma roupa larga, os gestos e modos comuns do passageiro.

A êste não lhe incumbem senão três coisas: pagar a passagem, não fumar nos três primeiros bancos, e só ocupar o lugar de uma pessoa — o que não é difficil, a menos que tenha um volume incapaz de redução á unidade, na aritmética dos bondes. De resto, todos iguais perante o condutor e o motorneiro. Todos podem ser brutos, dentro das regras, bastante amplas, que presi-

dem a vaga policia dos carros. — O sr. Joaquim está igualmente compenetrado dêste princípio, que da mesma forma já se lhe incorporou á maquinalidade dos reflexos.

Ora, quem estiver isento de culpa, êsse lhe atire a primeira pedra! Todos, nesta vida, cada um a seu modo, não fazem senão aquilo que faz o sr. Joaquim. Todos, no fundo, vendeiros amabilíssimos com a freguezia, e passageiros que fumam nos bondes da vida muito á sua vontade.

Onde então a originalidade do sr. Joaquim? Eis o que não pude descobrir, mas tenho a certeza de que lá está, dentro dêle, como uma pérola no ventre de um gallo. Questão de tempo e de paciência. — Ha criaturas dificeis de decifrar. São enigmas que a Vida compõe para os propôr a Deus, o grande matador de todas as charadas.

* * *

RUFINA

Exquisita vaga de saudade! Ontem, ante-ontem, nada vi no bonde: nada vi senão Rufina, a moça que salvei de um desastre iminente.

A princípio, entrei a duvidar se ficara preso ao feitiço da sua pessoa, que tinha de vida e mocidade, se lhe guardara afeição apenas pelo facto de a ter socorrido. — Ha no fundo de nossa alma um veiozinho de sentimento que fica agradecido aos que nos devem serviço. E quando quem deve o serviço é uma bonita mocelona, temos evidentemente uma complicação a mais.

Ser util a alguém no perigo ou na penúria, é o melhor caminho para vir a querer-lhe bem: fica-nos pertencendo um pouco, já que nos custou alguma coisa. Andam errados os moralistas filantropos quando pregam a necessidade de amar ao próximo como condição e preparação para o ajudar e suportar. O primeiro passo é ajudá-lo e suportá-lo: o amor vem depois.

Mas isto não tem nada que vêr com o amor-amor, amor-desejo, o amor-folia; e a perturbação que Rufina deixou em mim veio muito menos do susto de que a livrei do que do filtro luminoso que a furto se lhe escorreu de entre as pálpebras semi-serradas.

.... .. *...un long rayon d'étoile!*

Ah! Rufina, meteoro rutilante perpassaste pelo ceu caliginoso de minha vida! Estarás a estas horas olvidada de mim. Nem por um momento esvoaçará por tua cabecinha pequenina e redonda a idéa de que deixaste um farpão enroscado na carne de um pobre funcionario; de que esta pobre alma, jogada de cá para lá sobre os trilhos imutaveis, está a ver-te sempre no mesmo banco, ao lado do mesmo ancião de rosto severo e pausada voz, como uma avesita ao lado de um rinoceronte. — Perdoa-me, se é teu pai, ou teu avô, ou padrinho; mas não podias ter companheiro que melhor fizesse realçar a tua brevidade graciosa e arrogante de galinha garnizé.

Não te verei mais, Rufina?

* * *

BRINQUEDOS

No bonde em que voltei da cidade, hoje á tardinha, vinham crianças com brinquedos.

Perto de mim, um senhor idoso e barbeado fazia ver ao filho de seis anos como funcionava um galante volantim mecânico, que o pequeno, mais por prazer ao tipo velho, inutilmente lidava por accionar.

Mais adeante, uma senhorita loura, sopesava uma bola nas pontas dos dedos compridos, fazendo-a girar velozmente, com prazer, como sentindo nas papilas, a carícia de uma tactilidade nova, e uma sensação optica inédita na rotação dos gomos brancos, azuis, amarelos e escarlates. E essa dansa de cores parecia emanar, pela não translúcida e ágil, como um vago punhado de flores e de borboletas, de toda aquela pessoa que se diria a propria Primavera a viajar de bonde.

Perto, uma menina embezerrada olhava esse exercicio e essa bola com um ar de proprietaria complacente, estéril de uma bola.

Na cidade, quando lá perambulei á cata do bonde, havia azáfama nas lojas de brinquedos e novidades. As crianças eram poucas, porque geralmente os grandes não gostam de sair com crianças e porque, nestes dias de festas, preferem fazer-lhes a clássica surpresa. — Na verdade, os grandes é que se divertem com os presentes que fazem; e, não satisfeitos, ainda se reservam, no seu egoismo, o direito de saborear a surpresa dos presenteados. E' com delícias que aproveitam, entre Natal e Reis,

a concessão feita pelos costumes para mergulhar a sua infantilidade envergonhada no mundo maravilhoso das coisas inúteis e bonitas.

O outrora, mais ou menos até Rousseau, considerava-se a criança como um homem pequeno. Os próprios artistas as apresentavam como adultos em escala menor. Muito custou reconhecer-se que o homem é que é uma criança crescida. Entretanto, dir-se-ia que isso entra pelos olhos.

Para as crianças ainda não crescidas, tudo é brinquedo.

O brinquedo especializado é uma invenção que os grandes fizeram para se divertirem com eles e com as crianças. Estas muitas vezes, se vêm reduzidas ao papel de usufrutuárias, ou menos ainda, ao de guardas e conservadoras dos bonitos objectos. Para elas, coitadas, tudo é brinquedo. Uma toalha enrolada, que se revestiu de um casaco velho, faz o papel de uma boneca perfeita, ainda melhor do que a própria boneca perfeita. Um cabo de vassoura pode ser um cavalo sem rival, com vantagem de não impôr ao dono sua raça, nem os acidentes da sua fôrma ou do seu carácter, mas com a capacidade preciosa de ser árabe ou *ponney*, pangaré ou ruano, *fuá* ou *poleiro*, á vontade. Uma galinha, um ferro de engomar, um grilo ou uma caixa de fósforos são divertimentos mais interessantes e de mais duravel prestígio de que o macaco de pau que sobe por um cordel, do que o trenzinho de ferro com tuneis e estações, do que o palhaço que gira sôbre o calcanhar de pinho e tilinta soalhas e guizos de lata. — Estas observações não são originaes, mas apesar disso são justas.

E' verdade que os petizes recebem com ansias êsses presentinhos de festas, e fazem a propósito um pouco de rumor. E' o atractivo da novidade. E' a pressa de vêr e experimentar. E' o prazer de dizer "meu" E' a tentação de fazer inveja aos outros pequenos. E', sobre-

tudo a mímica do desejo, do alvoroço, da cobiça, do egoísmo apropriador, que os grandes lhes têm ensinado e que os pequenos vão executando, numa adaptação mecânica do sentimento confuso e alvorecente aos recortes do gesto distinto e expressivo.

As crianças amam acima de tudo a espontaneidade da sua própria imaginação, que os brinquedos, quanto mais complicados e perfeitos, mais embaraçam. Ou então preferem a complicação extrema e sempre nova das coisas vivas. Se por natureza são assim, devia deixar-se obrar a natureza. Mas os adultos querem o artifício, todos os géneros de artifício, e impõem-os ás crianças, perturbando-lhes o viço da curiosidade espontânea e da livre investigação. Por isso mesmo, a sciência é o último luxo da humanidade, sendo o seu primeiro desejo.

A ROUPA E O GESTO

Gosto de viajar no último banco. Vai-se mais resguardado de maçantes. Pode-se inspecionar o carro inteiro, quase sem ser visto. Não se vêem caras.

Evita-se o risco de pagar a passagem para os amigos que não o são, e pode-se fazer aos amigos que o são a surpresa de lha pagar, numa traição delicada, pelas costas, — o que, como fineza, tem na sua independência um especialíssimo sabor. — Por fim, pode-se fumar sem a preocupação de ser incômodo a senhoras, por que muito raramente vão senhoras no último banco e dá-se a coincidência de não haver outro depois do último.

Aliás, deixo de fumar perto de senhoras, não por uma particular deferencia, mas apenas para não me incomodar a mim mesmo. Saborear um cigarro é prazer tão leve e tão fino, que o simples pensamento de que alguém nô-lo possa estar amaldiçoando amarga os gorgomilos e embacia a transperência azulejante das espirais.

Apesar de preferir ordinariamente o último, fui hoje para o primeiro, e fiz toda a viagem voltado para o resto do carro. Não influiu nisto o facto de eu envergar o meu novo terno cinzento e de estrear uma comburente gravata de listras amarelas e filetes encarnados.

Não. Detesto exhibições. E não distingo entre exi-

bições, sejam de roupas, sejam de talentos ou virtudes, sejam de vícios ou maroteiras. Propendo até a perdoar mais facilmente a exibição de roupas, que não é assim tão idiota como inculcam os que não a podem pagar.

Ter vaidade de uma farpela bonita é geralmente uma falta venial e, por assim dizer, exterior, que não repercute nas regiões nobres da alma; ao passo que a vaidade intelectual envenena e turba as próprias fontes do pensamento, e a vaidade da boa acção destrói exactamente essa misteriosa e fragílissima levedura de heroísmo, que é o seu único valor, — o imponderavel que a análise não pode reduzir e ante o qual o escarpêlo se detém, em-quanto faísca no ôlho implacavel do operador uma centelha de humana emoção.

E' a vaidade exterior que tem preservado na mulher o seu secreto manancial de piedade e de energias profundas. Aparentemente frívola, ella é na realidade mais forte e melhor. Os seus tecidos aéreos, as suas rendas e fitas, as suas exterioridades espumosas e florais de criatura espectacular, são na realidade umas couraças, uns adarves, umas muralhas, — são tranqueiras e circunvalações defensivas que a mulher estende em redor de si, para ir entretenendo o inimigo em-quanto ella conserva lá dentro, na intimidade da cidadela sacra, o seu tesouro e o seu altar.

Não, a indumentária (termo suntuoso, que eu sentia envolver-me, luxuosamente, como a coisa designada) a indumentária não me influiu na resolução de ir para o primeiro banco. Predispôs-me bem, quando muito; deu-me um calorzinho de optimismo e de simpatia diffusa. Isto, sim. — De onde infiro que devíamos usar mais frequentemente de roupa nova, revezando-a talvez com as mais velhas, para acentuar o efeito pelo contraste, mas em-fim usar mais frequentemente de roupa nova.

Se todos vivessemos enfiados em estojos de boa fa-

zenda e bom córte, de certo lucraria a disciplina interna das almas e com ela a facilidade e o concêrto das relações entre os homens. — Um indivíduo rudemente estrafegado pela vida, mas sempre cingido em termos correctos e confortaveis, suporta com outra filosofia e outra elegancia os baldões da fortuna. Principalmente, é claro, quando a roupa está paga.

Homens ha que são relambórios por teima, por des-caso, por sistematização inconsciente das sugestões da preguiça, da somiticaria ou da falta de gôsto. Querem fazer crêr que são assim por vontade e que vão executando um programa bem meditado. Dão-se ares de desprezar profundamente essas materialidades ineptas. E a verdade é que são ás vezes sinceros. Mas como se iludem!

O indivíduo mais sinceramente lavado de vaidades decorativas não pode, quando menos, quando menos, deixar de sentir a cada instante a discrepancia em que se encontra nos meios que frequenta. Então, para manter a sua attitude interior de dissidência, não pode evitar a necessidade de pensar nisso, de fazer reflexões que deixam forçosamente um sedimento amargo, sobretudo quando reagem contra attitudes e actos depreciativos com que esbarrou. Sendo assim, onde está a liberdade interior que êle pretende prezar acima de tudo? A liberdade perfeita e bela seria a que implicasse no mesmo desprezo profundo e sereno as materialidades exteriores e *todas* as suas consequências — a liberdade de Diógenes ou de Francisco de Assis. Sem isso não é liberdade: é um simulacro, um escamoteio, um sofisma em acção, que trás consigo mesmo a sua pena perpétua, como a sua própria sombra.

Um dos seguros efeitos da roupa nova e bem cortada é que ela cria e mantém o hábito das posições perfiladas e dos movimentos harmoniosos. Vale por um esporte. Excelente esporte para o corpo, visto que o submete a uma disciplina rectificadora e a uma continuada economia de força. Excelente esporte para a alma, que se modela á feição do corpo. — As atitudes e movimentos da alma são atitudes e movimentos corporais: a alma põe-se de pé, acocora-se, deslisa, descai, ajoelha-se, caminha direita e alegre, ou cambaleia, ou rasteja. A alma toma todas as posições de luta, desde a de um calmo e melódico guerreiro de Fídias até á de um tórpe moleque agachado e sinuoso, com a navalha empalmada e o pé igualmente pronto para a rasteira ou para a fuga.

Nas aulas de educação moral e cívica devia-se ensinar, antes de mais, a seleccionar e fixar posturas e gestos. Aquele que aprendeu uma simples maneira nova de segurar o cigarro, de puxar e soltar a fumaça, de arremessar o côto, uma certa maneira vivaz, ritmada, incisiva e distinta de realizar todos êsses pequenos movimentos, adquiriu alguma coisa que positivamente lhe modifica a personalidade, por via de ressonancias que se vão convertendo em movimentos interiores habituais. — Inversamente, para convencer uma menina de que ela deve ser boazinha, não ha como convencê-la de que assim se torna mais bonita. Ha muita menina grande que faz toda a força do seu domínio interior com a simples preocupação de não ter cara de espeloteada ou de evitar a inflamação das pálpebras. Chamfort conta de uma dama que assim se justificava de assistir com olhos sêcos a uma comovedora representação teatral: “Eu choraria; mas é que tenho de cear na cidade”

Compreende-se bem a confusão que de ordinário se faz entre o gesto significativo e a coisa significada, entre o valor da virtude e suas aparências externas. Este pratica uma acção honrada, não por esta ou aquela razão abstracta, mas para poder andar “de cabeça erguida”; aque-

le, para poder “dar uma...”, isto é, fazer um gesto violento e desaforado aos seus detractores. Conheci um homem que, dando uma grossa esmola a uma igreja, dizia: “Não é lá tanto pela religião, porque em-fim eu vivo a fazer por ela o que posso; mas é cá por uma birra, — é *um couce que eu prego* ao Alvarenga, aquele idiota, que deu um conto de réis e disso se pavoneia.”

A metáfora é mais do que um artifício pitural, é a gesticulação das almas.

Somos bonecos á procura de gestos. Estes preexistem e persistem fora de nós, e nós passamos por êles como a água passa pelos vasos e canais que a contêm e lhe dão forma, como a água *passa* pelos acidentes da própria correnteza e do próprio caminho, pelas suas rugas, pelas suas scintilações e sombras, pelas suas espumas e cachões.

Tomamo-los no lar, desde o berço, e na escola; apanhamo-los no teatro, no cinema, nos livros, nos quadros, na escultura, na rua, nas salas, na própria música, que espontaneamente se resolve em desenhos cinéticos de uma aérea e fulmínea expressividade.

Os gestos de dignidade serena, de compostura discreta e elegante estão, em parte, incorporados ás roupas distintas, como um fôrro invisível. O alfaiate corta pelo pano e, sem o saber, vai cortando ao mesmo tempo por uma tela espiritual, fabricada por duas tecelans incansáveis, a Humanidade e a Natureza.

Dizem que o hábito não faz o monge. Imagine-se o que seria um frade de S. Francisco sem o seu hábito! O hábito só não faz o monge quando êsse está de tal maneira conformado pela vestimenta, que já pode impunemente despi-la, sem de fato arrancá-la toda do corpo.

A toga foi talvez a mais importante das invenções romanas. De certo contribuiu mais do que tudo para fortalecer e ritmar, para esculturar o caráter daquela gente estrepitosa e derramada.

Por uma razão semelhante, as estátuas clássicas (isto me parece que foi dito por Alain) são fórmulas imperecíveis de idealidade ética, fórmulas que precedem e sobrevivem ao conteúdo ideal que nelas vão sucessivamente vazando as gerações.

A roupa é muita coisa, porque a expressão é tudo. Tudo quanto em nós representa ideia, pensamento, espírito, são expressões que se reflectiram para dentro e puseram um pouco de luz e de ordem no caos de que brotaram — como êsses deuses barbáricos e frustes que nasceram da pedra informe, das aguas indeterminadas, dos elementos brutos e confusos, para individuar as coisas e esboçar uma organização do mundo.

* * *

RUFINA

Hoje de manhã, ao tomar o bonde, lobriguei lá dentro um vulto de mulher e, com a instantaneidade do raio, enxerguei a imagem de Rufina. Trémulo, sentei-me, e verifiquei: o vulto era uma velha gorda e tostada. Fechei os olhos, procurei esquecer-me da velha e de Rufina — *ejusdem farinae*, afinal de contas! — e comecei a resolver o seguinte problema: qual seria a renda bruta da companhia, supondo-se que tinha em tráfego quatrocentos bondes, cada bonde transportando em média 25 passageiros? A questão me interessava, porque estou tratando de redigir uma reclamação para a imprensa contra certas irregularidades do serviço.

— Vejamos. $25 \times 200 =$ vinte por duzentos, que são 4.000, mais.. Ru-fi-na. cinco por duzentos, que são mil.. E'rre,u = Ru.. Quatro mil mais mil, cinco mil: cinco mil que? Ora; o diabo da velha! Cinco mil contos... — Desisti das contas. A matemática é inconciliável com o coração. E' inconciliável com a vida.

Como é que Newton pôde ser pai de família, ter uma esposa, ter filhos, ter affectos, preocupações, desejos, e calcular continuamente? Eu, quando alguma vespa me pica, faço até as máquinas de cálculo errar uma adição. Tudo aquilo em que ponho as mãos desconcerta, extravaga. Até o Meiquiades, meu servente, que em matéria de calma e paciência é um urso de bazar, fica esparavonado, entorta, arrebita e disparata!

Preciso esforçar-me para me corrigir. Não tanto, porém, que me torne apto a maquinar friamente com a cabeça no meio das tormentas e das delícias da vida. Nem tanto ao mar nem tanto á terra. Eu prefiro sonhar com Rufina a cavar uma celebridade em cálculo diferencial.

* * *

O GATO

Sentei-me hoje ao pé de uma velhota embrulhada num chale. Logo notei, sem ter nada investigado, que ela dissimulava qualquer coisa por baixo da manta. — Como foi que cheguei a isso? não o sei ao certo. Um movimento de suas mãos ocultas a arrepanharem o chale sôbre o regaço... o seu ar demasiado “inocente” sei lá.

Eu podia ter-me ufanado da minha perspicácia. Mas não. Nem houve propriamente perspicácia alguma; ou, se houve, foi toda inconsciente: pouco se me dava daquela mulher, do seu chale, dos seus gestos. Ser Sherlock por vontade, por estudo, por aplicação determinada e metódica da inteligência, é um esporte razoável, embora não me seduza. Mas esta espécie de “suspiciência” inata e vulgar é aborrecível como todas as inclinações tolas e baixas.

Senti-me desgostoso de mim, e mal me consolei com a reflexão, que fiz em seguida, de que o dom não me era particular, nada tinha de diferencialmente pessoal, pois que alheio a todo pensamento, a toda vontade e a toda tendência definida. E’ qualidade humana, com raízes fundas na camada mais funda da nossa humanidade. Todos temos dentro de nós um bicho indiscreto e malévolo, em simbiose com o nosso Eu distinto e consciente, que ás vezes o ignora ou faz por ignorá-lo, ou mesmo ‘he dá largas.

Arrastado pela curiosidade, antes que acabasse de reflectir, não me custou perceber que de fato a mulher escondia qualquer coisa, e que essa coisa era um gato. Um gato branco, boquinha rósea, olhos muito grandes estriados por um chuveiro de luz entre vegetações de esmeralda e ouro. Tinha um ar pouco amigável, meio enfezado, meio suplicante. — Percebi tudo isso num ápice, porque tenho a vista habituada a inspecção de gatos. E' este o animal da minha predilecção, o único semovente que me agrada sem reservas.

Gostaria também bastante dos cavalos de raça desde o possante Brabançon até o árabe naturalizado e aperfeiçoado nos *haras* de Inglaterra, por seu instinto da attitude pitórica ou escultural, se taes cavalos fossem do tamanho de gatos e se pudessem ter dentro de casa, pôr ao colo e deixar correr por cima das mesas. — O defeito dêsse animal é ser excessivamente grande. Isto o reduziu ao papel pouco distinto de mero acessório do homem, e tornou-o um prosaico objecto de utilidade ou de ostentação.

Dentre todos os caprichos da natureza, o mais estranho está nessa fantasia inutilíssima e zombeteira com que ela repartiu a força e a beleza pela escala das dimensões, no reino animal.

Os insectos, em regra, são feíssimos e fortíssimos; ao mesmo tempo, pequeninos e inaproveitaveis. Os cavalos e outros viventes grandes e belos são relativamente fracalhões. Tudo se resolveria bem se houvesse gafanhotos do tamanho de girafas, besouros do volume de vacas holandesas, pulgas das dimensões de bezerras; que motores formidaveis á disposição do homem! Entretanto, excusava que os animais nobres e formosos occupassem tanto espaço e, sendo na verdade os *bibelots* da natureza, fossem condenados ao estábulo, á estribaria, ao amanho da terra, á tracção de veículos, ao trabalho bruto, á escravidão humilhante.

Essa a justiça da grande Mãe! E ainda se isso passasse exclusivamente com os bichos! Mas, não. Toda be-

leza é escrava. Mulher, — é o alvo e a prêsa da matilha esfaimada dos instintos. Vende-se nos mercados. Aprisiona-se. Condena-se a ser uma fôrma vazia, ornada de vermelhão, de pó-de-arrôs e de joias, com a noite dentro, como a cabaça mágica do bugre. Talento, génio, bondade, amor, — tudo capturado, amarrado, explorado, torturado, agadanhado, sangrado, e finalmente reduzido a cacos, a cisco, a lama, a cinza, a pó, a pó que se espalha ao vento, entre o delírio e a confusão da macumba retumbante e frenética.

Ao cavalo, a certos respeitos, eu preferiria o elefante. Embora convivendo, em determinadas regiões, com a espécie humana, êsse, comtudo, guarda a dignidade de um escravo testarudo e resignado — obediente, fiel, mas inamoldavel, sempre intransigentemente elefante. Não tem a elegancia do nobre *equus* (elegancia, aliás, já um pouco desacreditada, como a do estilo ciceroniano), mas lá tem a sua, que lhe é própria e, além de própria, intransferivel, por mais que haja indivíduos humanos a quererem tomar-lha, na classe que compreende os grandes vendeiros, os desembargadores e os clérigos.

A elegancia do elefante, revelam-a bem certos artistas. Ha *bibelots* de louça, marfim ou bronze, em que ela se manifesta com a evidência da luz. Hierática, cheia, pesada, a massa liga-se ás proporções e aos contôrnos numa sóbria unidade de concepção e de fantasia, e tudo é um só *élan* de inspiração enternecida e brincalhona. A *gravidade* unida ao *pêso*, a paciência ao volume, a doçura á simplicidade, e um quê de majestoso, e um quê de ingénuo, e um quê de gaiato. — Apenas falta a essas composições o indefinivel encanto da vida, êsse encanto que resulta da nossa perversa inclinação para só gostar completamente das coisas que sofrem.

O certo é que, se eu pudesse possuir um elefante em casa, aí com umas dez ou dôze polegadas de altura, e

que me viesse comer á mão, e brincasse com o meu bichano, ás correrias por baixo de mesas e cadeiras, isto me seria um verdadeiro enlêvo na minha solidão povoada de imagens inertes. — O peor é que um dia... Tudo tem o seu fim nêste mundo. Seria possível que o meu *bibelot* animado devolvesse antes de mim a sua porção de fluido vital ao laboratório do universo. O meu bichano havia de andar miando tristemente pelos cantos. A minha cozinheira talvez enxugaria lágrimas, ás escondidas, ao vêr-me acariciar o Romão, á hora das refeições, na ausência do *outro*.

Gatos que miam e cozinheiras lacrimejantes estragam uma casa. Desisto do elefantinho.

A verdade é que tenho um fraco pelos gatos, e fiquei a pensar no que a mulher do bonde faria daquele. Iria deitá-lo fóra? Iria dá-lo a alguém que lhe destinasse o indigno emprêgo de caçador de ratos?

Eu estou convencido de que os gatos não querem mal ao género *mus*. Procuram agarrar os roedores por simples prazer e necessidade de brincar. E se preferem êsses a quaisquer outros, é apenas porque o rato, de todos os bichos proporcionados ao felino doméstico, é o que mais radicalmente difere dêste.

O gato só pode compreender o rato como uma coisa sem afinidade alguma com êle, mais ou menos como nós encaramos os peixes, aos quais não concedemos nenhuma sobra de respeito, nem de simpatia, nem de piedade. São objectos de um outro mundo, criações de um outro plano, obras de uma outra série. A teoria que Malebranche sustentava com referência á sua triste cadela — cujos latidos de dôr eram no seu entender simples passagem do ar pelo mecanismo da garganta — é por todo o mundo imemorialmente e inconscientemente aplicada aos peixes. O próprio dilúvio, condenação e aniquilamento de todos os viventes não embarcados, deixou á margem, isto é, dentro da água, êsses interessantes autómatos.

O rato, roedor meticuloso, destruidor frio, amigo das sombras, dos recantos ocultos, das gretas e frinchas se-

cretas, dos buracos dissimulados e recônditos, grande trabalhador sem horizonte, medroso, tenaz, esperto, estúpido, o rato é o antípoda psicológico e moral d'este príncipe dos quadrúpedes, deste poeta de pêlo, deste artista de garas, d'este sonhador indolente e desdenhoso, que compreendeu a imensa utilidade de não fazer nada, amigo do sol, das noites de lua, dos jardins floridos, dos telhados altos e desertos.

Este, quando procura a penumbra e o aconchêgo, é no borralho familiar onde o fogo deixou um pouco da sua alma quente e errante, é entre cobertas moles e cariciosas, é no regaço quieto das pessoas pensativas, ternas ou tristes.

Acusam-o de ser desamoroso e ingrato. Julgamento mesquinho. O mal do gato está unicamente em não ser nem servil nem serviçal. O homem só compreende as afeições no seu tríplice aspecto de promessa, desejo ou saudade de serviços. (Triste de quem as concebeu algum dia como um culto e um puro gôso interior, esquecendo-se de que a vida que vale é a que se processa e corre da periferia do corpo para fóra!)

O gato saboreia melhor do que os próprios donos a fina flôr da humanidade, aquilo que ha em nós de mais selecto, é despreza tranquilamente o farelo. Por isso é que se apegas mais á casa do que ao habitante, como alguém, de refinado olfacto, que preferisse, numa paisagem, o ar embalsamado por um resto de perfume de flôres ausentes.

O homem canta — “Home, sweet home!”, e vai para a pandega, a dissipação, o tráfico, as feiras dos negócios, dos vícios e das vaidades: o gato fica, adorando com recolhida finura o melhor producto do homem, o melhor retrato do homem melhor, a Casa, a Casa onde o fogo prisioneiro canta a ária encantatória das coisas perpétuas, verazes e substanciais, a mesa em tórno da qual a famí-

lia reparte o pão cotidiano em paz no meio da tormenta, as paredes de onde pendem alfaias e recordações, as portas em cuja tela de penumbra se enquadraram vultos amigos que nunca mais vieram empurra-las, mas parece às vezes que vão chegar a todo momento, que andam ali perto, ali. — A Casa! A Casa do Homem, em tudo superior ao habitante que passa, ao hóspede mofino de uns dias fugazes; ilha de estabilidade, de composição, de recolhimento, de segurança e de amor, no meio da instabilidade, da precariedade, da confusão, do desperdício, da angústia e da loucura universal.

O homem faz a sua casa e foge dela; ainda lá dentro, foge em espírito; não chega a compreender nem a sentir que fez um mundo, um mundo maravilhoso, para o qual todo o mundo grande, desde tempos imemoriais, vem acumulando infinitos elementos; um pequeno mundo sensível e supra-sensível onde a soma dos elementos imateriais é incomparavelmente maior do que a dos outros, onde cada pedra ou tijolo, cada movel, cada quadro; cada retrato, cada canto encerra uma saturação imensa de humanidade e de vida vivida e vem a ser mais rica em poder irradiante do que a mais carregada *petchblend*...

Mas eu estava em que os gatos não têm aversão aos ratos. E não têm. O que ha é que são antípodas uns dos outros. O bichano vê no rato um simples mecanismo, bom para esporte e brinquedo.

E' verdade que das brincadeiras resulta muitas vezes o óbito da presa. Mas é natural que um gato não tenha ideas claras acerca dos sofrimentos e da morte.

Nós, que somos gente, ou tendemos a isso, apenas sentimos que ha dôr no mundo por experiência própria e individual, e nada nos custa como acreditar que a experiência dos outros possa coincidir com a nossa.

Por isso o rancor é dez mil vezes mais comum do

que a piedade; além de que a piedade é frequentemente uma fôrma de rancor fatigado.

Quanto á morte, pode-se muita vez duvidar que seja motivo de mágoa para algum dos que ficam; ao passo que se tem a certeza de que é festa para os herdeiros, pão para os gato-pingados, rócio para várias indústrias, e espectáculo para os vizinhos do falecido.

Tive ganas de vêr se a dona quereria vender-me o gatinho, mas deteve-me a dificuldade do transporte. Se eu o levasse na mão até á secretaria, rir-se-iam de mim pelo caminho e na repartição. Carregá-lo no bolso, impossível. Mandá-lo levar a casa, despesa. Eu nêste ponto me pareço muito com toda a gente: sou comodista e económico em matéria de prazeres do coração.

Desisti da compra e consolei-me com os poetas que amam damas imaginárias, sob o pretêxto de que as de osso e carne são imperfeitas, mas na realidade por uma questão de economia: pús-me a pensar amorosamente num gato ideal. E desfiei de memória aquilo de Beaudelaire:

*Viens, mon bon chat, sur mon coeur amoureux,
Retiens les griffes de ta patte.*

Logo o enxerguei junto de mim, grande, perfeito, maravilhosamente gato, lambendo a mão com a lingua rósea, o olhar tranquilamente perdido no borbórinho das ruas, e como que a repetir aquella sentença grave de Eurípides: "Zeus aborrece os homens atarefados e os que se agitam demais"

O gato é uma das mais completas expressões de beleza dadas ao mundo. Completas? Digo mal. Nem nós esgotámos todo o seu potencial, nem o próprio acabou de se realizar. Como os colibris, as rosas e os periquitos, é uma obra-prima, feita pela Natureza no caprichoso intento de mostrar como aquela que faz montanhas e mares é também capaz de compôr coisas de paciência, de fantasia graciosa e de gôsto quintessencial.

Desconfio, porém, às vezes, que não foi a Natureza, mas o próprio Deus quem modelou êsses objectos com os próprios dedos, para humilhar o homem e divertir os anjos. E que os anjos os deixaram cair á terra por descuido, ou para os destruir. — E' talvez por isso que os periquitos têm a cabeça achatada, e aquele arzinho de devotos irónicos, e aquele ânimo desconfiado e áspero que faz com que se irrite e escancarem o bico recurvo quando os queremos acariciar. De certo, é pela mesma razão que os gatos conservam essa aura de humana nostalgia que os distingue, essas atitudes de insatisfação gemente e errabunda, êsses enrodilhamentos imoveis e solitários, com os olhos estanhados, esfomeadamente arregalados para o ar, como na desesperada esperança de vêr cair alguma traga migalha do paraíso perdido!

APENDICE DO GATO

Meu Deus, como a arte de escrever é difícil! e como eu faço bem de não escrever senão para mim mesmo! A' medida que vou enchendo estas minhas costaneiras de almaso, trezentas coisas que eu dantes não suspeitava, se me apresentam, — pequenos e grandes problemas de composição e de expressão, de lógica e de verdade, de método e de maneira. Enxergando-os, palpando-os, sentindo-os bulir sôbre a lauda como insectos descobertos e espicaçados pelo bico da pena, surpreendo-me de os vêr tão numerosos e tão estranhos; e goso um indefinível prazer: o prazer de não ser obrigado por coisa nenhuma, a atormentar-me com êles.

Um exemplo de inadvertência galucha: falando de animais bonitos e nobres, dei a minha preferência, precipitadamente, depois do gato, ao cavalo e ao elefante. Entretanto, seria tão natural que tivesse reflectido em que os vertebrados, geralmente, são belos e que os ha tão encantadores como aqueles! Tanto mais quanto Remy de Gourmont, nas suas *Dissociações*, já o fizera notar.

Na verdade, só ha um animal feio, é o homem. O Esporte, que se applica em fomentar a beleza física da espécie, tem nesse ponto fracassado, uniformemente, em toda a parte do mundo. Só apresenta individuos bonitos quando os colheu da natureza. Belos, sempre muito raros, êle não os revela em maior número do que o simples Acaso. O aspecto ordinário das suas legiões é desencorajante. — Os esportes particulares deformam,

dando excessivo desenvolvimento a certas aglomerações musculares. Pensou-se em remediar, doutrinando o atletismo completo: vão-se com isso criando deformações generalizadas.

Veja-se entretanto um coelho, um veado, uma onça, um porco do mato em condições normais de desenvolvimento e saúde: cada qual, dentro dos princípios da sua construção respectiva, é uma obra deliciosa de acêrto, de *rêussite*, de precisão sem sobras e sem falhas. Surge-nos sem traços de esforço nem de intenção, com a corrente naturalidade de um descuido! — Conformação e movimento, todas as particularidades de conformação e de movimento permanecem dentro de uma lógica infrangível, de uma unidade perfeita, de uma economia necessária, onde cada coisa tem um valor e entretanto se engolfa e se dissimula na totalidade. Nada que estale, bambeie, descaia, descole, descontinue: um admirável concêrto de transições e transformações simultaneas e sucessivas. O jôgo das massas e dos contôrnos perde-se fluidicamente em si mesmo. Cada imagem emerge da precedente como numa espiral de fumo, dissolve-se na seguinte como num caleidoscópio sem recortes e sem chovalho. Tudo facilidade, afinação, fusão, correnteza, equilíbrio, tudo aquela suprema simplicidade que é o nome familiar da complexidade infinita na perfeição.

Bem, mas porque foi que eu cometi êsse êrro? Porque estava possesso de Rufina. A imagem da moça do bonde se interpunha entre mim e os bichos, o som da sua voz golpeava cada momento a membrana fragílissima das minhas ideas, os seus gestos rápidos rebentavam a todo instante o meu colar de missangas. Embalde eu protestava que ela era mais feia do que o elefante, menos perfeita do que uma leitôa. Embalde eu procurava es-

quecer, embrenhar-me no meu produto como a aranha no seu, embriagar-me com êsses pensamentos de luxo, suspender-me a essas teias, atar as minhas arrobas ao vôo dessas borboletas extra-terrenas. E, na verdade, nem agora consigo exconjurar aquele demónio.

* * *

UM ROMANCE

Entre os passageiros com os quais freqüentemente me encontro, pela manhã, ha uma bonita mulata, não de olhar azougado, mas calmo e um pouco triste. O condutor cumprimenta-a com respeito, e trocam notícias de família. Veste-se com decência e modéstia. Sobe e salta sem ruído, instala-se no seu canto e não se mexe. Tem as mãos lisas e mórbidas, os dedos compridos e afusados; as unhas ogivais parecem recortadas em porcelana. Usa sáias pouco acima dos tornozelos. Os pés, pequenos e arqueados, comprimidos em botins de couro, sob a massa movediça das sáias, têm uma graça hesitante de passaros timoratos. Será o pudor dos botins?

Essa criatura acabou por me interessar. A freqüência das suas viagens, a constancia dos seus modos, a sua beleza um tanto fanada, o seu donaire involuntário de juriti meio desplumada e taciturna, a sua familiaridade *familiar* com o condutor, em-fim o contraste entre o abafado concêrto da sua pessoa e as mulheres brancas e chiques de braços e pernas ao léu, tudo me intrigava. A custo obtive umas informações vagas. Ontem, finalmente, encontrando-me com o práctico de farmácia, o homem do Infinito, ouvi dêle a informação cabal.

“Pois não a conhece? Não conhece, de veras, a Florinda?” — Contou-me toda a história de Florinda, a mesma história de tantas outras, tantas outras Florindas, e finalizou: “Hoje, uma senhora. E ainda bonita, não viu? Costura fóra de casa. E’ companheira de um em-

pregado aposentado dos correios, um *casca*, velho, reumático, bravo como um gato sarnento. Serve-lhe de irmã de caridade, de cozinheira, de mãe e de filha. E até de armazem de pancadas.”

* * *

E’ aquilo de Amiel: “Pas un brin d’herbe qui n’ait une histoire á raconter, pas un coeur qui n’ait son roman...” que é aquilo mesmo de Emerson: “Todo indivíduo tem uma história que valeria a pena conhecer, se êle pudesse contá-la, ou se nós lha pudessemos arrancar” — Cada um carrega em si um epitome do drama humanal, tecido de trevas e de lumes. E cada um nos dá uma sensação de humanidade imensa, como cada onda pode dar a vertigem do abismo.

* * *

LENÇO PERDIDO

Quando eu acabava de saltar do bonde, esta manhã, ouvi atrás de mim um *pchiu!*, voltei-me, e um passageiro, homem do povo, esticando o braço até ao meio da rua, me apresentou um lenço que ficara no banco. Apalpei os bolsos, não me faltava lenço nenhum. Tive pena de que o objecto não me pertencesse, porque pareceu-me que sem isso o meu agradecimento não encaixaria perfeitamente com a amabilidade do homem. Por um instante, pensei em aceitar o lenço, mas prevaleceu o austero dever, tirei o chapéu, agradeci, e fui-me. O homem ainda me pediu desculpa e ficou a olhar em redor, a vêr se aparecia o legítimo dono.

Segui o meu caminho a fruir esta agradável impressão — que ainda ha muito sentimento sadio e cordial por êste mundo! A honestidade do acto, valha a verdade, não era grande. Os objectos transviados são quasi sempre restituídos, quando de pouco importancia. Mas a galantaria do gesto! Linda coisa, a galantaria. A honestidade, afinal, é uma obrigação. Tem um principio passivo. E' uma astúcia do egoismo socializado, que evoluiu para virtude, como o reptil se fez pato. Mas a galantaria é soberana: impulso livre, acção de luxo e primor, dom incompulsório, fantasia espontânea do coração, *scherzço* garboso e supérfluo da vontade senhora de si mesma. — O excesso da medida justa vale a medida inteira.

Ia eu a pensar estas coisas apraziveis, num passo

vagaroso de quem vê que carrega borboletas no ombro ou no chapéu e não quer afugenta-las. Ao entrar num café, dei com o homem do lenço na minha frente. Notei que tinha o nariz vermelho. Sorriu-se, descobriu-se e, inclinando a cabeça para um lado: — “Seu doutor, não tem aí uns nicolaus que lhe sobrem, para eu tomar um pingado? Dei-lhe os nicolaus.

* * *

CANUDO—DE—PITO

A manhã, hoje, era uma festa, e o meu bairro, todo em manchas aéreas e frescas de paredes claras, telhados vermelhos, jardins verdes, morros azulegos e violácios a derreterem-se na distancia como caramelos, me divertia como uma paisagem reflectida numa bola de cristal. Eu não tinha senão olhos, em-quanto o bonde corria. “Corre mais de vagar, bonde do diabo! que assim como vais se me atrapalha tudo. — Corre mais depressa, bonde do inferno! que assim lentamente a desfilada das coisas mal se liberta da rigidez e do peso.”

De repente, do meio da grande nuvem escura de um velho bosque, saltou como de um capulho, uma nuvem amarela, a fronde arredondada de uma arvore de ouro. “Olhe, que lindo!” (disse eu ao meu vizinho mais chegado, o sr. João Cesario da Costa, capitalista, 48 anos). “Veja aquele ipê!” O meu vizinho deu uma olhadela e informou friamente: “Canudo-de-pito”

O facto de se tratar de um canudo-de-pito, e não de ipê, madeira de lei, influia decisivamente na reacção da sua sensibilidade ante aquele quadro fugente e alucinatório. O mundo, para ele, reduziu-se a uma coleção de conceitos, ou a um dicionario illustrado. Costa não foi composto para comunicar directamente com as coisas, no absoluto momentaneo e original da sensação, nêsse largo e surpreendente aquem da idea e do pensamento, mais maravilhoso e menos triste do que o Alem por onde vagam os Fabianos.

A civilização cada vez mais afasta os homens do contacto immediato e regenerativo das coisas sensiveis. Só

as enxergam de longe e de viês, através dos tipos, modelos, noções, definições, poeira brumosa de abstracção, sob a qual a intimidade fluente e jovial do mundo se desvanece, e a alma encantada da criação foge como um Ariel zombeteiro. Deante de uma paisagem, não vêem a paisagem, mas uma colecção de objectos e de efeitos conhecidos e explicados, formando um conjunto visual de acôrdo com meia dúzia de normas laboriosas. Deante de um sêr vivo, desarticulam as partes, (como se um ser vivo, como se as coisas tivessem na realidade *partes*) examinam medem, subdividem, espedaçam, e cada acto dêsses decorre de uma idea feita, de um critério preconcebido, de uma prefiguração normativa, de uma série de operações mentais anteriores ou presentes. A grande descoberta instantanea tornou-se impossivel. O delicioso milagre só se revela a quem confia, franciscanamente, na luminosa estupidez do seu instinto e dos seu sentidos, e ingenuamente se lhes abandona, como o pássaro se deixa librar nas suas asas.

Porisso, um imenso repositário de beleza jaz inexplorado e ignorado no mundo e na vida. Quanta mulher feia por definição não é por natureza uma coisa formosa! Quanto rosto irregular, escabroso, macilento, não guarda, um pouquinho mais além dêsses acidentes, dissimulado como um seixo branco no fundo de um rio, uma harmoniosa, suspreendente disposição fundamental de linhas, de relêvos e de contôrnos! E a quantidade de beleza que não se vê porque o objecto em si mesmo é desprezível ou repugnante! Um charco é uma imagem intellectual e oratória de dissolução, de paralisia, de morte, de decadência; é um foco pestilente, uma chaga aberta na terra, tapada de moscas, de vermes, de batrácios: um horror “por consequência” Uma cobra — puh! medonha! Entretanto, olhem para isso tudo como uma criança, com a atenção e a curiosidade nuas de uma criança que não conhece nada, não sabe nada, não teme nada. O charco talvez nos apareça, cheio de azul, como um buraco da terra sôbre um abismo sem fundo, todo lava-

do de claridade e povoado de nubes joviais. A superfície da água, aqui lisa, ali borbulhante, além com placas e refêgos de nateiro grosso, ora arripiada pelo vento, ora quebrada por um bicho que se mexeu, toda betada de sombras movediças e de reflexos morrentes, golpeantes, explosivos, filiformes, maculares, difusos, — como se andasse ali a dissolver-se uma taxada de luminosidades, de negruras e de côres, pode ser um retalho fresco e maravilhoso de beleza arrancado ao monturo da realidade intellectiva.

A cobra, essa é positivamente um objecto encantador. Vê-la enrodilhar-se é apreender a nitidez perfeita da imagem, aliada quasi paradoxalmente á cambiante contínua. Vê-la caminhar é ter a impressão de um liquido que se solidificou conservando a propriedade de escorrer.

Vai tão subtil e estreitamente adaptada aos altos e baixos do terreno, que se diria que a cobra não existe, é um simples movimento ondulatório do solo, um fragmento funiforme de sismo, uma estilha perdida e deslissante de terremoto. Esse corpo sem membros parece tambem não ter ossos, e apenas se percebe que é formado de aneis ou forma aneis á medida que se move, e que êsses aneis se desmancham, mal se desenharam em outros que vão desvanecer-se de igual maneira: um devaneio maluco objectivado.

E' um pau que se fez cipó e um cipó que parece querer voltar aos enlaces e aos balanços com as ramas. Irritado, arroja o bote com a fulminante rapidez e a fatalidade mecanica de um galho sêco atirado pela raiva súbita da rajada. Como se tivesse barbatanas e asas invisiveis, boia, nada, vôa pela superficie da terra, e, quando se diria que lhe vai fugir, mergulha por ela dentro.

Vejamo-la em repouso: é uma obra exquisita de tapeçaria, com desenhos tão bem arabescados e côres tão bem distribuidas, que os nossos olhos se espreguiçam como ela e, como ela o nosso prazer se enrodilha e se esquece nas suas próprias rôscas, e sonha

Disse Boileau, sentenciosamente, como sempre:

*Il n'est pas de serpent ni de monstre odieux,
Qui, par lyart imité, ne puisse plaire aux yeux,*

— mas quais são os monstros odiosos para os meus olhos? não têm ódios nem amores. Tudo é natureza, tudo é espectáculo, tudo é necessário, tudo é expressão da multiplicidade sem fim na unidade substancial do infinito mistério e da infinita beleza.

No meio dêsse infinito, que nos cerca, nos trespassa, nos convida, vivemos um tanto á maneira daqueles dormentes estatelados nas ruas, nos palácios, nos pátios, nos jardins, nos mercados, nos templos e nos bosques do conto oriental. Principes, vizires, xeques, mercadores, ganhões, — todos alheios á magia do espectáculo colorido e mobil do mundo, êles próprios mero espectáculo para os olhos de um triste fugitivo e da sua amorosa e assustada companheira.

* * *

RUFINA

Se eu fosse Rufina, hoje recostado no banco do bonde, enquanto um céu muito lavado se arqueava sôbre todas as coisas, e um grande desejo de amor e ventura abrolhava nas almas, que teria feito? Teria pensado naquele passageiro desconhecido que me arrancara aos braços da morte; ter-me-ia lembrado com infinito carinho daquele homem tão corajoso e tão tímido, e teria refletido que por força êle devia ter um grande coração e uma alma adolescente.

Pensaria, outrossim, que êle provavelmente era solteirão, pois os homens casados não são assim tão solícitos, ou pelo menos tão tímidos com as damas. Pensaria que êle devia viver só e melancólico, habitando uma pensão inóspita, ou uma casa de família onde ansiasse rodeado de intimidades e ternuras que não eram para êle. E tanta coisa mais!

Entretanto, quem sabe lá o que Rufina áquella hora pensaria! Pensaria nalgum namorado vulgar, suavemente grosseiro e agradavelmente chato. Ou talvez estivesse com êle, mãos nas mãos, olhos nos olhos. Esta idea me perturba e me desalenta. Aquella mão rósea e mole ficaria tão bem na minha, ossuda e pilosa! Aquele braço torneado encaixaria tão deliciosamente ao redor do meu pescoço! E eu me sentiria tão ufano e pacificado, como um gato no borralho, ao calor do seu corpo e do seu coração! Poderíamos estar aqui juntos, ela bordando tranquilamente um pano de mesa, uma almofada, ou lá o

que lhe desse, e eu, quieto, a esta secretária, bordando as notas felizes de um memorial de venturas brandas, a interrompê-lo de quando em quando para dar um ósculo á minha gata.

Mas aquella pestinha é lá capaz de sonhar por esta mesma partitura!

* * *

LOUVA—DEUS

Tivemos hoje, á ida, um inesperado companheiro de viagem. Não sei quando nem como se aboletou no carro; só foi notado ao levantar o vôo do chapéu de um cavalheiro velho para ir pousar no seio de uma senhora gorda, copiando a abelha da pequena ode de Anacreonte. A senhora gorda enxotou-o, num gesto de susto muito gracioso, como convinha ao sexo. O bicharoco, executando um rápido vôo *plané*, foi aterrar no ombro de um rapaz elegante. Este se aprestava para lhe desfechar um tiro com o dedo médio armado em aríete, quando êle se passou para as costas de um homem distraído, onde se deixou e o deixaram ficar.

Uma vaga de hilaridade desencadeou-se no bonde ao toque das asas daquele forasteiro. Todos lhe acompanhavam as evoluções com sorrisos. E alguns manifestavam na cara uma curiosidade lorpa, como se estivessem diante de um invento completamente novo. Porque essa hilaridade? Problema complicado e escuro. Lembro-me de Bergson, mas não vejo como aplicar ao caso a sua teoria. Até nova ordem, penso que o riso proveio apenas de que o bonde não é veículo para passageiros dessa classe; de que o lugar habitual onde imaginamos o louva-Deus não é o bonde, não as ruas ladeadas de prédios, calçadas de pedras, atravancadas de carruagens e caminhões, riscadas de fios de metal e pontas de cimento, — e de que os passageiros sentiam, ou melhor, não

sentiam, mas tinham necessidade de deixar vêr uns aos outros a impressão de desconcerto ou desconveniência que o transviado lhes produzia.

De facto, a mecanica do riso assenta no irreprimivel instinto de comunicação próprio do homem. Como o pranto, o riso é uma fôrma de linguagem, em grande parte inconsciente, destinada a comunicar o incomunicavel, a exprimir o inexprimivel, o que não se pode, não se sabe, não se quer ou não se pensa exprimir por palavras ou por gestos que lhes equivalham. (Se é certo que rimos e choramos a sós, tambem é certo que falamos conosco mesmos — e todo pensamento é diálogo interior — sem que porisso possa negar-se o character eminentemente social da linguagem articulada, cujas origens supõem fatalmente troca, relação entre individuos, fixação colectiva de sinais sonoros). A mímica do pranto e do riso nasceu provavelmente da necessidade de se solidarizarem e coligarem os animos, na horda primeva deante do perigo, da contrariedade ou do benefício comum que iam encontrando pela frente. Seria um elemento de coesão sublimavel. Uma circulação rápida de psiquismo colectivo. Com o tempo, isso se teria reflectido e entranhado no individuo, até assumir uma sorte de vida interior, independente. Mas a inconsciência do seu mecanismo inter-individual aí está para lhe atestar as origens gregárias. — Somos ovelhas que se vão apenas destacando do rebanho por ligeiras diferenças de pêlo, de dimensões ou de andadura; mas a alma da ovelha pertence mais ao rebanho do que a ela própria.

E se tudo isto estiver errado? Não importa. Para um simples passageiro de bonde, as ideas são como os bilhetes de loterias: é preciso jogar em muitas, para ter pro-

habilidade de acertar em alguma. E ainda o melhor é não acertar. Criar fama de rico é uma das mais graves maçadas que possam cair sobre quem não necessite de tanto numerário. Responsabilidade social muito pesada. Admiradores. Compromissos. *Facadas*, amabilidades, invejas, intrigas, amofinações... Que bom travesseiro, a pobreza!

A mim, o que me fez sorrir diante do louva-Deus foi o riso dos outros, tão saudavelmente natural e estúpido. E foi também o próprio louva-Deus, natural e bobo como êsse riso.

O louva-Deus é talvez um simples brôto que de repente se animou, mexeu as suas folhazinhas tenras mal transformadas em asas, saltou, olhou o mundo em tórno com os dois olhitos esbugalhados que se lhe acabavam de pôr — e esqueceu-se do papel que vinha representar. Todo trangalhadas e todo indeciso, na sua irrepreensível casquinha verde, é como um mascarado tonto que não tem coragem de ir ao baile nem sabe se ha de voltar para casa, e fica a estatelar-se macambúzio pelas esquinas.

Desconfio agora que o louva-Deus talvez fosse um broche que um artista primitivo, das cavernas ou das palafitas, modelasse no barro verdoengo de algum açude, dando-lhe, por inabilidade e por fantasia, uma feição de monstro quimérico e grotesco. Um dia, a senhora Natureza, num momento de nervos, confundindo-o com os seus modelos infelizes e inacabáveis, ter-lhe-ia comunicado o sôpro da vida, lançando-o fóra: “Em-fim! sume-te, diabo!”

Outra hipótese. Esse e, com êsse, muitos bicharocos parecem ter sido produzidos pela artífice quando ela ain-

da não podia desprender a imaginação dos liames do concreto. A minhoca teria sido tirada de uma raiz de tubérculo. A serpente, de uma haste de foraminífera. O besouro foi talvez copiado de um caroço de mamona. O elefante originar-se-ia de uma pedra viajada, do período glaciário, que por acaso se tivesse vindo sustentar em cima de outras pedras menores e espaçadas. O lagarto, de um estilhaço de pau nodoso rachado pelo raio. Os peixes não teriam vindo da sugestão de um cardume de folhas polpudas caídas de grossas plantas aquáticas? E o morcego? O morcego foi de certo imitado de um pequeno guarda-chuva esfrangalhado pelo vento. (Com-tudo, não estou seguro da existência pre-histórica do guarda-chuva).

Só depois, muito depois, a Artista se libertou das formas anteriores para as inventar novas e mais perfeitas — o galo, êsse objecto de luxo, o cisne, êsse sonho de paz e perfeição, o gato, essa pequena mistura de inocência e de malignidade, a mulher... Ai, a mulher! complexa obra de fantasia terna, cruel e humorística: cisne, galinhola e gata. Rufina, meu amor, eu advinho que tú és isso tudo!

Tive também um acesso de ternura pelo coitado do meu louva-Deus, perdido entre paralelepípedos e almas, na cidade poeirenta e dura, longe do fluido verdor fresco das moitas e dos aguaçais. E lembrei-me do meu tempo de menino, lá muito longe (muito longe, muito longe, num outro mundo que já nem sei se existe!), onde o louva-Deus se conhecia por *cavalinho de Nosso Senhor* e onde me divertia com outros pequenos a caçá-lo, para o vêr fazer a sua oração de mãos postas e para lhe amarrar um cordelinho a uma das patas traseiras.

Vi os agros lavrados, grandes remendos postos ao manto das lombas, com estrias rôxas de terra e bordados verdes de planta nova. Vi a vegetação mole e tuada dos grotões por onde a água corria e ofegava, como

rapariga surpreendida nua. Vi o empastamento violáceo-azul-fumaça dos morros distantes. Vi o risco sangrento do caminho velho através da solidão virgiliana dos pastios. Senti o cheiro salubre das macegas. Ouvi ranger a velha porteira pesada e pensa, ao pé do valo esboroadado, entupido de gravatás, á sombra do pau-d'alho fechado e baixo como uma cabana triste. Ouvi écos errantes de vozes grossas a chamarem pelo gado, de cantigas de lavadeiras no córrego, do jôrro da bica a referver no esqueleto negro da roda de água. E havia no meio de tudo isso, ainda mais distante, mais real e mais irreal, mais vivo e mais sonhado, um toque fremente e forte de buzina de caça, lá pelas barrocas e pelos cerrados desertos, um toque ululante; ansioso, resolutivo, que estraçalhava o silêncio com impetos heroicos e melancólicos, de desafio e de saudade.

Transpassou-me a alma hereditária de lavrador desenaizado um sentimento agudo de solidão e de incomunicabilidade, e fiquei a olhar para o louva-Deus na ansia com que alguém, perdido em terra estrangeira, se poria a amar de longe um compatriota com quem houvesse topado por acaso. (Assim as nossas ternuras vêm sempre acabar em nós mesmos. Ai, senhor duque de la Rochefoucauld!)

Viajava a meu lado um moço atochado de conhecimentos exactos. Disse-me, com certa indignação, que o louva-Deus, *mante religieuse*, é um dos seres mais sinistros da criação viva: a fêmea tem o indelicado costume de devorar o incauto esposo logo no festim de bôdas (ao contrário portanto de outras que comem os seus aos boCADINHOS, a vida inteira).

Eu já sabia disso pelos "Souvenirs" do Fabre; mas o moço tinha prazer em me instruir, e eu não lhe quiz aguar essa satisfação, não de todo inocente, mas toleravel. Não lha tolerei por generosidade, mas porque não

queria jogar com êle a scena dos dois pedantes que se travam de sabenças.

Tenho pavor a essa especie de gente, (aliás estimavel, posto que daninha) a essa espécie de gente que vive a verter sabidelas decoradas por todas as juntas, como pipotes de melado em que não se pode pôr o dedo sem sentir o pegajoso das escorrências. São sucursais vivas da tipografia. São jornais parlantes, cheios de reportagens, de sciência feita, mas sem artigos de fundo e sem rodapés literários. A *sciência*, para êles, é o *refugium*, desde que se reconheceram anémicos de bom-senso, de imaginação, de sensibilidade e privados dessa divina capacidade de simpatia cósmica, que faz as almas verdade... Mas não vale a pena repetir Nietzsche.

* * *

SANFONA

Tivemos hoje concêrto de sanfona durante a viagem da tarde. O homem tocava bem, e tocava de tudo.

Amo de coração estes artistas humildes, que têm a paixão da arte, com o mínimo possível de cálculo, ou sem nenhum. São, na sua imperfeição, mais artistas do que muitos outros mais habéis, mais cultos, mais refinados: não procuram na arte senão o seu prazer — sem pensar em proveitos; e exercem-na com a simplicidade e a inocência de quem pratica os actos mais ordinários da vida. Dão generosamente e anonimamente o que têm, o bom e o mau, o certo e o errado, sem presunção e sem torturas, e vão seguindo o seu caminho. Quem gostar, goste á vontade; quem não gostar, perdôe; e, se não quizer perdoar, é o mesmo. Que boa, alegre e higiênica maneira de ser artista! Durante vinte minutos, o homenzinho da sanfona foi o único que veio deitar um pouco de alegria purificadora na alma fechada e amarrotada de quarenta e tantos passageiros.

Pela minha parte, Deus lhe pague, *frater* desconhecido!

* * *

EMBRIAGUEZ

Viajou hoje no bonde um homem embriagado, meio dormindo. Quando chegámos ao ponto, no centro, todos descemos, e êle ficou. O condutor foi interrogá-lo, vêr porque não descia. Sacudiu-o. “O’ amigo, já chegámos! O’ amigo...” O bêbedo abriu um ôlho, ergueu a cabeça, e deixou-a tombar de novo sôbre o peito. “O’ amigo! então não desce? O’ amigo...” O ébrio tornou a abrir um ôlho, fixou-o no condutor, e murmurou: “Toca o bonde.” — “Mas olhe que tem de pagar outra passagem! O’ cidadão! está ouvindo? Tem de pagar outra passagem!” — “Sim! berrou o homem. Sim! eu pago outra passagem! Toque essa porcaria! Siga! Eu pago quanto você quizer. Olhe, tome!” E estendeu ao condutor uma prata de dez tostões.

Quando o condutor lhe restituia o trôco, o bebedão, já manso, fez um gesto tremulo de repulsa amigável. “Guarda para você, guarda lá... ouviu? Mas olhe aqui, condutor, mande tocar mais de vagar nas curvas... sim? E’ só o que eu lhe peço. Mais de vagarinho nas curvas!” E o ébrio recostou-se, acomodou-se, cruzou as mãos sobre os joelhos e fechou os olhos, como se estivesse na mais fôfa poltrona, debaixo de um tecto amigo.

Explicou então o condutor porque é que êle queria menos rapidez nas curvas: é que já havia levado um meio trambolhão do bonde abaixo, numa delas. Assistiam á scena dez ou dôze curiosos, que muito se divertiram.

Nunca ha maior divertimento do que vêr um homem em situação degradante, e “risível” que por via de regra é risível porque seria própria para entristecer.

E porque o estado de bebedeira é degradante? Já sei: é pela mesma razão por que é risível, é que diminue o homem *ex abrupto*, o reduz á condição de autómato, de um autómato e amarfanhado. Mas ha tanto outro género de embriaguez que passa como se não fosse degradante nem ridículo! Porque?

Os efeitos são os mesmos: um homem sem a posse completa de si próprio, sem sequer essa espécie de dignidade animal que consiste na harmonia espontanea dos movimentos com as “finalidades” naturais, da estrutura: um homem que se torna inconveniente ou se torna perigoso, que tem de ser aturado nas suas importunações, ou carregado como uma coisa, ou conduzido como um animal, ou que extravaza, dá escândalo e faz desordem.

Ha a bebedeira de morfina, éter e similares, a das paixões políticas, profissionais e confissionais, a da ambição doentia, a do exhibicionismo patológico; ha a embriaguez moderna da actividade exacerbada, que, como todas, enfuria, desfalca, mecaniza e deforma a natureza do homem. E ha a embriaguez da sensualidade que se desdobra nesta epidemia universal de ostentação, de festas e de fantochismo dansante. E ha a embriaguez do automovel, embriaguez típica.

O paciente começa por tomá-lo aos poucos, e ás vezes arrenega, ás vezes duvida entre si se é bom ou se não será. Mas volta, e prova mais uma vez, mais outra, e mais outra, aumentando as doses. Para encurtar, não tarda que seja um viciado. Torna-se um automobilmaníaco. Anda quasi constantemente automobiliagado, com períodos lúcidos de mais em mais breves, em que trata de seus negócios e participa da vida intima de sua família.

Quando está em crise, empalidece, enrija-se, tem os olhos parados, o lábio descaído e branco. A pequena velocidade é a fase alegre e brincalhona: êle pirueteia, ziguezagueia, faz gracinhas com a máquina, assusta o transeunte pacífico, dirige pilherias aos guardas. A velocidade média é a fase da provocação e do “leve o diabo”. A velocidade máxima é o estado delirante: a consciência acaba de desaparecer, desaparece tudo, ou tudo se reduz a um sonho agónico, em que a personalidade tem a abafada impressão de se libertar das prisões materiais e voar no vento e na luz.

Embriaguez detestavel como qualquer outra. Mais do que qualquer outra produz vítimas, que não são unicamente os enfermos, conforme todos os dias revelam as crónicas. E, como muitas outras, deixa suas heranças á descendência.

Entretanto, não se cogita de uma lei sêca para esse flagelo.

A verdade é que o homem é um ser que se embriaga. Não importa a maneira: o essencial é embriagar-se. Morfina, éter, coca, ópio, vinho, *grappa*, *whiskey*, *gim*, *vodka*, cerveja, antomovel, jôgo, esporte, dança, negócios, arte, política, notoriedade, glória, ódio, — tudo lhe serve, comtanto que lhe permita, conforme os temperamentos, sentir a falsa plenitude de um desafôro interior, embora á custa do desbarate e da quebra do rico, vário e harmónico plano natural da construção humana.

Dizia Tolstoi que o homem procura no alcool e no tabaco o entorpecimento do Eu consciente. E é verdade. Mas o alcool e o tabaco não são os únicos mananciais dessa felicidade mutilante. Ha-os em barda por aí, todos produzindo efeitos exteriores análogos, todos propor-

cionando o mesmo resultado interior, quer se trate de um cigarro ou de um trago, quer de um veículo atirado como um busca-pé ou de uma paixão ou preconceito absorvente, que se cultiva: reduzir o campo dos cuidados, abafar uma porção de vozes que balbuciam dentro de nós, prevenir um mundo de preocupações e de angústias possíveis, apequenar a nossa humanidade, pôr entre nós e o cariz oceanico da vida um véu que o esfume e nos tranquilize.

Não nos riamos do bêbedo, riamo-nos de nós. Todos temos o nosso copo, e todos parecemos obedecer ao conselho de Omar Kayyán: *Sonha que já não és, e sê feliz. E's que? Homem, cá para o nosso caso.*

* * *

BOA PROSA

Boa prosa, o Antonio Palhares. É' curioso com ha indivíduos inteligentes, perspicuos e engraçados, perdidos na multidão que não apparece nas crónicas impressas, nem nas volantes e sonantes da gente que se conhece. De repente, surge-nos um da obscuridade e da indeterminação do vasto mundo que desdenhamos e ignoramos, — e é um bicho de comprehensividade, de senso, de espirito! Palhares é assim.

Conversei com elle hoje pela manhã, e nem sei dizer como me diverti. Valeu por um livro novo que eu abrisse e folheasse, vendo as gravuras, o indice, os títulos de alguns capítulos, alguns relances de páginas. Quanta novidade, quanta frescura, quanto inesperado, e tambem quanto sabor de sinceridade liberrima e despreocupada, nos seus dizeres de homem sem galeria presente nem futura!

Queixei-me a Palhares dos inconvenientes da notoriedade. Não por mim, que sou um obscuro chapado e contente, mas por um amigo meu, que é uma espécie de terça parte minha, o qual muito tem soffrido por via dêsse flagelo. O rapaz não pode mais isolar-se, meter-se consigo, perder-se na fecunda anonímia multitudinária que lhe permitiria o descanso, o recolhimento, a respiração livre, a remodelação dos hábitos, a cura das feridas sempre abertas pela esfregação mundana: é um escravo afflicto e amarranhado das relações, das amizades, dos compromissos, das ideas que outros formaram a seu respeito, das

solicitações e dos estímulos que porisso lhe vêm de todos os lados; e então padece, e geme, e desespera, porque desejaria romper com o seu passado, deixar de ser o homem frívolo, o homem vento, o homem-inundação que tem sido, para ser um homem concêntrico e dono de si.

Palhares ouviu-me, ouviu-me, e, afinal, perguntou:

— “Mas êsse moço é de veras uma inteligência sagaz, ou é uma dessas grandes inteligências bobas que ha por êsse mundo?”

— “Sagacissima.”

— “Pois não parece. Seria tão facil libertar-se, isolar-se!”

— “E’ o que se afigura á primeira vista.”

— “Precisa dos outros, efectivamente, para viver?”

— “Não; isso, não; tem a sua independência material bem segura.”

— “Então, não compreendo. Porque não se retira?”

— “Impossivel. Relacionadíssimo. Cheio de laços, que não se dissolvem senão quando novos laços os submergem: um homem que se procura, se aprecia, se quer, se disputa, se admira. Encantador. Como romper? Como ter a energia de quebrar brutalmente êsses laços? Como repelir, quando se tem um coração brando, uma revoada de carinhos e solitudes que nos cerca e nos assalta?”

— “Não compreendo. Para um homem se isolar, não ha necessidade de movimentos bruscos, nem de fuga. Para fazer o vácuo em redor de si, gradualmente, docemente, não ha senão isto: ser bom.”

— “Mas êle o é. E depois, ser bom é mais um motivo para criar affectos e dedicações em redor de si.”

— “Espere. Distingo. Ser bom, de uma bondade pedestre e regular, de facto, é um meio de criar affectos e dedicações em redor de si. Não é dessa bondade prática e habil que eu falo. Eu falo da bondade íntima, profunda, plena e sossegada, que procura o bem nas próprias raizes do pensamento e da vontade, de fôrma que o pensamento e a vontade, quando se manifestam, já se ma-

nifestam como consequências exteriores, mortíferas, frias, aguadas e, dir-se-ia, indiferentes de uma grande realidade latente e central que não cura de exterioridades. Compreendeu?”

— “Mais ou menos. Quer dizer uma bondade sentida, consciente, feita de compreensão e de piedade, mas que não tenta esforços por se mostrar e por actuar cá fóra. Porque sabe talvez que toda exteriorização é espectáculo e todo espectáculo perverte.”

— “Mais ou menos isso!”

— “Mas porque pensa que aí estaria o meio de libertação?”

— “Ora, essa! meu amigo! Pelo que vejo, não conhece os homens. Os homens só nos avaliam, nos pesam, nos apreçam pelas nossas projecções exteriores. E essas projecções, para terem valor, se hão de articular com as necessidades, os desejos, as conveniências, as aspirações dos que nos rodeiam. Valem pela soma de utilidade e de cumplicidade que levam consigo.

Mas um indivíduo realmente e simplesmente bom é o mais desvaliozo dos homens. E’ talvez uma árvore frutífera, mas que produz fructos quando é sasão, e fóra disso não produz mais nada; ali está, no seu lugar, quieta, sem movimento, sem iniciativa, sem préstimo, sem sollicitudes, sem graça.

Apenas dá sombra. Uma sombra igual para todos. Mas que importa aos homens uma árvore que dá sombra! A sombra aproveita-se, quando aderga, gosa-se, saboreia-se, mas não se tem nenhuma gratidão para a planta equanime que não no-la reservou para nós, que a dará ao primeiro vagabundo que a procure. Assim, a árvore de boa sombra vive realmente isolada, cercada por uma densa muralha de impenetrabilidade própria e de alheia indiferença.

“Diga ao seu amigo que faça isso.”

Palhares sorriu, poz um confeito na lingua e, a remexê-lo na boca, perguntou-me:

— “Quer jantar comigo?”

— “Obrigado.”

— “Sem cerimónia. Temos hoje lá em casa um peixe que me mandaram do litoral, um esplêndido robalo. Presente de um amigo.”

— “Tem amigos amáveis.”

— “Mas, naturalmente. Prestei a êsse um serviço de grande importancia, que só eu estava em condições de prestar.”

— “Gratidão, nêsse caso.

— “Qual!”

— “Esperança de novo serviço...”

— “Talvez...”

— “Afecto humano!”

— “Afectos verdadeiros e sólidos! Passam de presa, nada mais fugitivo, não ha dúvida; mas verdadeiros e sólidos porque se firmam na realidade viva das relações uteis. Não ha outra. Dentro da vida, da vida efectiva, da vida que se vive, não ha outra. E’ isso. E’ assim. Mas quer ou não quer comer o bom peixe do meu amigo?”

* * *

RUFINA

Tornei a vêr a minha Rufina, afinal.

Corria eu os olhos pelos passageiros, com essa curiosidade vaga, sem garra nem asa, que nos resta nas horas de fadiga. Vi num banco de trás o prático de farmácia, com um livro de Alan Kardeck sôbre os joelhos e a fazer gracinhas a uma criança, cuja mãe era uma guapa mocetona. Vi o simpático Berredo, inimigo da medicina, médico amador. Benzi-me em espírito com a canhota, e desviei os olhos: dei com êles num banco todo ocupado por mulheres idosas e feias, não sei se mais idosas do que feias, e tinham os cabelos entre o grisalho e o branco amarelado. Mas a velhice é uma coisa venerável. Contemplei aquelas caras a vêr se conseguia extrair de alguma delas a imagem reconstituída de uma beleza decomposta. Não o consegui. Teriam talvez uma espécie de beleza interior. Mas porque então não se revelava cá fóra ao menos como o lume vermelho e mortiço de um forno velho?

Pús-me a passear os olhos pelo tejadilho, pela rua, pelas pontas de meus dedos. De repente, quem havia de descobrir! Lá no fundo, sentadinha entre uma preta gorda e um bigodudo vendedor de loterias, Rufina! a própria, a autêntica, a única, a olhar para mim, sorrindo como antiga conhecida — a boa criatura! Toda ela era uma só imagem de lindeza una e vibrante como uma interjeição.

Trajava de branco e tinha uma gola alta que lhe

dava ao pescoço, ao ombro e á cabecinha redonda um quê dessa graça aconchegada e sólida, que se encontra nas frutas perfeitas e nos legumes viçosos. Mergulhei-me na figura de Rufina.

Nisto, veio de lá o prático de farmácia, marinhando pelo estribo. Alegou que me queria cumprimentar, e de facto realizou êsse rito com a mais intempestiva lentidão. Relanceava os olhos para Rufina, uns olhos de emplastro, sob cujas apalpadelas a moça baixava os seus. Depois, saltou. — Lamentei sinceramente que não tivesse caído. Senti ganas de lhe saltar no rasto como uma onça atrás de um coatí, e meter-lhe a garra pelo gasnete, e batê-lo pelo chão e pelas paredes.

Quando o bonde chegava á primeira esquina, o condutor subiu ao meu banco, que era o da frente, para repôr em zero o relógio de marcação das passagens. Incomodado pelo intruso, passei provisoriamente para o banco imediato, dando costas á linda criatura. Tão de pressa o condutor se retirou, voltei para o meu primitivo posto. Mas a moça tinha desaparecido. Saltara na esquina, que já ía longe.

Precipitei-me para a rua, corri para trás, inspecionei tudo, barafustei; nada. Sacudiu-me então uma tal intensidade de desespero e de cólera, que me pús a rir e a rilhar os dentes.

Foi êste o dia mais negro dos meus últimos dez anos. Dei ponto na repartição, e fui fazer um passeio de bêbedo por bairros distantes e ignorados.

DELICADEZA

Testemunhei uma scena desagradavel, que infelizmente não teve peores consequências.

Ia perto de mim um cidadão muito gordo. Luxuosamente gordo. Parecia carregar as banhas com a recolhida empáfia de um grão-sacerdote afogado em deslumbrantes vestes talares. Refestelava-se no banco, firmado nas *enxundias* das nádegas, como uma pesada boia-flutuante indifferente ao balanço das ondas. Exibia o ventre, que lembrava o hemisfério de um grande globo, como se de propósito desejasse que toda a gente lhe pudesse admirar aquella prenda. Aquilo era o seu precioso *berloque* de novo rico.

A certo ponto da viagem, surgiu do outro lado do hemisfério um moço magro e subtil, que procurava passar pela frente do obeso, mas hesitava ante a impassibilidade ou distracção dêste. Afinal, tocando no chapéu, perguntou-lhe, alto, com verrumante delicadeza: — “Cavalheiro, não lhe seria muito incomodo ceder-me um corredorzinho para eu passar?” O gordo zangou-se. Encolheu como pôde o fardo abdominal e, sacudindo a papada, os olhos arregalados: “Passe!”

O moço magro, atónito por um momento, depois inclinado a reagir, sorriu-se afinal, e disse entre dentes, relanceando um olho escarninho pela veneravel barriga: — “Bolas! não estou disposto a brigar com *meio mundo*.” E o gordo a resmungar: “O calcinhas! Esta súcia...”

A principio não compreendi por que seria que o panguado tanto se irritara. E' que sou por natureza tardo de compreensão. Nada mais facil de vêr que o homem se sentira espicado justamente por aquele excesso de delicadeza. Se o moço, passando, lhe tivesse empurrado de leve os joelhos, dizendo um sêco e rápido "com licença!" e fosse tocando para deante, nada teria acontecido. O gordo levaria isso á conta de uma pequenina e desculpavel grosseria sem endereço especial. Não já assim com a frase e o gesto do mancebo, que lhe bateram no toutiço como farpazinha particularmente preparada para a sua pessoa. Ninguém gosta de se vêr assim pessoalmente visado e distinguido nos seus pequenos tortos, que são mais ou menos os de toda a gente e *devem* passar sem exame e sem reparo.

Ha uma causa mais geral, e é que o excesso de delicadeza leva uma dose de ironia, e a ironia ofende e revolta mais do que a rudeza. Não, como geralmente se julga, por penetrar mais fundo na derme do alvejado, mas pela desigualdade de armas. O homem desprevenido e "natural" não tem, nos seus encontros e lidas cotidianas, mais do que as armas de ataque e defesa que a natureza lhe deu, e delas se soccorre como pode. O ironico é um mal intencionado, que carrega armas artificiais no meio de uma população policiada e pacífica. Viola a convenção em que a generalidade repousa. Quebra a regra consuetudinaria do jôgo da convivencia. Onde outros se limitariam a usar das mãos e dos cotovelos, êle saca de um pequenino punhal e põe-se a esgrimi-lo com a dextreza de um especialista de má-fé e de maus bofes. O adversário sente-se apanhado á traição, exaspera-se e, ás vezes explode.

O sujeito extremamente delicado é, no fundo, um indivíduo que faz o peor juízo acêrca dos seus *dissemelhantes*, e os trata com infinitos cuidados, como se lidasse com cavalos passarinheiros ou cachorros agressivos. Ou isso, ou então é que gosta de lançar engodos ás almas incautas, para que se lhes abram e se lhes ofereçam em espectáculo. Todos os seus gestos estão impregnados de ironia, de uma ironia que nada tem com a dos homens compreensivos e sensíveis que já *viveram* muito, mas uma ironia feita de vaidade, de caborteirice e de secura de coração. Ele é o “homem de escol”, “a criatura de excepção”: fina, distinta, lixada, repolida, cheia de bicos e rendas, desgraçadamente obrigada a viver no meio de uma canalha tosca e molesta!

A antipatia instintiva que provoca é uma reacção da “vis medicatæ” social.

...O que mostra mais uma vez como os movimentos instintivos podem equivaler a longas reflexões, e como a mentalidade colectiva pode chegar, sem raciocínio, aos mesmos resultados das lentas análises do psicólogo e do moralista. — De onde, também, o êrro dos paradoxófilos, quando partem do pressuposto de que, para bem pensar, é preciso pensar contra os sentimentos do maior número.

O SONETO

Se eu tivesse de fazer perante o vigário uma confissão minuciosa, raspando as voltas mais fundas do meu ser, não encontraria de certo explicação para o facto de o soneto de Gabriela me haver tornado, hoje, ao espírito — não á lembrança apenas, ao espírito, á alma. Só posso dizer que, ao vir-me o condutor cobrar a passagem, nem o senti chegar; estava absorvido na segunda quadra.

*A vida é um céu que uma só vez se estrela;
toda estrelada e rutilante a viste...*

Não me satisfizeram êstes versos, nem como idea nem como fórma. Chamar céu á vida é sempre extravagância; demaís, um céu que só se estrela uma vez, não pode ser senão um céu de papel pintado. A construção "a viste" era ambígua para o ouvido. Por fim, o período não dava liga. Modifiquei-o:

*Com-tudo, a vida foi-te boa e bela:
sorriu-te, tanto quanto lhe sorriste.*

Podia servir. O diabo era a continuação. Eu não tinha, na verdade, a mínima idea assentada acêrca do caso psicológico de Gabriela, nem sequer sabia que fórma e que alma teria essa emanção possível do meu cérebro. Ao contrário de Minerva ao sair da cabeça de

Júpiter, estava completamente *desarmada*. E nem mesmo queria acabar de sair. As casualidades da versificação é que me diriam afinal o que eu houvesse de pensar a respeito. Grande coisa, a versificação.

*Com-tudo, a vida foi-te boa e bela:
a vida te sorriu, tú lhe sorriste...*

Dados êstes dois versos, o campo de exploração restringia-se. O problema fixava-se em tres incógnitas: α) dois decassílabos, em *ela* e *iste*; γ) que desenvolvessem o pensamento começado; ζ) tornando possíveis os tercetos com um fêcho reluzente e forte.

Hoje, ela te maltrata, e tú caíste..

Aqui, o verbo *caíste* ("le mont est créateur") sugeriu-me espontaneamente este quarto verso:

caíste, pobre moça, na esperança!

Não estaria mal, se eu quisesse fazer humorismo. Bastava modificar de leve os versos antecedentes:

*Outrora, a vida apareceu-te bela;
acenou-te, sorriu. Tú lhe sorriste.
E a seus braços voaste. E em-fim caíste,
caíste, pobre moça! na esparrela.*

O mais engraçado dêsse humorismo é que a idea em si é perfeitamente justa e muito séria. A vida, de facto, estende ás almas jovens e sequiosas umas fatais urupucas, tentadoras e terríveis, onde elas se debatem e se magôam. Mas o "caír na esparrela" tornou-se cómico pela vulgaridade, e a vulgaridade é o sentido moral figurado. Sentidos profundamente imorais, estes sentidos morais, que apagam tudo quanto ha de emoção poética e de pungente

verdade humana em tantas metáforas enérgicas e felizes. — Como quer que seja, eu agora já queria bem á moça, como as mães já amam os filhos ainda no ventre, e detestei a idea de impôr á minha criatura um indumento grotesco. Nem que ela fosse real! Não, o soneto havia de ser affectuoso e nobre.

*Outrora, a vida appareceu-te bela;
acenou-te, sorriu. Tú lhe sorríste.
E a seus braços voaste; e assim te viste
presa das graças lacerantes dela.*

Ora, bem. Faltavam os tercetos. Estava a ensaiar-me para pescar os tercetos no vasto mundo das possibilidades ideais, quando o condutor me chamou ao mundo estreito das impossibilidades ordinárias:

“O senhor volta para trás?”

O bonde tinha chegado ao ponto final e ía recommençar o giro. Saltei dêle e do *sonho* (assim chamam os poetas a êstes exercícios, que são os mais conscientes e espertos de quantos se possam imaginar) e corri á repartição. — Talvez que disto fique dependendo a inexistência de mais uma obra-prima na literatura nacional. Mas, quem sabe? “Ego dormio et cor meum vigilat.”

UM BORRACHO

O bonde vinha tão silencioso, ontem á tarde, como se por êle tivesse passado um sôpro de solenidade histórica. Os passageiros, alinhados, taciturnos, pareciam compenetrados de representar algum papel de responsabilidade. Ou dir-se-ia que iam jogar a própria vida numa linha de fogo, logo ali adiante.

A certo momento, entrou um bêbedo, que mal se sustinha nas pernas, como um fardo que trepasse a custo arrastado por uma corda invisível. Mas falava sem parar e ria-se numa grande jovialidade enternecida e patusca. Tudo lhe ria, a barba crespa e grisalha, repartida em duas pontas, os olhos pequenos e azuis, como dois botões de esmalte, o chapéu amolgado e caído sôbre a orelha, os longos caracois de cabelo bamboleantes sôbre a testa como gavinhas de aboboreira, e que se haviam despregado da pastinha rala, transversalmente colada por cima da calva. Ria o próprio casaco de pano encorpado, cujos bolsos atafalhados se arredondavam como bolsas, e ria ainda máis o lenço vermelho amarrado ao pescoço, com as pontas a esvoaçar como bandeirolas.

Falando e rindo, o homem caiu sentado em cima de duas mulheres, que recuaram espavoridas. "*Scusate, signore!*" E tirou largamente o chapéu com a mão que segurava o caximbo, cujas cinzas se espalharam por cima das cabeças vizinhas. "*Scusate, io sono un pó allegro. Oggi é festa!*" E disparou a cantar.

O condutor veio lá do fundo como uma flexa e, com o sobrecenho mais autoritário que pôde compôr:

“O’ aquele, aqui não se canta!”

— “*Non si può. Bene, bene. Non si può. E’ giusto. Sì. Stá benissimo... Eh! conduttore, mi dá un fiammifero?*”

E, emquanto acamava com o polegar o fumo negro contido no pipo, cantou, numa voz que podia bem ser a de um ex-barítono:

— “*Io voglio un fiammifero!*”

O condutor voltou a êle e, com redobrada energia no cenho e na voz:

— “Já lhe disse que não pode cantar!”

— “*Eh!... io già sabia che non si può cantare. Domandavo a lei un fiammifero.*”

— “Não tem “fiammifero.” Você vai é já para baixo, se não fica quieto.”

— “*Pra basso, io?! Dio b...! E che ho fatto io, conduttore. O conduttore! che ho fatto io per esser messo giù... in mezzo alla strada?*”

O homem largou o caximbo em cima do banco, remexeu os bolsos com as mãos bambas, remexeu, e não encontrava o dinheiro. Tirou um lenço, uma laranja, duas metades de charuto toscano, um pedaço de barban-te, uns restos de amendoim, uma medalha, um jornal; e resmungava: — “*Come no! io tenbo dinero. Sì! Anche della carta moneta... Vucê truca cinque milla, conduttore? Ebbene, aspetti. Sì, ió tenho... eh! Un pó de pazienza, caro.*”

A muito custo, deu com a nota num dos bolsos do colete, junto do relógio de prata, enorme, que previamente sacou e auscultou. Ao retirar a cédula, fê-lo num gesto de triunfo; ergueu senhorilmente a cabeça e, estendendo a mão com o dinheiro ao condutor irritado, esboçou um canto jocundo e nobre como um ofertório, em voz retumbante: “*Ecco, o signor, prendetela!*”

O condutor não lhe cobrou a passagem, mas fez parar o carro e obrigou o cantor a descer, com tácita apro-

vação dos demais passageiros. Quando se viu na rua, o expulso abriu os braços para protestar, mas cambaleou e sentou-se no chão, gritando sonoramente, á maneira de insulto e de ameaça: *“Portoghese! Vado dal presidente dello Stato!”*

Mas o bonde já ia longe. E os passageiros riam-se. E ria-se o condutor. Precisamente nêsse momento, eu ficava sério, e aquele homem alegre e inofensivo, posto do veículo abaixo como uma lata velha, me começava a interessar. Era a vítima simpática de um lote de imbecis. E eu no meio dêstes.

Um homem alegre, fosse qual fosse o combustível da sua alegria, devera ser olhado como em certas civilizações primitivas se olhavam os doidos, criaturas sagradas, ou como os gregos consideravam os devotos delirantes de Dionisos, condensadores momentâneos dêsse mistério de jovialidade e de exaltação que em certas épocas circula através das coisas, e preme os úberes da terra, e desata as ofertas do céu.

Minha alma ficara lá para trás, junto daquele homem assoado para a rua pela austera comunidade do bonde. E minha alma lhe dizia:

Ri, ri, ri, minha vítima, meu irmão. Brinca, tagarela, traquina á tua vontade. Frue sem vergonha e sem cuidado êste parêntese divino de liberdade e de loucura alegre que se abre na miséria soturna da tua vida. Ri, ri, meu irmão, minha vítima.

A tua risada não me alivia, mas vinga um pouco a minha ansia recolhida de libertação impossível, pobre, torturado escravo que sou, mesquinho escravo das Regras, dos Horários, dos Regulamentos, dos Códigos e das Necessidades criadas.

Ri, folga, berra, cabriola, papagueia, pragueja, insulta! E canta! canta, nessa efusão de lirismo obscuro que sobe do mais fundo da nossa alma bruta, expressão sem palavra de alegria vital, inconsciente, expansiva, cósmica, alegria do gafanhoto que salta e voeja, da maitaca gritadeira e gloriosa, da água que foge às guinadas fervendo e brilhando, do fogo que dança o bailado da labareda, de tudo que não é esta nossa desgraçada alma superficial de bicho domesticado e diminuído.

Ri, ri, ri, com todo o teu ser, todo o teu sangue, toda a tua carne, para além ou aquém do Bem e do Mal, Homem! pobre Homem, bom Homem, meu irmão.

Ri, ri, ri, até que estoures de repente com o riso, como a cigarra a cantar, e acabes assim na mais bela das mortes, fulminado por uma explosão de vida!"

Agora, ao rememorar esta minha ode, com a pena entre os dedos, já não me parece que tenha justificado bem a embriaguez, que afinal é um vício detestável. Embriaguez por embriaguez, é preferível uma consciência clara e um sentimento profundo e subtil das realidades. Também isto é uma espécie de bebedeira; mas lúcida, infinitamente matizada; e tem todo, o atractivo de um vício artificial.

"Sêde duros, meus irmãos!" prégava Zaratustra, e a verdade é que a dureza é um ingrediente da vida e uma condição de ordem."

Nada mais saboroso do que o diálogo de Tolstoi com a sentinela do Cremlim. Esta enxotava um mendigo de certo lugar onde não se permitia a permanência de estranhos. Tolstoi aproxima-se, vê, sofre, e aborda o soldado, perguntando-lhe se não conhecia os versículos do Novo Testamento em que se recomenda tratar o próximo como a um irmão. Retruca o militar: "E o senhor não conhece o regulamento da praça? Pois eu o conheço."

Palavra profunda! A primeira necessidade é cumprir cada um o seu dever particular, o seu dever concreto, positivo, limitado, pequenino.

O dever particular às vezes é duro, como pedra, duro como prégo, duro como pau, mas é dêle que se faz a ordem, a ordem que é edificação, que é obra, que é abrigo e desfrute, oficina e palácio, lavoura e escola, a ordem que é civilização. Os deveres mais gerais são também mais flutuantes: discutem-se; oscilam com a temperatura do sentimento, com as marés da idealidade. Mas o dever imediato e cotidiano é fixo e indiscutível: não ha senão obedecer-lhe. E a obediência é a segurança e o alimento de cada um e de todos. Coisa insignificante, um homem que regularmente cumpre os seus deveres de cada dia: coisa magestosa, uma nação em que todos procedem assim!

O ideal é talvez juntar ao livro de Tolstoi a espada do soldado. Em todo caso, eu daria ao soldado uma fria aprovação, e a Tolstoi um abraço.



MANUAL DE COZINHA

Arranjei hoje com um contínuo um “Manual do Perito Cozinheiro”, para lêr durante a viagem, á falta de outra leitura edificante, instrutiva ou deleitavel.

Trago a cabeça cheia de leituras de jornal, e já não me diverte nada, pelo contrário, a sarabanda cotidiana das crónicas, estudos, fantasias, comentários, bisbilhotices e descomposturas. Tenho a impressão de já haver lido isso tudo não sei quantas vezes, desde a minha vida anterior, nos remotos pródromos do jornalismo com Mr. Theophraste Renandot. E’ incrivel como as coisas actuais caducam de pressa, como as novidades são velhas, como os fatos extraordinários são vulgares.

E’ verdade que a impressão de perpétua velhice só se prova agudamente quando se vai descambando ladeira abaixo dos anos em *enta*. Mas isso apenas demonstra que o espectáculo é comprido e só se pode bem apreciar depois de lhe ter visto um bom pedaço.

O facto é que estou fazendo quaresma a respeito dessa carne-de-vaca dos prelos. Ontem, li no bonde o “Livro de S. Cipriano” conhecimento que me entreteve como um fruto proibido, e que valeu ao dono do volume, servente da repartição, um pacote de fumo Veadó. Hoje, um dos meus colegas devia emprestar-me as “Noites da Virgem” mas afinal parece que teve receio de que

eu lhe extraviasse essa “mimosa joia”, e declarou-me que a não havia encontrado; mentíra, pois é o seu livro de cabeceira.

Arranjei-me porem com o contínuo, que fóra da repartição é cozinheiro praticante, em ocasião de festa e regabofe, e dentro da repartição aprende a arte, decora receitas e dá consultas. Seja registado em sua honra, que não preenche apenas assim o seu horário oficial: também serve o café e faz o jôgo do bicho.

O “Manual” fez-me o efeito refrescante de um bastão de cristal japonês passado pelas têmporas em hora de dôr de cabeça. Nunca eu havia provado a tal ponto a maravilhosa utilidade das leituras inuteis. A parte referente ao preparo do Perú com farofa e de outras aves domésticas e selváticas parecia escrita por um estômago inspirado, tanto garbo havia na variedade dos termos técnicos, na escolha das palavras mais precisas e sugestivas, no emprêgo dos adjectivos mais emanteigados e olorosos, em-fim na composição de um estilo todo suavemente tostado e pururuca.

Li tudo, mas com absoluto desinteresse; por um puro acto de vontade, sem que nada me obrigasse ou seduzisse, ou me promettesse o mais remoto benefício. Singular prazer, cujo valor só depois completamente reconheci. Nem sequer me era dado pensar no aproveitamento de alguma receita, porque todos os pratos de que eu gosto já são perfeitamente executados e são de sobra para uma rotação conveniente dos *menus*; a tal ponto que ao saborear o frango assado no domingo, já eu sinto um pouquinho de saudade da torta de palmito da quinta-feira, e vice-versa, e assim por diante.

O que havia de bom nessa leitura era o emprêgo tenaz da vontade num objecto indifferente, óptimo exercício; era, depois, o esquecimento de umas amofinações,

porque é impossível conciliar-se a leitura atenta de uma série de receitas de assados e cabidelas com o remeximento de espinhos espirituais.

Era, finalmente, a entrevisão liminar de um vasto mundo desconhecido, o mundo da Copa e da Cozinha, da Pastelaria e das Artes afins; um mundo de ocupações e preocupações, de actividades e de idealidades, com sua história, seu tesouro tradicional, sua literatura, sua arte, sua ética, sua ciência; um mundo que aí fervilha tão perto do meu e ao qual eu andava alheio como se êle fosse Marte ou Saturno!

Esta percepção da impermeabilidade dos diferentes planos da vida me calou fundo na alma, e eu me senti ainda mais pequenino.

Se eu amanhã fizesse (mera hipótese) um poema forte, ou construísse uma teoria de mecânica, ou propusesse uma nova e fecunda maneira de interpretar a história, nada disso teria a mínima repercussão no mundo da Cozinha e da Copa; nem um éco sequer do meu nome chegaria até lá. A preparação do peru com farofa continuaria a mesma; ou, se se modificasse, havia de ser por acção de um dos íncolas, inovador de talento; e a alma do artista viveria em todo êsse mundo largo mais viva e mais venerada do que a "Divina Comédia" ou o "Discours de la Méthode" ou o "Novum Organum" cá pelo nosso. E a sua glória não sofreria contestações nem eclipses, proclamada cada dia, através de tempos sem conta, por milhares de bocas verídicas e gratas!

E o nosso pobre mundo comum é todo assim, feito de mundinhos concêntricos, que se articulam sem se confundir. E nós, aí de nós! pretendemos viver "cósmicamente!"

RUFINA

Encontrei-me hoje com o boticário, a quem não via desde a última vez que vira Rufina.

— “Quem é a aquela moça” lhe perguntei, “que, ha coisa de duas semanas, viajou conosco neste bonde? Aquela morenота de olhos grandes e húmidos? Aquela de bonitos dentes? Aquela espigadinha, de branco, a quem você, saltando do carro, deitou uma olhadela xaroposa?”

Fabiano custava-lhe recordar-se. Vencou a testa, cravou os olhos no tejadilho, levou a unha do indicador para entre os incisivos, com a boca aberta.

— “Uma gorda, de cabelo ondado?”

— “Nada, Não ofenda.”

— “Não me lembro... Espere. Uma alta, de nariz grande?”

— “Já lhe disse que era morena, pequena, engraçada.”

Fabiano agitou-se, como que para sacolejar a caixa das lembranças, atirou uma perna para cima da outra, curvou o busto, agarrou o queixo, carregou o cenho. “Diabo!” De repente, riu-se, deu-me uma tapona no joelho e exclamou:

— “Já sei! Uma cabrochinha, não é isso?”

Conservei-me calado, mandando, em espírito, o idiota do boticário a todos os mil demonios. Aliviado, voltei-me para êle, frio:

— “Desistamos, oh amigo Fabiano José de Figueiredo Alves.”

— “Figueiredo, não; Azevedo.”

— “Ou isso.”

Eu estava convencido de que Fabiano não queria era lembrar-se de Rufina. Impossível que se tivesse realmente esquecido dessa criatura maviosa e rara. Conhecia mulheres como um recenseador: uma gorda, uma alta, uma parda, fóra muitas outras que não referiu; e não se recordava da única que valia a pena! Grande ordinário.

Percorremos umas quatro ou cinco quadras em silêncio. Eu nem sequer olhava para a cara de Fabiano. A certa altura, perguntou-me se sabia o nome da moça.

— “Rufina.”

— “Heim?!”

— “Rufina.”

Fabiano olhou para mim e disparou a rir.

— “Já sei, meu caro, já sei!”

— “Mas porque essa risada?”

— “Ah! já sei, meu amigo, já sei... Olhe, ela nunca se chamou Rufina. Qual Rufina, nem meia Rufina!. E’ boa! Ela é Augusta, meu caro amigo. Augusta, entendeu? Rufina... é boa! *quidá, quidá, quidá...*”

— “Mas... então, conhece-a?... ”

— “Pchê! Ha muito tempo. Uma rapariga magra, moreno-mate, com o nariz levemente rebitado, o queixo saliente, não é isso? Conheço muito. Chama-se Augusta, mora ali para as bandas do cemitério. Boa fazenda coitada!”

Desmoronei. Só ao cabo de longos e dolorosos minutos pude reconstruir-me um pouco, firmar-me um pouco em cima de mim mesmo, e perguntar com voz sumida:

— “Mas, então, êsse nome de Rufina?”

— “Muito simples. Bestice do coronel Ferrão, um velho meio pancada — bem pancada, aliás — que tinha a mania de lhe dar êsse nome.”

— “E porque?”

— “Por nada, burragem dêle. Gostava de trocar os nomes, fazia isso com toda a gente. Tinha um so-

brinho, o Bentoca, Bento Felizardo Ferrão, homem respeitavel, atacadista ali no centro: chamava-lhe Esmeraldino, até deante dos empregados, na loja. O Viana, era para êle Pascoal, um dia; outro dia, era Bonifacio. A mim, quiz-me uma vez batizar por Crispiniano, mas eu, *pan!* barrei-o logo: *A's suas ordens, seu Januário.* Danou-se — ora, imagine: danou-se, o bestiaga! — e não falou mais comigo.”

Emudeci. Fabiano continuava, mas já não o entendi daí por diante. A versátil indiferença do boticário chocava-me como uma sem-vergonhice irritante, de sujeito sem alma, sem o senso piedoso e comovido da miséria humana. Mas Fabiano afinal era um bom homem: isto é, um tipo futil e feroz como sóem ser os homens de juizo.

Oh! n'insultez jamais une femme qui tombe!

Mas não é isso, oh poeta, não é isso o peor. O horrendo é esta indiferença, esta sorridente indiferença, esta familiar e brincalhona ferocidade, aérea, difusa, impalpavel, com que se considera um ser humano, com que se fala de uma pobre mulher — logo de uma mulher! de uma triste mulher e do seu destino; de uma mulher bela, graciosa e miseranda; de uma mulher que tem toda a massa de que se fazem as mães e os anjos da terra, — e com uns olhos tão grandes, tão húmidos, tão luminosos!

— “Mas porque é que queria saber ” indagou o boticário, depois de uma pausa.

— “A' toa, Fabiano.”

— “Pois olhe, é facil.”

Encarei-o de um modo que devia ter-lhe parecido exquizado, pois calou-se e ficou sério. E não se falou mais nisto.

JUSTIÇA

Iamos hoje para a cidade na marcha habitual, nem muito rápida, nem propriamente vagarosa. Circunstancia notavel, si bem que ordinária — o bonde não correu nem por um instante fóra dos trilhos. Entretanto, chocou de repente com um automovel, e surgiu uma grande discussão a respeito de se saber a quem tocava a culpa, se ao motorista, se ao *chauffeur*.

Entrou em função o juiz que ha dentro de cada individuo, e as sentenças divergiam.

— “Foi êsse negrinho estúpido, dizia um, indigando o *chauffeur*.

— “O culpado é êsse louco dêsse portugá,” asseverava outro, referindo-se ao motorista.

— “Cadeia com eles, é o que eu vivo a dizer.”

— “Qual! só a pau.”

— “Por milagre não houve cousa muito pior: olhe como ficou a máquina.”

— “Foi pena que não ficasse ainda mais escangalhada, era menos uma.”

— “Mas o bonde podia bem ter parado a tempo.”

— “Não podia, aqui é um declive.”

— “Seu guarda, o culpado é o *chauffeur*.”

— “Não, seu guarda, o culpado é o motorneiro.”

E cada juiz era tambem um partidário, ou do lado do homem do bonde, ou do lado do homem do automovel. Por simpatia física, por espirito de nacionalidade ou de raça, por disposição mais favorável a uma das clas-

ses de automedontes, por ter ou não automovel, por ter ou não ter um parente *chauffeur* ou automobilista, por mero palpite, cada um propendeu immediatamente para uma das bandas.

Mas, valha a verdade, havia tambem homens imparciaes, por excepção. Um dêstes, abanando a cabeça, e afastando-se do borborinho, me ponderou tranquilamentè:

— “Ora, ora! Quem foi, quem não foi.. Eu o que fazia era pegar nos dois e socá-los no xilindró: é aí, seus danados! Esta corja.. ”

* * *

MODESTIA

Franklin Penha dera-me hoje a impressão de um grande fátuo. Viu-me no bonde e cumprimentou-me com excessiva amabilidade, com regozijada surpresa, como se tivesse descoberto em mim, de repente, algum encanto inédito. E eu nem sequer tinha a barba feita. O motivo não tardou a aparecer. O que Franklin pretendia era capturar a minha atenção e boa vontade para uma notícia de jornal que trazia recortada, no bolso, e lhe pesava como uma barra de ouro. A notícia era mais ou menos a seguinte:

“O senhor doutor Franklin da Costa Penha, conceituado advogado do nosso fôro e futuroso cultor do nosso passado, acaba de ser nomeado sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de..., por indicação, unanimemente aprovada, do eminente historiógrafo brasileiro sr....”

— “Parabens, bichão.”

— “Oh!”

Apesar dêsse *oh!* Franklin estava realmente satisfeito, mais talvez do que o seu venerando xará depois que “eripuit fulminem”, etc. Guardou o retalho na carteira, quasi a afagá-lo com as pontas dos dedos, como si fosse um aéreo tecido de seda; arrumou a carteira no bolso e, confidencial e grave:

— “Não; eu, de fato, para ser franco, fiquei muito contente. Eu sou assim. Tenho ainda alguma coisa do menino de colégio, que se ufana dos prêmios recebidos.

Puerilidade. Pura, insofismavel puerilidade. Eu podia contar-lhe esta nova assim com um arzinho de quem não ligava, negligentemente, como por uma lembrança de acaso. Podia ter-lhe dito que o fato me agradava por este ou por aquele motivo *nobre*: pelo prazer que teriam la em casa, pela recomendação que estas distinções representam no seio de uma burguezia bobalhona... enfim qualquer coisa por esse gosto. Mas tudo isso não seria senão hipocrisia. A verdade pura é que fiquei contente por mim mesmo, pela própria distinção em si; contente de veras, cheio de contentamente como um balãozinho de goma elástica cheio de ar. Eu sou assim. Mas também, amanhã ou depois, já estarei resfriado; nem me lembrarei mais de que fui eleito sócio correspondente. Depende de eu querer alcançar uma outra tetéia que no momento me seduza."

Franklin dizia-me estas coisas com tanta simplicidade e com um lume tão sincero nos olhos, que tudo lhe aceitei como vera confissão. E absolvi-o. Não, êle não é fátuo. E' talvez mesmo o oposto do fátuo, um grande modesto.

Modéstia, afinal, não é isso? A verdadeira não é aquela que se proíbe a minima expansão de vaidade. Os indivíduos que se proíbem a menor demonstração de vaidade são quasi sempre os mais vaidosos dos vaidosos. Pretendem, sonham, invejam, sofrem e gozam tanto quanto os outros, com a unica diferença de que põem abafos a isso tudo e, alem de tudo, ainda querem fruir a reputação de ser extraordinariamente modestos. Há mesmo cidadãos que devem a maior parte do seu renome á sua modéstia ou á sua *preguiça*. O pouco que dão de si, dão-o como passatempo, como capricho ou brinco de um momento, como efeito de imposições alheias, como necessidade ocasional. Por si mesmos, não, não querem nada, querem sossêgo! Mas o seu maior gôzo é quando os admi-

radores exclamam: Ah! se este safado se resolvesse a trabalhar!" Vaidosos dobrados, têm várias vaidades lá dentro, presas e gordas como perús de galinheiro, e ainda por cima se deliciam, epicuristicamente, com a vaidade de não ter nenhuma vaidade, que é a mais vã, a mais falsa, a mais loucamente ambiciosa de todas.

O modesto verdadeiro não é o que se envergonha das suas vaidades, é aquele que lhes dá expansão, reconhecendo-as porém com bonomia como tais, sem lhes emprestar outros nomes, nem estar com rodeios e mentirolas. Somente, possuir a clara consciência delas é automaticamente reduzi-las. Dar-lhes expansão, assim, é rarefazê-las. E' torná-las exteriores, superficiais e passageiras, como um suor, como escamazinhas eruptivas da pele, como secreções, coisas que a economia organica de um corpo são, normalmente engendra e rejeita. Uma limpeza, uma "catharsis" um arejamento, um alívio.

Gozar as próprias vaidades com sincera e inocente imprudência é o melhor meio de lhes sentir a vacuidade, de as tornar inócuas, de acabar por despresá-las e perdê-las. Permitir-lhes que levantem o vôo é deixar que se vão embora.

Alegrear-se alguém abertamente com os seus pequenos triunfos é um modo amavel de se confessar bem gratificado. Saudavel fusão de bonomia, conformidade e desprendimento: modéstia, enfim; a boa, a legítima, a pura. A única.

Todo o mal da vaidade está nos sentimentos e nos cálculos que se lhe ajuntam, que a mascaram, a pervertem, a envenenam, a entranham na alma, hipertrofiando-a, dando-lhe por vezes a figura hidrópica de virtudes austeras, dessas que merecem lápides em latim. — E' assim que se formam êsses veneraveis cavalheiros amar-

gos que santamente odeiam todas as manifestações brilhantes e aladas da vida, êsses grandes desambiciosos que se vingam em todo o mundo de não poderem confessar ambições, êsses perpétuos caluniadores que enxameiam e zumbem, como varejeiras pesadas e tontas de sãnie, em redor de cada desgraçado cujo nome não ficou soterrado como o dêles na própria impotência.

Nietzsche teve razão — o que algumas vezes lhe aconteceu por maneira fulmínea — quando disse que as paixões, em seu estado puro, são boas. Apenas haverá nisso exagero. São boas porque são naturais, porque são o próprio homem. O que as torna más, corrompendo-as e envilecendo-as, é a hypocrisia, que as dissimula intensificando-as no entanto; que as enfeita por fóra, como serpentes, mas dá-lhes o veneno e a insídia; que as oculta e as desvia de seus fins imediatos, claros e geralmente saudáveis, para as pôr ao serviço de affectos *nobres* e de longos, tenazes e engenhosos ressentimentos.

Menos ousado, Augusto Comte apenas reconheceu á vaidade — desejo de aprovação — direitos de cidade na sua moral sociocrática; mas.

...Mas que Nietzsche! que Comte! que Fulano ou Beltrano! Antes de todos êles, o "Eclesiastes" havia proclamado, para todo o tempo, que tudo é vaidade neste mundo.

Dessa e de outras afirmações se tirou apressadamente a ilação de que o cristianismo nascente votava um ódio entranhando á vida. Mas êle não fazia senão pôr o dedo na latejante verdade, na dolorosa e redentora verdade. Era uma libertação e um alívio que êle trasia: tomaram-o como um tórvo condenador da vida. Era uma reacção contra o formalismo, a pedantaria, a artificiosidade hipócrita do judaísmo literalizante e manhoso, uma revolta do

espírito, uma insurreição de veracidade heroica, alegre e triunfal da nossa "miséria".

Sim, tudo é vaidade; sim, o homem é mau; sim, somos o verme da terra. Pois, sejamos vaidosos, sejamos maus, sejamos vermes, francamente, de cara descoberta, de alma leve, com a lavada e impudente sinceridade da flôr e da fera, á luz do sol e á face de Deus, na perpétua humildade de uma confissão total e tranquila! Não queiramos converter velhacamente a larga realidade comum da nossa pobreza em falsas opulências de excepção. Quem se abaixa é que será exaltado: só quem se reconhece tal qual é, ou tal qual somos, achará em si mesmo a verdadeira força purificadora e ascencional, que não mente nem quebra. Confessemos-nos sinceramente a Deus, e Deus a todos os humildes perdôa e sustém.

Como é que a tôla perversidade humana pôde converter a clara e benéfica fonte de liberdade e de alegria, que ha no fundo dessa viril visualização cristã da vida, nesta coisa sombria e horrenda, nesta mascarada de mistificações, nêste pesadelo de atrozes artifícios, nêste abominavel Santo Ofício de idealismos hipócritas e peçonhentos e de mútua espionagem, que a sociedade instituiu dentro de si mesma e carrega no seio como um rôlo esfervilhante de víboras?

Jesus, claro, natural e harmonioso como a Verdade, até fabricou vinho em Caná para a jovialidade simples dos homens.

A modestia é uma virtude imensamente prezada pelo grande número. Todos a veneram. Todos a exigem — dos outros. Porque? Mas, evidentemente, por ciume e inveja. Não ha ninguém mais modesto do que as velhas chupadas, arrependidas. de não haverem pecado. — Não podendo suprimir os méritos de quem os tem, quer-se que ao menos o possuidor não os reconheça, ou finja

não os reconhecer; quer-se diabolicamente aguar, estragar, atormentar com dúvidas, com acanhamentos, com terrores e com escrúpulos o prazer natural, irreprimível e capitoso que êle possa provar. Assim, mais ou menos, falou Zaratustra.

A moral social é uma formidável conspiração de todos contra cada um, para o triturar, perverter, o desvirilizar, o reduzir a um ser lamentoso e tortuoso, um aleijado sofredor, grotesco e malfazejo. O páteo dos Milagres!

O envaidecido enrosca-se e enclavinha-se em si mesmo. Em vez de lançar ao vento as suas pequenas fatuidades e libertar-se delas, êle as recolhe, as acumula, as afunda lá dentro, e as recoze, e as cultiva em sigilo, como um fabricante de venenos, com toda a sorte de cautelas, de temores, de desculpas, de artifícios, de equívocos, de dissimulações, e aí temos uma fraqueza quase inocente convertida, pelo farisaísmo da virtude, numa poudriqueira secreta!

Só o indivíduo que experimenta prazeres de vaidade, sem se enganar sobre a natureza dêles, assistindo a essas experiências do sentimento como um lúcido espectador de si mesmo, só êste é capaz de modéstia. Se algum ha que não os conheça, êsse não é propriamente um modesto, é um que nasceu com uma falha psicológica, como outros nascem privados da vista ou com um pé atrofiado. Não tem mérito algum. Tem um defeito de nascença.

A modéstia é a vaidade que sorri de si mesma. E nêsse sorriso vai o *quantum satis* de contra-veneno.

A boa modéstia é a vaidade que sorri de si mesma para não se rir das outras, e que ás vezes arde e se sublima na chama do sorriso — como um balão de papel se destroi e desaparece na própria chama que o eleva.

A vaidade paga regiamente as suas culpas. Quantos artistas crucificados na sua obra, vertendo sangue e clarões!

A boa modéstia é aquela que doma as *suas* vaidades e as subjuga ao domínio de uma paixão forte e bela, como os tigres que puxavam o carro de Dionisos.

A serpente, ás vezes, gasta o seu veneno em botes aos raminhos que bolem ou ás sombras que passam, e assim se torna inócua ao picar uma rez ou um homem. A vaidade é muitas vezes como a cobra.

A' vaidade parece dever-se também uma quantidade de horrores: assassínios roubos, atrocidades, suicídios. Na realidade, ela desempenha apenas o papel de um purgante organico da comunidade social. Em muitos casos, se a uma só causa se podem filiar coisas tão complexas, é a modéstia que deve ser responsabilizada. Convertida em mandamento irretorquível, comprime e abate a natureza humana e a obriga a êsses longos desvios e absurdas transferências da paixão inextirpavel, a vontade de se afirmar. O excesso de modéstia pode prolongar-se até ao cinismo e á delinquência.

UMA ROSA

Ganhei uma rosa e uma experiência. Deu-me aquela, no bonde, um homem velho, rude e chambão. - Contraiu a afeição das flores já entrado em anos, depois de desenganado de feminilidades ha muitos. E eu tinha o amor das flores na conta de um puro reflexo de sentimentos sexuais, de uma ondulação distante do culto da mulher.

De facto o é; mas também pode ser outra coisa, como me prova êste velho poído e tristonho, que viu amanhecer em si o encanto das rosas quando já iam muito longe as derradeiras fagulhas do outro amor.

Quem sabe se êle põe agora neste affecto um afan meio inconsciente de recuperar o tempo perdido para o coração? Como quer que seja, revelou-me como a natureza, contra toda lógica e toda expectativa, pode achar saídas novas e elegantes para as situações mais abatidas e ruinosas. Ha nela uma capacidade virgem e indefinível de *criar* com que não costumam contar os analisadores de almas, que pensam desmontar-lhes as peças como a mecanismos, e não fazem senão jogar com esquemas e conceptos.

Tudo, nêste homem, indicaria uma carreira fatal para o embrutecimento e a prostração. Idade, doenças, decepções, rupturas, arrancamentos, saudades, rancores, desesperança. Devia acabar no desanimo e na tristeza apavorada do animal que procura um recanto esquecido para morrer. Pois, nada disso. Viu ainda flo-

rir em si, de repente, um novo amor e uma alegria, uma doçura e uma esperança novas. Uma nova fôrma de ingenuidade fresca e gentil. Uma ressaca de mocidade.

Dir-se-ia que todas as suas mágoas e misérias se haviam convertido numa energia clara e imprevista de nascente gorgolejante. Que todo o cisco do seu passado, em montão, a consumir-se ao sol e á chuva, fecundara a terra e dera-lhe sombra e humidade para que brotasse lá em baixo uma semente ignorada, e que a semente se fizera brôto, e o brôto crescera e atravessara os destroços apodrecidos para vir oferecer á luz a flamula verde de uma frondezinha viçosa.

A vida vive em nós! Ai, se nos convencessemos bem de que é a Vida que vive em nós.. A Vida, senhora eterna de todas as germinações.

* * *

AINDA A ROSA

A rosa que o meu amigo velho me dera ante-ontem ainda estava hoje bem passavel. Olhei-a, pela manhã, quando lavava o rosto, e achei-lhe um encanto dorido de mulher bonita que, em pleno solsticio de encantos, de repente se vê marcada pelos primeiros gorgulhos do tempo.

Esborrifei-lhe um pouco de água, e disse-lhe: "Que será de si amanhã, minha rosa?" As rosas sabem falar, e para ouvir e entender o que elas dizem não é preciso amar alguma senhora, como, segundo o poeta, se requer de quem deseje ouvir as estrêlas. E a rosa, com soberba indiferença, respondeu: "Que será de mim? Olha esse grosseiro antropomorfismo, néscio animal! Então tú julgas que nós outras somos feitas da tua massa? Para mim e minhas irmãs todas as voltas do mundo são as mesmas. Eu, amanhã, não serei nada que tú aprecies, mas aí ficam infinidades de rosas desabrochadas e por desabrochar. E todas elas são eu mesma, porque eu sou todas, e não desapareço, nem sucumbo"

Muito bem, muito bem. Em todo caso, como rosa individual, a minha durava bastante. Malherbe assignou a esta flôr, como prazo fixo de vida "l'espace d'un matin", e entretanto é geralmente sabido que ela pode durar dois ou tres dias, e mais. Mas também está geralmente convencionado que, para os efeitos poéticos, ha de durar uma só manhã.

Verdades duplas, assim, ha muitas, ha tantas que o mundo está cheio delas.

A borboleta, símbolo da volubilidade na poesia, é com efeito uma excelente imagem da constancia, porque só faz indefinidamente a mesma coisa.

A abelha, essa dizem que é o tipo do ecletismo intellectual ou sentimental que saqueia a corola de todas as flôres; na verdade, é a representação mais fiel da inflexibilidade de princípios, pois que não visita senão as flôres que lhe forneçam matéria prima, e delas não quer senão a pequenina dose de matéria prima que possam dar.

O gato, considerado como um animal de carácter independente, vive de facto na estreita dependencia própria dos parasitas, não sabendo senão estar nas cozinhas e nos telhados; gravitando em redor da paparoca preparada.

A' palmeira, chamam-lhe esbelta e soberba, ou altiva, ou senhoril. Não ha o que se lhe oponha, porque, realmente, a gente pode dar ás coisas os adjectivos que quizer, não havendo contrariedade declarada; mas é muito de notar que, assim como a palmeira é esbelta e senhoril, tambem poderia ser senhoril e esbelto um espanador de cabo comprido, ou uma vassoura do tipo antigo, trastes êstes havidos como sumamente prosáicos.

O boi, símbolo da fôrça, é um colosso tão frágil que passa da mocidade á decrepitude em meia dúzia de anos, e possui muitíssimo menos energia activa do que uma formiga ou uma pulga. E a águia, emblema do génio, porque tem asas e vive nas alturas, é menos intelligente do que uma galinha e nem sofre comparação com o castor, que passa a existência no fundo dos vales e no lamaçal dos rios.

Em-fim, não se contam as verdades duplas, que todo o mundo enxerga, ou poderia enxergar, mas deliberadamente separa e torna reciprocamente estanques. E não só no que respeita ao mundo objectivo, mas tam-

bém no que se refere ao próprio domínio subjectivo da experiência moral.

A economia é uma virtude, quando se põem sôbre ela os óculos simpáticos da generalização poética; a economia, em seus casos concretos, é sempre uma indecênciazinha de que nos envergonhamos e que satirizamos nos mais.

“O amor é a mais bela e a mais santa das coisas desta vida”: mas ninguém torne esse conceito como preceito, porque se arrisca a ser apedrejado na praça.

“A calúnia é o fel das almas ignóbeis”: na realidade, a calúnia é um vício tão generalizado e tão familiar como o do cigarro; e quem não o cultivar está no perpétuo risco de passar por idiota ou por “jesuíta”.

Mas, afinal de contas, êsses desdobramentos da verdade são úteis, porque correspondem a duas tendências fundamentais do espírito humano: a que visa a adaptação dêste á natureza, e a que procura a sua adaptação á sociedade.

A primeira procede por via de indagações meticolosas e serenas; a segunda marcha por meio de conceituações imediatas e sínteses arrojadas.

A primeira é lenta, dificultosa e fatigante; a segunda e rápida, leve e encantadora.

A primeira fornece exercício a uma minoria de cabeças, especializa e desmembra funções, e como que pulveriza a continuidade e a fluência do real numa infinidade de corpúsculos gelados; a segunda comunica impulsos a toda a sorte de mentes, aproxima-as, harmoniza-as, estimula a imaginação e a simpatia, dando a todas a mesma concepção aproximativa das coisas, deformante mas agradavelmente facil, ampla e satisfatória.

A primeira prepara o viveiro das verdades exactas e necessárias de amanhã; a segunda alarga o domínio das verdades agradáveis e convencionais provisórias para uns, perpétuas para a maior parte.

Instinto de saber, instinto de poesia. Dois irmãos inimigos, que não podem viver um sem o outro.

Posta de parte essa parlenda, o fato é que a resposta da rosa mais me enamorou dela. Enfie-a na botoeira, apesar de já meio fanada. — Precisei, para tanto, de um pouco de decisão e atrevimento, pois nunca uso flores comigo, nem mesmo frescas. Audácia de carneiro. Atrevimento de cágado.

Instalado no bonde, semi-cerrados os olhos, e sentindo na face a carícia de uma pétala pendente, instiguei a minha interessante companheira a falar ainda, antes que algum golpe de vento ou algum encontrão a despojasse da sua voz feita de côr e perfume. Não se fez de rogada.

“Não sabes, amigo? Tal como aqui me vês, sou filha do conúbio do homem e da natureza... Tanto devo o ser ao solo, ao sol, ao ar, como ao espírito, á arte e á mão humana.

Sou um produto da terra e da civilização: duplamente flôr de cultura.

Sou ao mesmo tempo a glória de Flora e a mais perfeita das flôres artificiais. Tendo o viço hereditário das rosas selváticas e a aura humanal das rosas de papel e de tecido, armadas por magras mãos de operárias tristes, mãos febris de moças namoradas.

O homem faz-me, cheio de suas vaidades, seus desejos, suas ambições seus sobejos de carinhos, seu saber, seu gôsto amavel, paciente e caprichoso. Assim, uma infinidade de forças diversas vêm-se coordenando e vêm colaborando, através dos séculos, na selecção das minhas fórmãs, dos meus tons e dos meus olôres — florindo e re florindo em mim.

De mim, pois, aprende, homem tolo e ingrato! a olhar a tua humanidade não tanto na sombria confusão dos seus galhos e ramas, como na vária e fugitiva permanência das suas flôres, ou no perpétuo esplendor das suas graças transitórias.

Ama-a com todos os seus vícios e brutezas, com com todos os seus primores e pulcritudes.

Não ha vícios, não ha primores, ha só o homem. O homem e nada mais. O homem inumeravel, incompressivel e indefinivel. O homem que te ultrapassa no espaço e no tempo, e cujos últimos limites partem do centro da terra e vão perder-se nas constelações.

Perdoa-lhe tudo, tudo. Perdoa-lhe simplesmente. Sem gestos e sem frases. Perdoa-lhe mesmo na cólera e na angústia. Reserva-lhe ao menos uma promessa de perdão no infinito, até para o que não possas, até para o que não devas perdoar.

Se tudo, nêle, coopera na produção destes milagres de melindroso e incorruptivel prestígio!

Milagres em que o fugitivo se confunde com o permanente, e o encanto de uma hora é um sorriso dos séculos.

Passam as catedrais,esfarelam-se os granitos e os bronzes, desagregam-se os impérios, e as nações dissolvem-se, mas eu permaneço na minha deliciosa insignificancia, como a última confidência de ternura e de beleza que as gerações legam umas ás outras através dos abismos do tempo.

Sou a obra mais duradoura do homem. Não ha ferrugem nem verme, nem guerras nem sinistros que me atinjam.

Vê como uma coisa assim pequenina e branda vem a ser o único triunfo comum das energias contradictorias derramadas pela face da terra!

Eis-me aqui, doce como um afago, leve como uma asa, breve como um sonho, mas forte como o que permanece e perdura, imorredoura e essencial como a la-

grima e como o sorriso, êsses dois resumos humanos da infinita tragédia e da infinita alegria do universo....

Sorve-me com os olhos, aspira-me, grava-me na alma. E sabe que nunca faltarei ao pé de ti, se o quizeres.

Busca-me, achar-me-ás. Eu só desapareço de teus olhos para que em ti se renove a ansia pela minha presença.

Toda a perene agitação do mundo parece não ter outro fim que produzir uma espuma de rosas. Nada tão ao alcance da tua mão.

Colhe, beija e sorri.

Nêsse minuto estarás num pináculo da vida e num ponto luminoso da eternidade.

Eu sou a Rosa, eu sou a Rosa, a beleza e a graça fugentes, a doce filha da terra vil e do homem desgraçado...

* * *

UM FIO DE CABELO

Aquela moça espigada que entrou no bonde com o ímpeto agil de um gafanhoto e ficou sentada ao meu lado, nunca imaginaria que fosse causa possível de uma pequena tragédia.

Entrou, sentou-se, tão isenta, como diria o Camões, tão longe de mim que sentia a irradiação das suas calorias! Viçosa, inocente e jocunda como um cacho de flôres de resedá arrancado ao galho pela manhã, tinha a afilada silhuêta de uma *girl* esportiva e a despachada simplicidade de um rapaz. Tirou a espécie de boina que trasia na cabeça, agitou o nevoeiro de fogo do cabelo, ajeitou-o com as mãos, de leve, como se lhas queimasse, — e minutos depois, repondo o gôrro, partia, num outro salto de gafanhotozinho brincalhão.

Jeunesse de visage et jeunesse de coeur!

Quando cheguei a casa, tinha no ombro um fio de cabelo, um fio de chama. Descobriu-o a criada, com um sorriso ingênuo e perverso. Pegou nêle, de intrometida, examinou-o á luz da janela, e ía deixá-lo cair quando eu, não me podendo conter, exclamei: “Deus a faça careca, Manuela!” Manuela olhou-me com cara de surpresa e desapontamento, como a pedir explicação. Não lha dei, limitando-me a assoviar uns compassos da “Marcha de Cádiz”, para não lhe deixar a impressão de estar zangado, e retirei-me para o meu quarto.

Na verdade, estava zangado. Aquele acto da pobre mulher apertara a mola ao mecanismo das minhas me-

lancolias. Pús-me a considerar os frutos de suspicácia, de bisbilhotice e de malignidade que a moral produz nas almas simples; e de reflexão em reflexão achei-me de repente imerso, mal sustendo a cabeça de fóra, na imensuravel e irremediavel miséria da bicharia humana.

E aí está como aquella menina, inocente como o é a lua, dos raios que deixa cair, não esteve longe de ser causa de um desaguizado doméstico. Ao mesmo tempo que alisava o cabelo, num movimento de mãos e numa dança de dedos leve e aérea como um gorgeio, poderia estar agitando a corrente de dois destinos ignorados e preparando uma pororoca longingua.

Ai! por muito pobre que seja a imaginação dos mal-fazejos, os distúrbios que ela consegue promover são pequena coisa diante do mal que todos fazemos uns aos outros pelo simples facto de existir.

Não ha peor accidente do que ocupar um lugar no espaço. Um simples fio de cabelo caindo de uma cabeça pode ser para alguém como o raio destruidor partindo do punho de Ariman. Vivemos assim uma eterna e terrivel mitologia. Participamos da natureza dos deuses, ao menos para o mal. Só para o mal. A vida é a angústia do terror difuso e permanente.

RETICÊNCIAS

Encontrei-me hoje no bonde, depois do almôssô, com o Nicolau Coêlho. Como eu lhe dissesse, um dia, que lêra com prazer a sua crónica sôbre finados, dêsse dia em diante se aproximou de mim, e não me vê sem que me venha apertar a mão. Ainda hoje pagou a minha passagem.

Conheço Nicolau desde ménino, fui amigo de seu pai, professor gratuito de um dos seus irmãos, e Nicolau nunca se julgara obrigado a usar de cortesias comigo. Passei a ser alguém para êle no dia em que lhe elogiei uma crónica, a êle que tantas e tão aplaudidas tem escrito, a êle carregado de glórias.

Nicolau, vendo-me no último banco, ergueu-se do seu e desfechou-se de lá. Sacou de cinco tiras de papel e disse com modéstia:

— “Isto é curtinho... Gostaria que lêsse, preciso da sua opinião.”

Fixei os meus olhos nos seus.

— “*Precisa* da minha opinião?”

— “Sim, pois...”

— “Mas isso é grave, meu amigo. Então a minha opinião vale?”

— “Muito.”

— “Nêsse caso, eu necessitaria lêr com vagar, com toda a atenção.”

— “Mas, eu tenho de levar o original á folha. E' curtinho. Lerá num momento.”

Li. Li e não achei mal. Ao contrário. Certa harmonia agradável e constante, harmonia de fórma, harmonia de fundo, feitas de pequenas audácias de pensamento e de expressão, difíceis de orquestrar. Notei apenas um exagero de sinais sintáticos, travessões, vírgulas, pontos-e-vírgulas, pontos finais, e sobretudo, reticências.

O abuso das reticências me é particularmente enervante, (a não ser quando entram num sistema personalíssimo de notações, compreensível em certos indivíduos muito irregularmente “individuais”.) Ponham quantas forem necessárias para indicar suspensão ou transição inesperada. Mas êste costume de derramar ao pé de cada período uma série de pontinhos, para denotar que a frase é aguda, que ali ha coisa, que a passagem envolve malícia ou profundidade — não, não.

O leitor (sempre inteligente) irrita-se por não se lhe deixar o gôsto de descobrir por si mesmo as subtilezas, as intenções, os valores velados. E depois o autor acaba por botar reticências em tudo, porque é difficil que um autor não veja coisas a realçar em cada um dos seus períodos. Afinal, a função dos pontinhos desaparece, e onde êles não estão é que a gente vai vêr se desentoca o melhor.

A mania das reticências não tarda em semeá-las no próprio pensamento. Recolhem, como as bexigas. E lá se vai o amor da claridade e da justeza, lá vem o prazer vicioso do equívoco, do ambíguo, do flutuante.

Os antigos não usavam reticências. Faltou-lhes pois uma boa fórma de notação, hoje indispensavel. Mas o facto é que a estreiteza do sistema de suplementares da palavra tinha as suas vantagens. Forçava-os a tudo exprimir e sugerir com os recursos únicos da frase nua e dos seus ritmos naturais. Em vez de pôr um sinal de ironia, tinham de açacalar a ironia através da rêde dos períodos. Em vez de indicar com que óculos cinzentos

ou vermelhos se havia de lêr o capítulo ou a página, davam á página ou ao capítulo a tonalidade sentimental ou mental conveniente. Era o processo directo, que penetrava até ás carnes e aos nervos do estilo.

Podiam falecer-lhe a êste as flexibilidades e esfumaduras da sensibilidade moderna, mas ainda isso era uma vantagem, porque era uma disciplina. O escritor havia de se resignar, por muito indeciso e ondulante que tivesse o espírito, ao freio de um *métier*, e havia de viver perpetuamente em busca do límpido, do incisivo, do luminoso. Nunca se entregava senão a construções de pensamento com uma classificação e um fim. Toda a sua aspiração era fabricar obras acabadas, portateis, que representavam aquisições (como diz Emerson a propósito já não lembra de que autor) coisas que se poderiam sopesar, palpar, pôr no bolso e levar para casa — como um utensílio, como uma jóia, como uma fruta.

Representei tudo isto, por outras e mais breves palavras, a Nicolau, cujo valor não deixei de tomar para estribilho. Guardou os originaes, acendeu um cigarro e perguntou, com um sorriso reticente:

— “Então, só um excesso de . . pontinhos?”

— “Só, Nicolau, só. Mas isso mesmo, ó Artista, ó Imaginífico, ó Mistagogo! é talvez mania ou subtileza do meu bestunto emperrado. Quando vejo um desses escritos retalhados em pequenos párrafos cada párrafo seguido de uma secreção de pontinhos, tenho logo a idea de uma desfilada de cabritos.

“Mas, pensando bem, penso que um escritor moço precisa de ter certa porção de cacoêtes e singulariedades, até de êrros, dentro de certo limite, porque tudo isto serve exactamente de lhe dar um ar de viçoso verdor e de divinatoria inexperiência, a graça do génio ainda ignorante de si próprio, todo em flôr e esperança.

“As pequenas carepas envolvem uma promessa festiva de aperfeiçoamento ao passo que a lixa insistente e minuciosa, tirando todas as titicas e asperidades da superfície, deixa vêr melhor as imperfeições essenciais da matéria e da construcção.

“Esses cacoêtes, essas singularidades, êsses descuidos constituem uma garantia para o escritor. Ninguém suspeita nêle um gramático, um espírito pêco e miúdo, preocupado com a lingua e outras superfluidades peró-bicas. Perdôam-lhe por simpatia, numa absolvição geral, as faltas cometidas, e ainda as que venha a perpetrar. Ao passo que os escritores correctos dão ganas a todo o mundo de lhes descobrir trincas e manchas.

E isto sempre se consegue: a correcção é uma zona ideal de equilíbrio instavel...”

La eu assim dissertando, alheio ao bonde e ao tempo, quando uma breçada instantânea fez estralejar todo o arcabouço do carro. Gritos, borbórinho. O bonde havia pegado uma carroça pela rabeira, e arremessado êsse veículo, com os seus dois animais, a três metros de distancia.

A carroça adernara, com uma das rodas meio fóra do eixo, e os burros, presos ao correame e aos varais abatidos, resfolegavam largamente, com estremeções espaçadas de toda a courama.

O peor é que o próprio carroceiro, cuspido para o chão, raspava a poeira e se estatelara ao lado, a verter sangue da cabeça, as mãos meio enclavinhasadas, o peito a arquejar sob a camisa aberta.

Magotes de curiosos iam e vinham em-quanto dois homens de maior iniciativa tratavam de recolher a vítima a uma casa próxima e de levantar os animais.

Válidos, prestantes, bons homens! Surgiram de repente da massa amorfa, como os que sabem querer e mandar. E eu era da massa amorfa, imprestável, distraída, hesitante. O' céu. cada dia me reservas uma humilhação!

Depois que, vinda a polícia e o carro da assistência, o bonde pôde continuar a viagem, os passageiros consternados ainda pormenorizavam o ocorrido, explicavam o desastre, discutiam as culpas. Quanto a mim, conservava-me quieto, com a visão pasmada daquele homem caído no chão, a derramar sangue na poeira, e do triste do motorista que parecia fulminado de estupor, na balôrda prostração do animal tocado de raio.

Nicolau catucou-me de repente no braço. Voltei-me para êle como quem despertava.

— “Mas!. quer que lhe diga? (recomeçou) não estou de acôrdo com o senhor.”

E tinha um arzinho entre provocador e mofento.

— “Comigo?! Em quê?!...”

— “Nêste negócio de reticências. A mim me parecem indispensáveis. A questão está naquilo que se pretende dizer ou sugerir.”

E por aí foi, a traçar com o indicador o desenho dos argumentos. Dei-lhe sempre razão, até o termo do discurso e da linha. “Sim. Claro. Sim! Pois não. Sim, sim!”

Final, disse um adeus veloz a êsse espírito gentil e corri a um café, onde fui tomar a minha chícara em silêncio e em penitência, e reatar os fios inacabáveis do meu perêne diálogo comigo mesmo — com o único indivíduo que não se aborrece quando o contrario, com o único indivíduo que me aborrece quando o não quero contrariar.

RUIDOS E RUMORES

As almas têm umas irradiações pouco observadas — sem nada de comum com a transmissão de pensamento, o magnetismo e análogas complicações etéreas, ódicas e místicas.

Não ha uma sciência (e ainda bem, arre!) mas ha uma arte, uma pequena arte subtil sôbre a caça das irradiações da personalidade, através dos rumores e das vozes.

Tenho uns vizinhos exquisitos, um casal velho que vive fechado em casa e raramente se deixa vêr. Trabalhando ou lendo no meu gabinete, ouço vozes, passos, tosses, assoadelas, arrastamentos de moveis, bater de pregos, — tudo espaçado e abafado, passando através das paredes como vagas mensagens de um mundo sigiloso.

Ponho-me, ás vezes, a escutar êsses rumores e, á força de os ouvir e comparar, não só eduquei o ouvido para lhes perceber as menores variações, como consegui fixar o valor expressivo de alguns dêles.

Cheguei á conclusão de que o homem é gordo, rude, voluntarioso, e talvez com um defeito numa das pernas. Pisa com força e peso, mas de um jeito claudicante; tosse de um modo rápido e sacudido; os ruidos que produz batendo pregos ou fechando portas são sempre céleres e inteiriços, e sua voz é robusta e serena.

Porque então não sai de casa? Provavelmente, algum incômodo ou lesão localizada, que o impede, sem lhe afectar o estado geral.

Quanto á mulher, deve ser velhota, magra, tristonha paciente. Seus passos apenas cham no soalho, sua voz mal se ouve, assemelha-se a um arrulho monótono. De quando em quando, escuto-lhe uns espirros longamente gemidos. Esses espirros por si sós ainda me fornecem uma indicação: a senhora é do interior de S. Paulo, provavelmente de lugar pequeno, e talvez da zona Sorocabana.

Outro dia, tive um susto: o homem entrou a falar alto e ríspido, a dar passadas por toda a casa.

Estaria a maltratar a pobre senhora? Apurei o ouvido. O vizinho andava, parava de quando em quando, alava, falava, e depois punha-se a andar de novo, para se novo estacar e falar: o ritmo característico de uma rise de raiva recriminante.

Mas que poderia ter-lhe feito a pobre velhota, tão alma e resignada?

Ansioso, apurei ainda mais o ouvido, e só descansei quando ouvi um espirro da vizinha: *atchiii!*.. Esse espirro, longo, pacífico, modulado pela fôrma exacta do hábito, garantia que a zanga não era com ela.

Hoje, finalmente, viajei de bonde com o casal, que saiu conforme ás revelações sonoras. O homem, alto,ordo e vermelho; ela, sêca e sumida. Ao tratarem de descer, êle puxou a corda da campainha num golpe incisivo e forte. Desceram, e então vi que êle tinha um pé inchado, em chinelo.

Pús-me a traduzir, pelo resto da viagem, os sons da campainha.

As vibrações indicam o sexo, a idade aproximada e o temperamento de quem as faz retinir. Ha campainhas tímidas, indecisas, distraídas, discretas, nervosas, inolentes, autoritárias, coléricas.

Umas previnem, reflectidas, o motorista, a quase

uma quadra de distancia, declarando, calmas e incisivas: "Pára aí adeante; olhe que está avisado!"

Outras exprimem certa dúvida: "Deverei saltar aqui? Será aqui mesmo o ponto que me convém?"

Outras, em-fim, após tantas, deixam transparecer a surpresa de um apalermado que de repente se achou no ponto de parada sem ter dado por isso: "Oh, diabo, cá estou; pára aí!"

A linguagem das campainhas póde, porém, exprimir coisas ainda menos triviais.

Outro dia, vinha um passageiro novato no bairro, que mandou parar em certo ponto, e não desceu: tinha-se enganado. Resoou surdamente a campainha, accionada pelo conductor, um português muito plantado em si mesmo: "Bom, vamos embora."

Duas esquinas adeante, o homem dá nova ordem de parada, e ainda não desce: tinha-se enganado outra vez. Então, a correia da campainha fuzilou nos ganchos como uma chicotada, e o metal retiniu com tal expressão, que se entendeu perfeitamente: "Roda!... Raios o parta!"

Ha um conto de Gautier, "O ninho de Rouxinol", onde figuram umas jovens estranhas, que unicamente communicam com o mundo por meio dos sons. Todo o universo, para elas, se traduz em música, e só em música elas traduzem o que sentem e pensam.

Realmente, não ha nada que não se possa resolver em música, e é lícito conceber-se um mundo em que fosse essa a linguagem universal das coisas e das almas. Sem irmos, porém, ás alturas da imaginação, é facil reconhecer que tudo trivialmente, em redor de nós, se manifesta por sonoridades, ruídos e silêncios.

Sabe disso toda a gente que dispõe da integridade do seu aparelho auditivo. O que pouca gente sabe é como se podem obter impressões novas, surpreendentes e

vertidas das coisas e das almas que nos rodeiam, — apenas aplicando o ouvido á sondagem e interpretação dos sons.

Nós vivemos pelos olhos. A estes confiamos quase exclusivamente a missão de observadores e testemunhas.

O sentido auditivo, reduzimo-lo quase a um simples papel de serviçal obediente ás determinações da vontade. Ouvimos tudo, mas só ouvimos o que queremos. E' incrível a capacidade de que dispomos para eliminar as impressões do ouvido, no meio do rumor infernal das ruas, do bruahá de um café regorgitante de palradores.

Ainda hei de escrever um artigo sério para um jornal sério, um artigo científico, cheio de termos técnicos como um queijo cheio de saltões, a propugnar a educação e a applicação mais racionais das faculdades auditivas. Quantos afluxos de sensações systematicamente rejeitados, que poderiam ser tão uteis á intelligência, e uteis á própria defesa do individuo!

E depois, se a moda pegasse, se começassemos todos a fazer um uso mais consciente, mais constante e mais largo desse aparelho receptor, seria impossível que um grande número de cidadãos não se insurgissem afinal, indignados, exigentes, furiosos, contra a pandemónica, verginosa e martirizante barulheira da cidade, contra este ruído sonoro que nos engole e nos aniquila.

PALAVRAS CRUZADAS

Veio á minha frente, ontem á tarde, um passageiro engolfado num sobretudo enorme e num largo jôgo de palavras cruzadas. Espiei um pouco por cima, o homem percebeu o meu movimento, voltou-se, reconheci-o: era o meu ex-vizinho Eulálio Peixoto, professor de matemática e de conformidade.

— “Pois até você, Peixoto!”

— “E’ para você vêr, Felício. Mas quem pode resistir! Todo o mundo vive ás voltas com isto. Ainda hoje vi uma senhora, com um livro aberto, no bonde: dentro do livro ia um retalho de papel — era o jôgo. Tenho um conhecido que trás o seu dentro do chapéu. Outros o carregam na carteira, e em qualquer momento de descanso, no bonde, no café, na esquina, lá se põem a decifrar. Curioso! A que é que você atribue esta mania?”

— “Gôsto de quebrar a cabeça”

— “Está enganado. Isso é o que menos influe no caso. Quantidade desprezível. A vida toda, toda, desde as grandes até ás ínfimas cousas, é um tecido de quebra-cabeças.

“Dirá você que são problemas repulsivos — uns tenebrosos, como a própria vida em si, outros atezantes, como o do pão que se ha de comer no mês que vem. Perfeitamente! Mas, nêsse caso, haveria uma infinidade de passa-tempos deste mesmo género á nossa disposição — os problemas de aritmética e álgebra, o xadrês, o soneto, as acções humanas, o acróstico... veja você, o

acróstico, tão aparentado com isto, e tão mais interessante!

“Não, o prazer do entretenimento é o que menos influencia nesta epidemia. Ele existe, sem dúvida, no fundo de todos estes exercícios, mas neutro, indiferente á oscilação e variedade das aplicações.”

— “Mas, então, Peixoto, onde é que está o busilis?”

— “Eis aí o grande problema das palavras cruzadas! Esse é que eu gostaria de vêr discutido. Para mim, provisoriamente, o segredo só tem uma explicação, uma só: contágio mental.”

— “Mas como explicará você o contágio, por sua vez?”

— “E’ outra questão. O contágio existe, é evidente, manifesta-se por mil fórmulas. Sempre existiu. A moda nunca foi outra coisa que um nome diverso dêsse fenómeno.

“O joguinho appareceu um dia, lá na América do Norte, como um dêsse mil divertimentos com que os jornais engabelam o público. Ou porque tivesse uma feição mais atraente, ou porque o jornal que o inventou fosse de grande circulação, ou porque se annunciasssem prêmios convidativos, a coisa teve êxito, despertou os émulos e os imitadores, — e eis a epidemia armada, a alargar-se por toda uma região, por todo um país, transpondo os mares, saltando em portos distantes, explodindo em todos os grandes centros, voando a todos os recantos do mundo.”

“E’ a própria, a propriíssima curva de todas as epidemias, — explicou Peixoto, continuando. — Ha um primeiro fóco, lento, hesitante, dúbio. Repetem-se os casos, nas vizinhanças. E, á medida que se repetem, a intensidade sóbe. Ha um momento de máxima intensidade e máxima expansão. A epidemia alastra-se.

“Depois, vão-se extinguindo aos poucos os mil focos espalhados, bambeia a fúria do mal, os casos voltam a ser mais brandos, mais incertos, e tudo acaba como um

incêndio rápido que lambesse e queimasse todas as folhas e gravetos sêcos disseminados por um mato verde, morrendo afinal aos pedaços, por falta de alimento e de vento.

Peixoto fez-me vêr em seguida como o contágio mental vai alargando, em todas as suas fórmias, o seu campo de expansão.

Em outros tempos, que não vão tão longe, cada país era um campo restrito de ressonâncias, e dentro de cada um dêsses campos havia outros, igualmente quase fechados — as classes, as categorias sociais. Um sapateiro da idade-média estava muito mais longe de um magistrado, na mesma cidade, do que hoje um fazendeiro de Mato Grosso se acha de um professor de Heidelberg.

As modas, outróra, levavam muito mais tempo a ir de Paris á provincia, do que, hoje, de Nova York ao Extremo Oriente. Demais, propagavam-se em linha horizontal — dentro de certas classes; hoje propagam-se tanto no sentido horizontal como no vertical — entre as gentes colocadas em posição semelhante e entre as que ocupam qualquer outra posição na escala ascendente ou descendente.

O contágio, hoje, envolve tudo. Tudo póde transformar-se repentinamente em mania colectiva. Outróra, havia epidemias de misticismo, de guerra ou de suicídio, limitadas a certas regiões. Hoje, toda a vida universal tende a ser uma sucessão de epidemias. Ha epidemias universais de dança, epidemias esportivas, epidemias de jôgo, epidemias políticas, epidemias artisticas, epidemias literárias, epidemias económicas, epidemias filantrópicas.

Se algum dia houve a ilusão do que os homens fossem capazes de se deixar guiar pela razão, hoje o mundo inteiro é um só vasto campo de experiência a provar, todos os dias, que os homens agem sistematicamente á revelia da razão — o que não quer dizer que uma vez por outra, não possam encontrar-se com ela, por acaso.

Quanto mais se civilizam, mais imitam e copiam. Quanto mais prezam a individualidade, mais a perdem. Quanto mais amam o novo e o original, mais feitos “em série” parecem.

Os motivos de acção vão-se tornando, cada vez mais, efeitos de sugestão colectiva.

Os Estados Unidos, que se diriam a terra por excelência do individualismo violento, são na verdade a terra por excelência da socialização absorvente. O que dá a aparência da liberdade é a franqueza exterior dos movimentos. Pura aparência. Não ha nada que pareça tão “livre” como as peças activas de um tear moderno, a trabalharem silenciosamente, como por si, com uma espécie de alacridade serena e de inabalavel consciência do dever.

Na realidade, o homem por lá não tem a mínima *liberdade*, no sentido clássico, estoico, de liberdade interior, fundamental, soberana, inviolavel — aquella que Emerson por lá mesmo exaltava. E’ sempre homem de um partido, de uma igreja, de um clube, de uma corrente, — um dos caracteres de que se compõem as palavras de um pensamento colectivo, para êle proveitoso mas indecifrável.

Formidaveis, naquela terra, o volume e a rapidez dos *movimentos* de opinião ou sensibilidade, isto é, de contágio mental. São turbilhões que passam levantando “fiumanas” de almas como folhas secas. Esses movimentos tanto podem dar-se a propósitto de bebidas, como de um “matche” de “box”; de uma eleição, como de uma nova dansa de negros; de um escândalo teatral, como de uma doutrina religiosa.

Em-fim, o indivíduo vai sendo empastado na comunidade e arrastado nas convulsões obscuras das forças elementares que a percorrem e remexem.

Este o pendor contemporâneo da civilização. Este o seu perigo mais tétrico. Ela tende cada vez mais a absorver as personalidades, como um organismo em je-

jum forçado tende a alimentar-se ás suas próprias expensas, exgotando os seus elementos vitais, exgotando-se...

Chegado a êste ponto, Eulálio interrompeu-se, porque me achou distraído. Na verdade, a minha aparente distracção estava apenas em que eu lhe bebia as palavras, e as memorizava.

Mas êle tinha a sua razão de me estranhar o silêncio e a imobilidade; porque a bôa educação manda que, nas conversas, se déem todas as atenções á pessoa que fala, e nenhuma ao que ela fala.

* * *

PASSEIO DOMINICAL

Hoje, domingo, quando cheguei ao meu posto de espera, por volta de meio dia, lá estava, em fila, uma família pobre.

Era visível que tinham destinado o dia para passeio e que êsse passeio era para êles um acontecimento. Respiravam timidamente a frescura das impressões novas.

O chefe, homem de meia idade, ia frouxamente embrulhado num terno de brim pardo reluzente do ferro de engomar e onde mal se dissimulava uma carta topográfica de remendos e serzaduras. O chapéu mole, poido e bambo, tinha sido cuidadosamente armado sôbre os cabelos crescidos, repuxados a pente para trás das orelhas, onde formavam caracois. A camisa era limpa, e um sorriso satisfeito, que se diria igualmente lavado com sabão de cinza, ao jorro da torneira sôbre a tina, se lhe abria na cara tostada, como uma toalha a corar ao sol.

Dois filhos buliçosos, entre os seis e os dez anos, en-farpelados á marinheira, com grandes colarinhos deitados, por cuja abertura se estripavam altos laçarotes de fita escocesa. Tinhãem chapéus de palha amarela com cintas azuis, nos quais se liam nomes de navios de guerra: "Aquidaban", "Timbira" em letras douradas. Trasiãem bengalinhas, demasiado compridas, e pareciam mais atrapalhar-se do que divertir-se com êsse luxo desacostumado.

A mãe, massiça no seu largo vestido de lãzinha côr de chocolate, os cabelos repartidos em duas asas negras e lisas, apanhados numa rodilha farta sôbre a nuca mo-

rena. Estava alegre como os outros, mas de uma alegria meio assustada, — talvez acanhamento do vestido novo, dos sapatos novos, do penteado que lhe repuxava a pele da testa.

Quando o bonde chegou, os pequenos treparam desajeitadamente, agarrando-se ao carro com as mãos ambas e foram colocar-se nas extremidades fronteiras dos dois primeiros bancos, a garantir os postos de observação.

A mãe entrou com êles, arrastando um pela blusa, empurrando outro pelo traseiro, e sentou-se ao pé dos dois, ralhando em voz baixa, como se estivessem num lugar de respeito.

O pai, mais senhor de si, aboletou-se a pouca distância, inspecionando tudo com um semblante meio severo meio condescendente.

Depois, todos entraram a rir e palrar. Todos se viavam para um e outro lado, a olhar os prédios, as perspectivas das ruas, as massas retangulares dos edifícios alteados ao longe, os automoveis que passavam. Divertiu-os muito um caminhão cheio de futebolistas semi-nús e gritadores. Também acharam bastante graça num velho de barbas bíblicas, que trasia na mão uma espécie de árvore, de folhagem toda florida de papaventos vermelhos, amarelos e azuis. E os papaventos giravam e zumbiam como um enxame assanhado.

O estridor das rodas do bonde nas curvas mal engraxadas foi ponto de partida de uma rivalidade entre os dois pequenos, cada qual mais empenhado em imitá-lo com a boca. A mãe ria-se, tapando os dentes com a mão, relanceando os olhos desconfiados pela circunvizinhança.

Quando o condutor marcava as passagens, os pequenos queriam saber como era aquilo, porque era, e o pai dava-lhes explicações fantasiosas, que eram ocasião de teimas e risos.

Em-fim, como aquela família se divertia!

Ao chegarmos á cidade, saltaram para ir vêr as vitrinas e, de certo, para ir a algum botequim tomar café

com leite e comer cavacas e pães-de-ló — um festim delicioso.

Respiravam tranqüilidade e alegria. A alma boiava-lhes numa descuidosa satisfação de filhos amados da felicidade e do candôr.

Passear de bonde, andar pela cidade, vêr a gente, vêr as vitrinas, tomar café com leite num botequim grande, cheio de espelhos, em chávenas de louça brilhante, — que recreio, que consôlo, que temeridade jovial e dissipadora!

Nunca tenho inveja a ninguém, e aos felizes da felicidade exterior, ainda menos que a ninguém. Mas, deante dessa família, tive uma espécie de inveja.

Pobre alma escalavrada e enfastiada, para quem tudo quanto divertia aquela gente era vago e distante como tudo quanto é muito próximo e muito visto, senti em certo momento uma impressão angustiosa — a impressão que teria alguém, de repente, apalpando-se, de que metade de si mesmo já era coisa morta.

RUFINA

Encontrei no bonde um homem parecido com o coronel Ferrão, o ex-protector de Rufina-Augusta. Esta surgiu imediatamente ao seu lado, acomodando os vestidos, sorrindo e lançando sôbre mim aquelle seu olhar magnético através daqueles cílios de treva, com uma
..... *dolcezza*
che intender non la puó chi non la prova

Claro que era uma aparição imaginária. Mas não me impedia que ficasse olhando para o lugar onde colocara a moça e lhe dirigisse a esta um longo e confuso improviso.

“Quem és tú? De onde vens? Que fazes? Como vives? .. — Na verdade, nada disso me interessa muito. Afinal de contas, nada tenho contigo.”

“O que me interessou desde logo em ti foi apenas a tua figura. Apareceu-me de repente, no meio da vulgaridade fôska das coisas, como uma obra-de-arte perdida num subterrâneo, na qual batesse de repente o jôrro de uma lanterna furta-fogo.”

“Era-me tão indiferente saber quem fosse a pessoa que havia dentro dessa figura, ou mesmo se havia uma pessoa, como seria indiferente, deante da graça de uma vela branca no mar azul, saber de onde vinha, para onde ia, se levava a bordo uma princesa errante ou um ogre sinistro.

“Com-tudo, não me esqueci mais de ti.

“Tú me entraste na alma como um farrapo que a ventania atira por uma porta descuidosamente aberta.

A porta de minha alma profunda estava aberta naquela hora. E eu fiz como a mulher pobre que, tendo achado em sua casa um farrapo de escumilha brilhante, trasido pelo vento, não tivesse ânimo de o varrer com o cisco, o levantasse e o prendesse á parede, entre um caco de espelho e um cromo descorado.

“E’s talvez um episódio horoscópico da minha vida, posto de reserva pelo Destino para ser lançado, certo dia, na desfilada heteróclita dos casos da minha biografiinha privada.

“Como que havia em mim um lugar vago á tua espera. Vieste, caíste no lugar justo, e aí estás, fixa e luminosa como uma pedra fina que, por maravilha do acaso, saltando, perdida, viesse cair justamente no engaste vazio de um velho anel.

“Devias fatalmente aparecer-me em determinada hora, como aparece a fôrma exacta e exteriorizada de um pensamento flutuante, longamente entrevisto, longamente resolvido no espírito.

“Eras um motivo que faltava ao magro concêrto da minha vida consciente e que aí havia de surgir, deliciosa serpe melódica a ondular e faiscar num relvado de ritmos obtusos.

“A música interior tem hoje uma dolência menos remota, um gemido menos vago, uma ânsia interrogativa mais profunda, uma angústia menos aérea e mais humana.

“Porque me apareceste? Porque me agradaste? Porque não te pude falar? Porque me foges, sem o querer, e porque te evito, procurando-te?

“E porque vim a conhecer da tua vida, ó cousa graciosa e fugente, apenas o aspecto sombrio e grosseiro? Porque não me reapareces, para me confiar a tua história risonha e dolorosa, a celeste e bestial realidade do teu destino, a lama e a chama da tua alma, ó gentil, ó brilhante, ó miserável borboleta do brejo?

“Mas a tua vida não me interessa, na verdade. Que é que eu tenho contigo, que é que tens tú comigo?

“Vimo-nos duas vezes. Será uma razão para que

te deva agora vêr sempre? Tanta coisa bela e passageira como tú, bela passageira de bonde, tem encantado os meus olhos por uma vez necessariamente única — uma nuvem, um pássaro, uma hora de sol, um certo sorriso da felicidade que se perdeu por ser achado!”

Tudo isto era dito com os meus botões. Mas, de repente, o homem que se parecia com o coronel me encarou formalizado:

— “O senhor está estranhando alguma coisa na minha pessoa?”

Olhei para o homem que se parecia com o coronel e respondi, sem saber ao certo o que dizia:

— “Desculpe-me, senhor, tenha a bondade de me desculpar. Eu não o conheço, nem conheço ninguém que se lhe assemelhe, mas estava vendo se o senhor não seria uma outra pessoa.”

O homem deu-se por satisfeito com a explicação.

* * *

CAMELO

Viajei ontem ao lado de um camelo, ou seja aquilo que outróra se chamava um bufarinheiro ou charlatão. Hoje, esta última palavra designa categorias mais ilustres de artistas da patranha; era preciso um vocábulo novo, que evitasse confusões: a lei de repartição de Bréal.

Pús-me a observar os gestos e as expressões do meu companheiro de viagem, como outros examinam, fascinados, os homens eminentes em certos ramos clássicos de actividade ou de inactividade superior.

Modesto e simples, não parecia sequer sonhar que pudesse merecer a curiosidade e admiração de um seu semelhante (aliás muito diverso, no meu caso). Por vezes, até se esquecia de si, e ficava para ali murcho, com êsse ar aparvalhado e desarmado que só costumam ter, em público, as pessoas bem familiarizadas com a idéa da sua nenhuma importância.

La muito sumido no seu canto, fumando maquinalmente um cigarro meio apagado. Talvez premido por dentro, como por um parafuso, por alguma preocupação de família, ou de dinheiro, ou de saúde.

A certo momento, saltou, enfiou as mãos nos bolsos das calças — uma aragem áspera começára a dar tremuras de sessões ás árvores da rua — baixou a cabeça e entrou apressadamente por uma viéla, deserta e feia como um páteo de cortiço em dia de chuva.

O camelô, mixto de artista, de orador, de pelotiqueiro e de *meneur*. A multidão, sempre bestial, despreza-o. E êle é que realmente *sabe* desprezar a multidão, porque a domina, a maneja, a desfruta, e para tanto tem de a enfrentar, cada dia, como um domador de ôlho vivo e de decisões fulmineas.

Êste exercício requer mais inteligência, mais sangue-frio e mais intrepidez do que aqueles que são consumidos por toda a roda de basbaques que se divertem com êsse retalhista do heroísmo.

O camelô não é negociante; é um homem que negocia por acidente. A venda de coisas é méro pretexto, no fundo, ou méro ponto de apoio exterior, de que a sua complexa personalidade necessita para funcionar. Difere do comerciante normal em aspectos essenciais, e a vantagem estética é toda sua: faz do comércio um simples ganha-pão, e não um sistema de vida; é senhor absoluto da sua actividade, e não escravo de uma actividade colectiva que o supere e o inclua como uma peça; não tira do comércio nenhuma importância pessoal, mas, ao contrário, êle é que condescende em dar ao comércio umas sobras da sua rica provisão de coragem, de inventiva, de facúndia, de dons capciosos e sedutores, e em sacrificar-lhe um pouco do seu nobre instinto de independência e de travessura.

O camelô tem consigo uma dóse de força intrínseca ou um grão de bravura que falece aos da imensa turba do encostamento mútuo.

Êstes procuram e arranjam a sua casa no plano das actividades normais e respeitáveis, e gosam, com um mínimo de originalidade e energia própria, ou mesmo sem nenhuma energia nem sombra de originalidade, os benefícios mais ou menos previstos e mais ou menos automáticos da organização. Aquele, porém, na sua pequenez e na sua modéstia, cada dia sai de casa para o mundo

como pela primeira vez. Sái completamente só, quase inermé, sem a armadura dos mais, sem os guarda-costas dos mais, sem boas e fortes armas de combate, — só, quase nú, com uma funda na mão, como o pastorzinho David quando partiu em busca do membrudo Golias.

Sái escoteiro e ignorado, sem rumor de ferros, sem estropear de cavalos, sem alalis de trompa, sem atitudes nem gestos, á caça de vagas migalhas de um tesouro possível, escondido sob a guarda de um bicho-manjaléu com milhares de cabeças.

Isto é quase a reprodução, aí na rua, entre gentes frívolas e sensatas, sob os olhos frios dos passantes colocados e tranqüilos, das façanhas ilustres do agil e gracioso Sigurd quando venceu os anões e prostou o dragão Fafnir.

Nós vivemos na plena teia dos mitos e das lendas, e não damos por isso. Perdemos o sentido poético das situações.

* * *

UM GRANDE EGOISTA

O meu amigo Heráclides, de ordinário benevolente, ia ontem azedo, no bonde. Observava exemplos de aspezeza e grosseria de maneiras, aos quais via um sinal meteórico de barbarização, uma prova da decadência do senso de humanidade, que outróra a religião alumiava ainda nos mais incultos.

Heráclides apontou-me, sucessivamente, um passageiro que deixára de ceder lugar a uma senhora, apesar dos olhos compridos que ela deitava para o seu lado; um menor que se desarticulava no banco, como uma letra gótica, e soltava grossas baforadas de fumo na cara dos vizinhos; um cidadão bem trajado que disse dois desaforos ferinos ao condutor, porque êste se atrapalhara numa questão de trôco, e um homem gordo, escarrapachado como uma fóca, as perninhas roliças largamente jogadas para os lados, a direita a premir uma pobre moça, a esquerda a bater no joelho de um velho magro, que fazia horríveis esforços por ocupar apenas a metade do espaço a que tinha direito e que lhe era necessário.

— “Veja, Trancoso, veja: todo êsse pessoal tem, no fundo da alma, um desprêzo absoluto pelo bicho homem, uma indisposição latente e injuriosa contra o género humano em massa.”

— “Heráclides, estas pequenas coisas não têm a importância que você lhes quer dar.”

— “Não têm importância? Então você acha que

nada significa, nada, aquilo que aflóra á periferia das personalidades, normalmente, ordinariamente, como o efeito imediato e espontâneo de uma fermentação? Então, se essa gente que aí vai tivesse outro fundo, êsse fundo estaria a borbulhar cá fóra dessa maneira? Deite dois dedos de açúcar puro num copo, encha o copo de água; que é que vem á superfície? gazes sulfúricos? fragmentos microscópicos de potassa? traços de ácido prússico? bavas de sal de azedas?"

Curvei a cabeça, como quem cedia por ceder, para não discutir. Mas, no fundo, cedia completamente. Entretanto, não convém encorajar nos outros essas inclinações á clarividência. Nada tão inútil nem tão deletério como enxergar demais.

Heráclides calou-se, com os olhos perdidos no filme que se desenrolava por fóra do bonde. Depois de uns minutos de silêncio, disse-me:

— "Quero-lhe fazer um convite. Você não gostaria de entrar para o Clube dos Egoistas?" — E antes que eu pedisse explicação: "O Clube dos Egoistas, um grupo que fundámos, eu, o Gabriel, o Tomasinho, o Tinoco, ali no fundo do *bar* Kauffman. Reunimo-nos todas as noites para conversar, ou para não conversar, apenas para beber o nosso chope. Só se exigem duas condições: cada um paga a sua despesa, e deve ser um indivíduo sem espécie alguma de generosidade."

— "Que extravagância! Então póde entrar toda a gente."

— "Está enganado, redondissimamente enganado. Pois não vê que êste mundo anda cheio de indivíduos que se sacrificam pelo próximo? pelo bem da Pátria? pela prosperidade da lavoura? pela educação nacional? pelo futuro da indústria petrolífera? pela religião? pela família? pela humanidade? Não vê como pululam, como se embatem, como fervem as manifestações de caridade,

as obras pias, os organismos de previdência e auxílio mútuo, as campanhas contra a doença, a ignorância e o vício? Não percebe como ha uma infinidade de pessoas feramente devotadas a todas as nobres causas?

“Pois, bem. Nós não nos preocupamos com essas causas: só nos preocupamos conosco mesmos. Só. Absolutamente só. Então, succede que a nossa prosa, lá no *bar*, á noite, é deliciosa.

“Cada um de nós é um poço de desencanto. Mas esse desencanto é um encanto. Tocamos com o dedo todas as misérias da hipocrisia e da mistificação. Intensificamos danadamente, com a nossa vida interior, a acuidade nerválgica da nossa visão dos homens e dos acontecimentos.

“Despojamo-nos de tudo que é vestimenta de idéas feitas, de preconceitos recebidos, de concepções correntes, de inclinações bem vistas. Somos homens deante de homens; homens, só homens, simplesmente, tristemente, heroicamente homens.”

— “Mas que é que tem isso com o caso de que vi-
nhamos tratando?”

— “Tem tudo. Tudo. Essa gente toda que você aí vê é gente que se desumaniza. E’ gente que não sabe ser egoista. São anjos. Toda ela se move por puros ideais, por santas idéas, por altos princípios, por desígnios heroicos: batem-se, agitam-se, odeiam-se, caluniam se, esgadam-se por amor á família, por amor á patria, por amor á ordem, por amor ao direito, por amor á cultura, por amor ás letras, por amor á civilização e por amor ao próximo.

“Porisso mesmo, nós somos os *egoistas*. Metidos conosco: nem filantropos, nem patriotas, nem herois da família, nem paladinos de coisa alguma. Homens. Apenas homens. Lucidamente, miseravelmente e deliciosamente homens — livres e naturais como os peixes do fundo do mar.

“Eu creio que a humanidade, hoje, não tinha nada melhor para fazer do que praticar e santificar o egoismo.

“Você quer entrar para a tropa?”

— “Quem sabe! Depende.”

Heráclides sorria, como a dizer: “Este ainda não está preparado” e de novo mergulhou no silêncio, fumando profundamente um cigarro de palha. E depois, meio assim como se falasse consigo mesmo:

— “O curioso é que este nosso egoísmo, pelo que vejo, acaba mal.”

— “Por que?”

— “Porque tende, naturalmente, muito naturalmente, a transformar-se na coisa mais séria deste mundo: em religião.

“As almas descascadas ficam todas tão semelhantes! A atitude que elas assumem diante da infinita miséria da condição humana é tão inevitavelmente uma só, de raiz! Uma sede única de verdade e sinceridade se apodera das gargantas. E um sentimento entranhado de fraternidade acaba brotando por si mesmo, como o grêlo das batatas.

“Nós, insensivelmente, já nos vamos querendo tanto bem uns aos outros, que precisamos de fazer tremendos esforços para não resvalar na sinistra comédia mundana da amizade e de galantaria!

“Porque nós, lá, não pretendemos ser senão irmãos.”

UM HOMEM PERFEITO

O sr. João Cesário da Costa é um homem sólido, solidamente refestelado na vida. Tem rendas sofríveis, uma bela casa, uma saúde de ferro, um genro colocado na política. Suas ambições nada têm de temerárias nem de atormentadas: são plácidas; limitam-se, evidentemente, a poupar trabalhos e amofinações, a garantir e a entreter a *aurea mediocritas* ou o *otium cum dignitate* em que o sr. Cesário vive desde mocinho.

Conversar com o sr. Cesário é um exercício que reconforta e tonifica. A uma ausência absoluta de inquietações pensantes, reúne um optimismo tranqüilo. Quando alguma opinião, alguma frase, algum acto equívoco ou complicado cái no domínio de sua percepção, faz um gesto de quem lhe sentisse o mau cheiro, e afasta-o de si, num pudico movimento que não admite réplica.

E' possível confabular com êle meia hora, uma hora, sem lhe ouvir outra cousa que considerações sôbre o bom e o mau tempo, sôbre a superioridade da roupa preta em relação á de côr, sôbre a melhor maneira de preparar um mólho de tomates, ou sôbre as inconveniências de se viajar no estribo do bonde. Fala correntemente, com certa graça natural, acentuando, recortando, remexendo, saboreando com volúpia os ínfimos pormenores, como quem chupa os ossinhos de um frango assado.

O sr. João Cesário faz-me, ás vezes, o efeito de uma bôa cadeira de balanço. Quando me sinto fatigado dos meus infundáveis solilóquios, que nada concluem, entreter um quarto de hora de conversação com êsse homem é o

mesmo que trocar um cavalo aragano por uma cadeira fôfa e embaladora. Não ha senão o trabalho de fazer a cadeira balançar.

Tive ontem êsse prazer. O sr. João Cesário cumprimentou-me com a sua habitual bonomia temperada de autoridade:

— “Como vai o bom amigo?”

— “Bem, obrigado”.

— “Bem mesmo?”

— “Assim, assim...”

— “Por que?”

— “Nada. Vou bem.

— “E a família?”

— “Bem.”

— “Sua irmã?”

— “Agora, bem.”

— “Ha! Esteve doente?”

— “Cousa ligeira.”

— “Constipação, de certo.”

— “Justamente.”

— “O tempo é disso. Tudo por aí anda cheio de gripados. Em casa, todos mais ou menos perrengues.”

— “Que maçada!”

— “Mas não ha nenhum caso sério. Creio que o mais doente ainda sou eu.”

— “Não parece.”

— “As aparências. Tenho uma dorzinha de cabeça que não pára, aqui, entre a fonte e a nunca, passando por cima da orelha, — vê neste ponto. Mas o peor é que o intestino anda funcionando meio á matroca. — de tudo, uma sensação de cansaço pelo corpo todo, essa sensaçõzinha amolante e gostosa de um corpo que está pedindo cama — ou rêde, que é melhor ah! ah!

— “E o senhor sái, apesar de tudo?”

— “Ah! Não posso ficar prêso — é inutil! — senão em último extremo. Acredito mesmo que a gripe, conseguindo resistir-se-lhe de pé, vai embora mais cedo.

Sentí-lhe a visita ha tres dias, sábado. Sábado á tarde. Disse á minha velha: “Por sua culpa, estou gripado.” Ela ficou passada. “Por minha culpa, Cesário?” — “Sim, por sua culpa, porque me obrigou, ontem á noite, com aquele frio, a dar uma grande volta pelo bairro.” Coitada, arranjou-me mais que de pressa um escaldapés, uma camisa de flanela, umas meias de lã, um chá, e esteve a ponto de fazer promessa a Nossa Senhora da Penha. Mas eu exagerava. Gosto de brincar com a velha; nunca vi criatura mais medrosa, quando se trata de doenças em casa. Claro que apanhei porque tinha de apanhar...”

— “Não se sabe como é que ela chega.

— “Não, ás vezes se sabe. Mas, no meu caso, não foi o tal passeio de noite. Digo que não foi, porque, já antes de mim, o Alfredinho meu filho sentira a primeira bordoadada. Só nos contou isso ontem á hora do Chá. Demais, estou habituado a fazer voltas a pé, de noite, depois do jantar, quando não chove. E’ verdade que aquella noite tinha caído uma garoinha, coizinha de nada, ali pelas sete horas. Quando saímos ás nove, o céu estava limpo como um prato. E que luar! Fomos até lá ao alto do morro, descemos pela avenida, passámos pela igreja...”

— “Sr. Cesário, leu a notícia daquele crime?”

— “Nem fale! Que coisa estúpida! Como se mata um homem pacato, trabalhador, boa pessoa! Aqui está um caso em que eu, jurado, não tinha contemplações. Então é assim? destroi-se um pai de família como quem acaba com uma cobra, á toa, por umas questõezinhas de nonada?”

— “Havia uma questão de honra, alega o assassino.

— “Honra, honra! Pusesse a mulher para fóra de casa.

— “Mas, êle amava a mulher.”

— Qual, nada. O seu dever era êsse, e nunca matar. Ninguém pode matar. A vida, quem a dá é Deus, e quem a pode tirar é só Deus”.

— “Mas o senhor garantirá que não foi Deus quem a tirou á vítima por intermédio do assassino, como a podia tirar por meio do tifo ou do automovel?”

O sr. João Cesário não respondeu; nem pestanejou sequer. Puxou do lenço de linho, que trasia dobrado no bolso da direita, escarafunchou as ventas, tornou a assoar-se, dobrou e guardou o lenço. Em seguida tirou um outro, de fina cambraia, que trasia alequeado no bolsinho de cima, e passou-o pelos lábios e pelas fossas. Por fim, arrumou-o de novo, calcou-o, e, numa despreocupação satisfeita:

— “Pois é isso”

Pouco adeante, disse-me adeus, esperou o carro parar bem parado, desceu, voltou-se para mim a fazer uma última cortesia, e partiu, muito apertado no seu terno azul de risquinhas brancas, sopesando com graça a bengala de castão de ouro.

E havia em redor dêle um halo de perfeição.

Eis aí um homem feliz. Acompanhei-o com um olhar de inveja, em-quanto pude; mas acabei por me resignar. Coisas que não se aprendem, não se adquirem. Que fazer? Limitarmo-nos a admirar.

Este indivíduo, como tantos outros aparentemente insignificantes, é uma verdadeira maravilha da humanidade. Que assombrosa obra de inteligência e de técnica magistral, a composição deste mecanismo físico-psíquico, tão perfeitamente adaptado a todas as condições médias de uma navegabilidade tranqüila!

Foi, sem dúvida, fabricado após uma serie imensa de provas e após uma colheita e apreciação rigorosa de milhares de dados experimentais. Diga quem o quizer que é mero produto das forças inconscientes da natureza”

“DE AMICITIA”

La eu muito macambúzio, no meu banco de trás, e nem sabia por quê.

Lembro-me de que, em casa, quando me aprontava para sair, me havia irritado por causa de uns incidentes minúsculos. Ao vestir o colete, o relógio caíra-me do bolso, e ficara suspenso pela cadeia; e algumas moedas que estavam no outro bolsinho despencaram para o soa-lho, rolando em todas as direcções, como expressamente para me fugir. Quando eu passava a escôva pelo chapéu, ela deixara pegada á copa uma lanugem de felpas impalpaveis, de seda ou de algodão; que tive de extrair á unha, uma por uma.

Saí quase a correr, e o casaco se me enganchou pelo bolso á maçaneta da porta. Libertei-me, empurrei a porta com um safanão, e ela, voltando, soltou um relincho tão triste, que me senti subitamente envergonhado da minha estúpida impaciência.

Que covardia e que ingratidão, ser bruto com as coisas! E’ preciso, ao contrário, amá-las, no recanto em que vivemos, como as boas protectoras e inalteraveis amigas. O aspecto ordenado, limpo, benévolo e tácito dos objectos que me rodeiam, no meu quarto, parece reflectir ás vezes algo que não é bem dêste mundo: um ambiente de estampa, uma atmosfera de história, um casulo de intimidades intangiveis, uma ilusão de permanência e de espiritualidade — em-fim, um sonho, uma doçura, um perfume.

Ao tomar o bonde, porém, já eu pensava em coisas muito diversas daqueles incidentes. De modo que não sei por quê fiz metade da viagem tão sombrio, a olhar para o mundo com uma espécie de terror inerte. A estupidez e o mal da vida se me revelavam com a evidência de um acidente brutal, como um sinistro imenso que se acabasse de produzir, ali, de repente, sob meus olhos.

“Hei de consumir os anos que me restam, como tantos que já passaram, a fazer duas e quatro vezes por dia êste mesmo trajecto, a percorrer estas mesmas ruas, estas mesmas esquinas, êstes mesmos postes, entre as mesmas caras, as eternas caras indiferentes, insidiosas, malignas, sornas, fátuas, soberbas, hostis.

“Hei de ir todos os dias á repartição, vêr a cara regulamentar do chefe, vêr as caras dos meus cinco ou seis auxiliares, uma tola outra escarninha, outra futil e finórria, outra bovinamente resignada e mortiça. E não hei de topar muitas vezes na minha frente com alguma cara aberta e sincera, alguma cara iluminada e boa, desfranzida e cordial, que me olhe firme e de chapa com uns olhos direitos e claros como duas espadas, límpidos e quentes como duas chamas.

“Meu Deus, como pude viver até hoje dêste jeito! Meu Deus, como é que hei de viver ainda, sabe-me lá até quando, nesta triturante estupidez e nesta abjecção ignominiosa! Matai-me, senhor, matai-me logo. Ou então, dai-me uma sorte na loteria, que me permita sair por êsse mundo, sem cuidados, livre, errante, como o homem que perdeu a sombra, durante os primeiros momentos de sua peregrinação.

La engolfado nêstes pensamentos amarelos, quando subiu e veio sentar-se a meu lado o Aurélio de Moura. Cumprimentou-me com afabilidade mais larga do que a habitual. Acolhi-o com prônubos alvorôcos.

Aurélio pergntou-me solícito pelas minhas coisas,

passando-me o braço pelo ombro, com um sorriso de páscoa. Deixei-me abraçar, comovidamente, e conversamos.

Este rapaz é dos que parecem apostados a pensar, no miudo e no grosso, de modo radicalmente diverso do meu; mas esta circumstancia, que em outras ocasiões me quisilava, então se me tornou mais um motivo de satisfação, como um bom mólho ajuntado a um prato já de si excelente. Concedi tudo a Aurélio, pelo prazer de o vêr trabalhar em liberdade. As coisas vulgares e as coisas estrambóticas que êle dizia, tudo me soava uma doce música.

“Fala, Aurélio! fala, fala tudo quanto quizeres. Agrada-me pensar que é para mim só que tú falas, que o teu espírito veio verter no meu a espuma generosa do seu mosto vivo — uma fórma de confidência sem gravidade e sem sêgrêdo, mas indirectamente complexa e escancarada.

“Fala, Aurélio! Achas que os postes de fios eléctricos deviam ser pintados de escarlate? Muito bem. Achas que o Brasil precisa urgentemente ser invadido pelo argentarismo estrangeiro, que é necessário matar todos os leprosos, e que as mulheres não devem mais aprender a lêr nem escrever? Continua, Aurélio; tens razão, porque me divertes e porque confias na minha tolerancia. Continúa sempre. Pensa^s que a música é a mais insignificante das artes e que a poesia deverá ser proibida por decreto? Fala, fala... ,

“A mim tú tens a coragem de dizer tudo, e isto significa que tú avalias affectuosamente a minha capacidade de ouvir todos os destampatórios honestos e de levar a sério todas as tolices sinceras. Com efeito, nada mais interessante do que *uma opinião*, essa coisa rara, essa coisa inutil e preciosa.

“Mas, na verdade, o que ora mais me interessa não são as tuas opiniões, é o facto de mas expores nessa confiança tranqüila e ridente, sem reservas e sem receios, á sombra da frondosa Amizade, — a bela, a santa a benéfica Amizade, o único dom dos deuses desmemoriados,

que nunca mais se lembraram de nós, os pobres humanos, ou que, tendo-no-la dado, entenderam ter-nos feito a maior oferta compatível com o nosso egoísmo e a nossa ruindade”

Entrementes, Aurélio discorria. Asseverava, por último, que higiene pública é apenas o negocio dos médicos higienistas e dos fabricantes de aparelhos higienicos.

— “Sim, talvez tenhas razão”.

— “Bem, eu salto aqui, seu Felício. Mais uma vez, obrigado pela passagem”

Eu tinha-lhe pago a passagem.

— “Ora, ora!”

— “Não, você nem sabe que favor me fez. Saí de casa sem um níquel. Mas, quando vi você neste bonde, lá da esquina da alameda, disse cá comigo: estou garantido. E eis aí por que você teve de me aturar todo esse tempo! Como sabe, esta linha não é a que mais me convém. *Mas quem não tem cão.* Obrigadinho. *Ciao!*”

— “Té logo, Aurélio...”

* * *

PROBLEMAS

Hoje, o bonde vinha cheio, e tive de ceder o meu lugar a uma senhora. Esta, ao invés de me agradecer, parece que ficou ligeiramente arrufada com a minha gentileza.

Creio que a ética do bonde manda que, ao ceder o lugar, o passageiro não dê a isso a mais ligeira aparência de um acto de cortesia — faça-o friamente, como por mera obrigação regulamentar. Deve ser isso.

Mas será? Eis aí um dos inumeráveis problemas psicológicos que o bonde depara. O bonde é um saco de vispor: é só meter a mão remexer, pegar, lá vem o problema psicológico.

Infelizmente, êsses problemas vão ficando cada vez mais obscuros, á medida que cresce o número dos psicólogos, número infinito, hoje em dia, só comparavel ao dos sociólogos. Se o futuro do Brasil dependesse da psicologia e da sociologia, estava garantido; e só nos restava lamentar que não pudessemos viver mais uns cincoenta ou cem anos, para assistir ao grande fogo de vistas dos resultados. Estupenda coisa, a sciência!

Ha dias, vi o sr. João Cesário a conversar atentamente com um mocinho sisudo e altivo. Este falava em coisas difíceis: mentalidade primitiva — formação alógena — metabolismo racial — camadas de aluvião —

idealismo hipocondríaco — teorias de Comte e Spencer — obras de Le Play, Fouillet, Tarde, Novicow, Pareto, memorias de Schwaartzemberg e Perikowski, de Astrinaieffe e Dragobsen. De repente, despediu-se e desapareceu veloz, como uma motocicleta.

Corria, provavelmente, a endireitar algum êrro perigoso de técnica social, que estivesse para desabar sobre nós. Digno bombeiro da Sciência!

Nêste interim, perguntei assombrado ao sr. Cesário:

— “Quem é êste menino? Que sábio!”

— “Nem tanto. Muito estudioso, isso sim. Especializou-se — não sabe? E’ apenas sociólogo”

Senti-me absolutamente acalcanhando com vêr um menino que, ainda longe dos trinta anos, já havia conseguido ser um sociólogo, apenas. Senti necessidade de esquecer aquilo.

Montesquieu disse que não havia aborrecimentos que não lhe passassem com meia hora de leitura. Não sei se isto provará a virtude da leitura ou antes a de Montesquieu. A mim, muitos aborrecimentos me desaparecem com a decifração de problemas ou com jogos de paciência. Armei logo uma série de dificuldades através dos miolos, e depois mergulhei em congitações para as desmanchar uma por uma.

Foi o que fiz hoje. Não tendo mais em que me ocupar, comecei a extrair e remexer os problemas que o bonde me oferecia, abundante como pedreira.

Porque é que os nossos conhecidos sempre nos aparecem nos bancos de trás, á hora da cobrança das passagens?

Porque é que as senhoras apeiam voltadas para o lado traseiro do carro?

Porque é que os condutores, quando recebem as passagens, vêm com cara de cobradores de contas atrasadas?

Porque é que não se pode tirar um lenço ou abrir

uma cigarreira sem despertar a atenção vigilante dos vizinhos?

Porque é que, ao contrário, se a gente sofre e tosse com o fumo de um cigarro alheio, isso não é percebido nem pelo vizinho fumante?

Porque é que, quando lêmos, ha sempre um passageiro a querer por força descobrir o que vamos lendo?

Porque é que os homens, quando pedem licença para passar, são mais atenciosos á entrada do que á saída?

Porque é que o lavador de pratos ou o vendedor de bananas trata os condutores como se êstes fossem os trintanários de seus coches?

Porque é que o passageiro acha graça nas grosserias ou desafôros do condutor, desde que não são com êle?

Porque é que, encontrando um amigo distraído e pagando-lhe a passagem, êle imediatamente nos pergunta como vai a família?

Porque é que só assobiam no bonde indivíduos inteiramente desprovidos de memória musical?

Porque é que, se chove, ha sempre, ao nosso lado ou á nossa frente, um passageiro que não tolera cortinas arriadas?

Porque é que tantas senhoras gordas, não permitindo que se lhes toque de leve com o dedo, não fazem comtudo nenhuma cerimonia para se amesendar em cima de nossa perna?

Porque é que ha tanta comoção no bonde, se êste pega uma galinha, e não ha nenhuma por causa do homem enfermo, aleijado e decrépito que vai no carro?

Porque é que os moços bonitos e os célebres ficam sentados de viês?

Por que é que temos tanta paciência para perder duas horas numa *pane* difícil de automovel, e nenhuma para sofrer dois minutos de parada do bonde num desvio?

Porque é que as senhoras, ao pagar a passagem, custam tanto a encontrar o dinheiro na bolsa?

Porque é que o bonde estimula em certos indivíduos a vontade de comer amendoim torrado e tremoços?

Porque é que as pessoas mais desocupadas e mais pachorrentas se tomam de pressa e de nervos quando o bonde vai chegando ao ponto final?

Porque é que nos dói mais termos perdido o nosso bonde do que o ter um amigo perdido o trem — ou mesmo uma perna?



ESCOTEIRO

Ainda revejo nitidamente aquele escoteirinho que entrou hoje no bonde pela mão do venerando papai. Um feixinho de ossos, olhos brancos, lábio pendente, postura curva e bamba de aluno de catecismo. Retrato ideal do menino dócil e bem comportado.

Se o inflexível progenitor lhe falava, respondia com respeitoso sorriso, sorriso fragil e distante, virando para a cara fiscalizadora uns olhos de animalzinho perfeitamente domesticado.

O pai, sem dúvida, muito satisfeito com êsse reben-to esperançoso, tão automático na obediência e na penú-ria de vida. O pequeno chamava-lhe *papai*. Coitadinho! Devia chamar-lhe progenitor.

Progenitor é o nome que na verdade calha a esta espécie de autores de vidas alheias. Impiedosamente solícitos, êles parasitam as suas misérrimas criaturas. Polvos agarrantes, colantes e triturantes, abusam do direito de ser senhores de almas. Estão cheios da crença absurda de que o melhor que podem fazer a seus filhos é formá-los à sua semelhança.

Parecem orgulhosos de ter mudado o empirismo da paternidade numa especialização técnica. Têm o ar de pais de família diplomados.

Já não lhes bastam as luzes da pedagogia, da moral,

da religião, da medicina, da gramática e do *don't*. Rebuscam novas achegas até na sociologia. A psicologia vai-se-lhes impondo como um evangelho (tanto mais cómodo quanto se pode abrir em qualquer lugar e lêr de corrida ou salteado). Creio que a heráldica e o cálculo integral também têm que vêr com a matéria.

Progenitores! progenitores! homens respeitáveis, sapientes e pudentes, sagazes e tenazes. Tenazes sobretudo. Tenazes de ferro! Só lhes falta um pouco de bom-senso e um pouco do senso de humanidade. E apenas perdem o direito a êsse nome simples, vivo, saboroso e místico de *pai*.

Pai! palavra elementar e profunda, irmã de *ar*, *água*, *pão*, *sol*, *dôr*, *alegria*, *esperança*, coisas fundamentais e essenciais, belas e terríveis como tudo quanto nos supera, tudo quanto nos vivifica, nos vê passar, e continua. Palavra de ressonancias eternas, com borbulhos de lágrimas e anseios de amor, de melancolia e de piedade.

Mas também isso tende a desaparecer sob a capa de chumbo do scientificismo, do tecnicismo e do pedantismo esmiuçador e complicador, pragas que vão devorando todas as boas coisas dêste mundo triste, como aquelas vacas que devoravam vacas, no sonho do Faraó.

Os persas, de ha dois mil anos, segundo o testemunho de Heródoto, não queriam que seus filhos aprendessem nada mais que tres coisas: montar a cavallo, manejar o arco e dizer a verdade. Era um programa completo de educação individual e geral, utilitária e idealista, física e psíquica, individualista e social.

Montar a cavallo — eis a primeira necessidade. Todos temos de ser cavaleiros, de guiar uma besta e de nos servir dela. Manejar o arco — arma franca, simples e forte, acto de habilidade, de sangue frio, de coragem viril e leal, abertamente praticado á luz do sol, em cima do cavallo. Dizer a verdade — condensação última e perfeita de todos os deveres, dos mais sérios, mais ásperos,

mais agoniantes e esporeantes deveres da vida comum, da actividade intelectual que quer pairar no alto e ser fecunda, da sublimação moral que pretende chegar á rectidão, á simplicidade e ao fulgor definitivo.

Mas estas sínteses divinatórias se vão tornando impossíveis. Tudo é sabença, é técnica, é pedantologia, é complicação.

Deante daquele pai e daquele filho, fiquei a pensar na sorte das belas ideas e no irónico destino dos inventores.

O escotismo nasceu do exemplo dado pelos *boys* sul-africanos na guerra contra os ingleses. Ágeis e robustos, trepando ás árvores como serelepes, arrastando-se por chãos e pedregais como lagartixas, varando lagoas como filhotes de hipopótamos, espertos e pandegos como gorilazinhos, prudentes como tartarugas, teimosos como porcos do mato, eram óptimos exploradores e espias de campanha.

Num contacto combinado com a áspera natureza e a necessidade multiforme e imperiosa, ganhavam uma força de paciência, de coragem e de desprendimento, uma flexibilidade e rapidez de senso prático, uma dextreza de espírito, que, em suma, constituíam uma bela moralidade agreste e saudavel, natural como a respiração ou como as funções digestivas.

Desconheciam as intemperanças da paz e da praça, o beberete, o estupefaciente, a literatura desalmada, a gula, o dinheiro, o luxo, o mercantilismo, a cabotinagem, a intriga, a maledicência, o *espírito*, o erectismo sentimental e sexual. Sóbrios, tácitos, incisivos. Da civilização, só assimilavam a fina flôr; da barbárie, a masculinidade sadia, generosa e jovial.

Um general britânico viu isso, franziu impressionado o sobrolho, curvou a cabeça, parafusou. Porque não transplantar essa espontanea florescência da casualidade viva para os domínios da educação social?

Voltando á Inglaterra, criou o escotismo. Era o re-

médio indicado para sanear várias fontes de podridão, que iam minando a fibra do *old Tom*.

O mundo todo pegou a fórmula e aplicou-a. Mas, geralmente, a fórmula só. O eterno prestígio das receitas não podia falhar: a receita pareceu esplêndida. Bela receita! E a receita voou para todos os cantos do mundo, como a última descoberta para limpar chapéus de palha, para curar defluxos ou para compôr obras de arte geniais e vendáveis.

O resultado, ei-lo aí: uma quantidade de coelhinhos guardanacionalizados; uma escola de virilidade, de independência, de *selfcontroll* e de animo bemfazejo, mudada numa triste e gélida pedagogia, regular, burocrática, higiênica, ginástica, homenageativa, sob programazinhos variados que são sempre a mesma coisa. E tudo comandado a toques de apito, entremeado de discursos e — supremo horror! — tudo meticulosamente, implacavelmente mecanizado pela sapiência mensuradora dos técnicos.

Ah! os terríveis técnicos, os tenebrosos técnicos, iscados até à medula por esse flagelo do século, o tecnicismo antiséptico, esterilizador de toda batéria de entusiasmos e instintividades turbulentas e regenerativas!

Essa, a marcha inevitável de todas as altas ideias quando descem ao campo da realização, que é o da degradação. Esse, o irônico destino que aguarda os sonhos de todos os inventores, concepções luminosas cujo arcabouço lógico se transmite e se propaga, mas cuja alma lírica e divinatória permanece no altiplano das possibilidades incompreendidas.

Esta alma é incomunicável, como a alma do Vesúvio é estranha aos habéis artistas que, cá por baixo, colhem a lava resfriada para talhar nela as suas eternas, invariáveis figurinhas.

UM HOMEM PERFEITO

Tenho-me encontrado muito com o sr. Cesário, ultimamente. O sr. Cesário, ás doses espaçadas e discretas, faz bem. E' desingorgitante, refrescativo, uma coisa assim entre o sal de frutas e o sorvete de copinho. Mas, todos os dias, em todas as viagens, é demais.

Aquilo que, de quando em quando, e por momentos, nos encanta como um livro novo, folheado a furto, com a continuação se converte num símile dessas revistas atrasadas e revistas que se nos oferecem na sala de espera do dentista ou na loja do barbeiro.

Mas tudo tem o seu lado aproveitavel. O lado aproveitavel do sr. Cesário é que êle me dá lições de estilo, do estilo estabilizado e conspícuo que convém ás relações públicas entre funcionários e pessoas colocadas.

Ele não é, mas devia ser director de uma repartição. Fala como um bom minutador de ofícios. Tem a serena compenetração de autoridade, o senso das hierarquias, o tacto diplomático, o respeito das fórmulas e a impersonalidade de julgamentos que se requer num chefe acabado. Por êsse aspecto burocrático, o seu contacto me é util. Boa pedra de amolar. O mau é que ás vezes amola demais.

Que rico fundo de ideas honestas êle possui! Em poucos dias, assim como quem não se aplica, durante

quinze ou vinte minutos de bonde, fiz uma boa colecta de opiniões do meu distinto amigo.

O que não lhe faltam são opiniões. O sr. Cesário é um homem eminentemente opinativo, sem com-tudo ser opiniático. Já houve mesmo um indivíduo maldoso, de cujo nome nem me quero lembrar, que uma vez mo definiu, com escarninho intento, nêstes termos: “um filho dilecto da Opinião Pública.”

O sr. Cesário sentença, por exemplo que “tudo nesta vida é questão de ponto de vista.” Afirma, acentuando o tom de convicção, a corrigir a aparente leveza da frase paradoxal, que “o senso comum é o que ha de menos comum entre os homens” Também costuma declarar, com um gesto fisionómico de aguda intuição, que “tudo é relativo”

Acêrca de moral, só lhe ouvi por em-quanto um conceito genérico nitidamente formulado: “Inteligência sem carácter é droga”

Sôbre o Além, a vida e a morte, a crença, e assuntos correlatos, costuma ser mais explícito, provavelmente porque a sua situação de amigo do vigário da paróquia e de irmão do Santíssimo lhe tem permitido certa familiaridade com o mistério.

Concede que o Outro Mundo seja coisa duvidosa, mas acha que, em todo caso não convém brincar. A esperança e o temor que se ligam ao Além são necessários e são insubstituíveis.

O que lhe repugna é o inferno. Nêsse, acredita “porque é seu dever de católico nato e praticante acaatar as injunções da Igreja”. Mas, afinal, o verdadeiro inferno parece que “é aqui mesmo” — “se bem que não se devam aceitar certos exagêros de pessimismo”

Ontem, o sr. Cesário saiu-se com esta frase: “Deixe falar, a religião é um freio, como dizia padre Miguel, meu padrinho.”

As suas opiniões sociais e políticas são do mesmo feitio enxuto e corrente:

Todas as formas de govêrno são boas, desde que haja honestidade.

O nosso povo não estava preparado para a República.

Governar é uma questão de bom senso e de recursos. E' um grande mal a opposição sistemática.

Cada povo tem o govêrno que merece; mas nem sempre.

A política de hoje é eminentemente económica.

A maior das nossas necessidades é a educação, — em termos.

O brasileiro é muito inteligente, mas indisciplinado e vadio.

Não ha questão social no Brasil, país novo, aberto a todas as iniciativas.

Somos um povo em formação.

A boa administração depende da estreita harmonia dos poderes.

A mulher deve permanecer no seu posto de rainha do lar.

A esmola deprime, e nada adeanta.

O empregomania e o bacharelismo são dois males nacionais.

A retórica é outro vício brasileiro.

A dissolução dos costumes caminha a passos de gigante.

O Brasil é uma terra de poetas.

A maior das nossas desgraças é a crise de carácter.

*"A lavoura é a coluna mestra do nosso sistema ar-
terial"*

Ontem, acertou de falarmos a respeito de literatura, a propósito de um romance de Macedo, que Cesário me pedira emprestado. Declarou que não era para êle, mas para a senhora. Não gosta senão de romances históricos e instrutivos, como os de Julio Verne e Vitor Hugo.

Passou a expender ideas sôbre outros ramos. Não perde tempo com poesias, mesmo porque não as entende. Os dramas e tragédias já não são para os nossos dias; ninguém mais se resolve a ir ao teatro para ficar triste; e para tristezas bastam as da vida. O teatro deve ser humorístico e moral.

Os “Lusiadas” a seu vêr, foram feitos especialmente para exercícios de análise. A obra pode ser muito boa, mas para quem gosta. De resto, o sr. Cesário está convencido de que todos os clássicos, que aliás nunca leu, são cacetes e intragaveis. Parece mesmo pensar que êles escreveram expressamente para deixar modelos de boa linguagem gramatical. E, um destes dias, exclamou com recacho de homem-do-seu-tempo: “Quais clássicos, quais nada! A língua também evolue, entendeu?”

Acha que a língua italiana é a mais suave, quando bem pronunciada; mas que a mais util, na actualidade, é a inglesa. Quanto á nossa, acredita que seja a mais difficil de todas, a mais “cheia de dúvidas e encrenquinhas” Pois se o próprio Ruy Barbosa, a “Agua de Haia” levou a vida inteira estudando portugêus!

O que aí fica é resultado de uma colheita muito irregular, mas já basta a caracterizar as qualidades fundamentais dêste sólido e harmonioso espírito.

Quanto ás expressões, o sr. Cesário tem todas, todas quantas se acham consagradas pelo gôsto das classes

Se fosse capaz dos trabalhos seguidos, regulares e minuciosos da filologia, eu poderia tomar o meu amigo como um compêndio vivo das filtrações eruditas e literárias de segunda mão na mentalidade média da burguesia nacional, e explorá-lo metodicamente. Daria para um belo estudo de psicologia idiomática, cheio de consequências para o literato, para o glotologista, para o educador, e até para o alienista, — um belo estudo que, sem dúvida, não seria lido senão pelos indivíduos que a Providência destacasse para lhe meterem a lenha.

As expressões frias do sr. Cesário são algo de succulento e de opíparo. Algumas, as menos repolhudas, as meãs, êle as profere com plena serenidade. Mas como aprecia igualmente as mais pomposas, sempre arranja lá um jeitinho de as empregar, soltando-as com um certo ar brincalhão ou irónico, que lhe dá por vezes o aspecto original de um homem que acha graça nas crepitações do próprio pensamento.

Já lhe apanhei, não ha muito, sem lhe mexer nas molas, referências ás “trevas da ignorância” ao “santuário do lar” ao “punhal da calúnia”, á “máscara do anonimato” e ao “dedalo das paixões”. Foi um dia em que estava impressionado com a onda de crimes, suicídios e pouca-vergonhas que por aí vai “num crescendo assustador”. Falava com tal abundância e tal veemência, que cheguei quase a desconfiar que me tivesse na conta de um dos responsaveis.

De uns dias para cá, tenho subitamente guiado o fio e dado o tom á conversação, e o sr. Cesário se desata em chuveiros de preciosidades.

A propósito de política, lançou zargunchadas certezas aos “eternos descontentes” que vivem a semear a sisânia” com seus “cantos de sereia”. Mas tambem, por um *estriquete* dever de imparcialidade”, não podia deixar de “verberar o impatriotismo de certos homens

colocados no galarim, que transformam em vacas de leite os postos de sacrifício a êles confiados pelo povo, a eterna besta de carga”

Terminou resumindo-se numa sentida peroração:

“Em-fim, meu caro amigo! é a tal crise de carácter.

“Mas que quer? Nem a magestade da religião escapa a êsse refterver de paixões subalternas! Até no seio das irmandades se intromete a politicagem rasteira! Até lá, indivíduos sem entranhas vão pondo a garra, com pés de lã, e.. Homem! paremos por aqui.

“*O tempora!*”

De onde pude inferir que o sr. Cesário andava às voltas com algum desaguizado na paróquia.

A um espírito assim ricamente organizado não podia faltar um certo aparelho de erudição leve. Consegui os seguintes indícios, apanhados foneticamente, como convêm a coisas pescadas nas águas vivas da elocução oral:

“Laborónia vince — Cosivá ilmondo — Senon évéro... — Lemondemarche — Arraite! — Tâimismónei — Savá sandire — Via crúcis — Tante grácie, cabalhero! — Por mares nunca dantes navegados — Festim de Baltazar — Ciumento como um Otelo — As trevas da Idade Média — Crueldade neroniana — Justiça imnente — Pissicologia das multidões — Os meios inteleguituais — O poverélo de Assis — As lições da sociologia — A sciência de Ádan-Esmite — Os milagres da sciência moderna — Varão de Plutarco — O último romântico — Os tonéis da Danaide — Vá derrétro!”

Em-fim, grande caçador de frases perante o Eterno!

O BONDE E A RUA

O bonde da tarde, hoje, foi demorado por uma qualquer manifestação popular, que lhe barrou a passagem. Os viajantes, depois de satisfeita a primeira curiosidade, obra de segundos, começavam a dar sinais de irritação, quando um orador entrou a trovejar. Essa obstrução pareceu a todos insuportável, e todavia não durou mais de cinco ou seis minutos.

Sempre é verdade que a medida real do tempo é o nosso desejo.

Isto me faz lembrar o meu colega Symphronio de Mendonça, que, outro dia, lá na repartição, ao inaugurar-se o retrato do chefe, quiz á viva força lêr um discurso. E leu, prevenindo os ouvintes: "E' curtinho senhores, tenham paciência"

Esta esfarrapada desculpa com que se costumam cobrir os oradores intempestivos baseia-se toda num passe finório com as noções de tempo — a do tempo mecânico e objectivo e a do tempo psicológico ou subjectivo. Quando dizem que a peça é curta, é porque lhe aplicam a medida-relógio, como se fosse esta a que importasse aos ouvintes; como se não fosse, por exemplo, uma verdade universal que o pequenino sermão de ouro que nos aborrece é dez ou mil vezes mais comprido do que a interminável lenga-lenga que nos lisonjeia.

O nosso relógio interior tem também dois mostradores, um grande e outro pequeno, mas o grande é que dá medida prática dos minutos desagradáveis, que aí correspondem ás horas, e o pequeno marca a duração das

horas amenas, que nêles são minúsculas fracções — quando o ponteiro não está engasgado.

O tempo real é conforme ao ícone que dêle deixaram os gregos — um velho decrepito que naturalmente se arrasta quando caminha por seus pés, mas que também vôa como um pássaro, porque tem asas, e quando bate as asas rejuvenece.

O homem é um ser tão mesquinho, que onde quer que êle se ajunte logo lhe sobrevém, pelo número, uma alma colectiva, embora muito rudimentar.

A multidão que se ensardinhava em redor do orador tinha visivelmente a sua; toda ela se agitava num só ritmo, gritava com uma só voz e se enchia de braços erguidos como um só bicho a eriçar-se numa só contracção momentânea. O bonde também a possuía mas indifferente, comodista e escarninha.

Uma contava o seu tempo pelo mostrador pequeno, a outra media o dela pelo quadrante maior. Eram duas entidades inconciliáveis, vivendo em duas esferas distintas e irreductíveis da duração.

As duas almas se olhavam sem se compreender: nem a da rua se aplacava, nem se inflamava a do bonde. Dois mundos com trajectórias opostas, um em ebulição, outro frio.

Um começo de automática hostilidade pairava entre um e outro. Viesse um pequino impulso, e os dois sistemas talvez se engalfinhassem com cega violência, como dois iças colocados rosto a rosto mecanicamente assumem o papel de inimigos de morte, e se agarram e se estraçalham com um santo e inconsciente heroísmo.

RUFINA

Não me esquecerei tão cedo de um casal de namorados que vinha hoje no bonde.

Gente do povo, gente humilde, dessa que não transpôs ainda o limite em que o indivíduo ignorante e simples começa a vêr e a querer copiar atitudes, maneiras e actos de uma camada superior. Era, portanto, de uma espontaneidade inocente e quase animal a ternura com que os dois se enlaçavam, tecendo cada um, em redor de ambos, uma teia isolante de carícias, — mãos dadas, olhos compridos, falas em tom velado e plácido, e um permanente sorriso da mais pura e imbecil felicidade.

Êle, um latagão carpintejado á larga; ela, uma bezzerrinha forte e carnuda, com uma pele esticada e quente e uns cabelos ásperos e crespos de lavadeira tostada ao sol. Simpáticos. Talvez belos, não tanto dessa beleza do diabo" (dizem os italianos), mero efeito da mocidade e da saúde, como dessa especie de beleza *promissiva*, que não entra pelos olhos, que se entrevê, que é como um esbôço deixado de mão quando se encaminhava para a fôrma perfeita.

O meu prazer foi imaginar que o latagão era eu, que a moça era Rufina. Estavamos entregues um ao outro.

Tinha-me apropriado dela com a naturalidade com que me apropriaria do meu duplo, se êle surgisse a meu lado. Fechara-a no âmbito da minha personalidade e

na parábola do meu destino. Era minha. Era eu mesmo, um desdobramento, um acréscimo, uma projecção do meu ser.

Que me importava o seu passado? A mulher que se ama não tem passado. Nasceu na véspera. E' a objectivação de um acontecimento interior. Não é um ser: é um facto. E' um episódio novo de uma história que vem de longe. A história, com o seu ritmo, a sua lei, a sua necessidade, a sua marcha, o seu destino, engloba, arrasta, dissolve e tinge de sua côr tudo quanto colhe através do seu derrame fluvial.

A mulher que se ama começou com o nosso amor; como disse o catalão Maragall da poesia.

*...tot just ha començat
i es plena de virtuts inconegudes.*

De repente, o casal desceu. O rapagão foi o primeiro a saltar, e, instintivamente, voltou-se com galante donaire e estendeu a mão á juvenoa.

Esta pulou rápida e leve, como se tivesse recuperado instantaneamente uma aptidão perdida.

Nêsse momento, aquele tôsco rapaz, cabouqueiro ou lavrador, nos seus sapatões entorroados, sob o seu chapéu sujo, e aquela moça que mal e superficialmente se alindara, como uma batata apenas cozinhada e descascada, me deram a impressão de duas criatura saturadas por seculos de galantaria e de cultura.

Eram duas sementes, e já me pareceram duas flores. Eram dois bichos do chão e pareceram-me dois pássaros esguios.

O amor gera e regenera desde que surge. A função generatrix não é um acidente da sua história, nem é a causa da sua aparição: amar e gerar é tudo um, e produz partos mais temporãos e mais estranhos do que os

do ventre. Tudo começa ou recomeça, e todas as fecundidades se concentram na carne e na alma dos amantes, e o próprio mundo aparece de repente refeito, banhado das claridades e tocado da magnificência de um génesis.

Rufina...

Ora, ora, Rufina, uma simples passageira de bonde com quem eu, passageiro de bonde, me encontrei duas vezes por acaso!

* * *

O SONETO

Deus de misericórdia, como eu tenho pena dos poetas, meus irmãos! Apesar de ser eu o pobre da irmandade.

Pelo trabalho que me tem custado o soneto que empreendi ha três meses, calculo as torturas em que voluntariamente se enredam os que ainda fabricam êsses objectos de arte.

Dizem, que ha indivíduos que sonetizam com facilidade, sem prejuizo da perfeição. Não descreio disso. Mas essa espontaneidade para fazer *um* soneto só se adquire depois de muito e duro labor de aprendizagem e prática *do* soneto. Também os ginastas fazem com a máxima facilidade e economia de esforço os mais complicados e arriscados giros no trapésio, na barra e nas argolas, — e isso está muito longe de provar que tais habiliidades lhe sejam naturais como a nós outros o uso do guarda-chuva ou o trepar no estribo dos bondes.

Quanto a mim, vou desistir de concorrer aos futuros florilégios. Mas, em vez de fazer como o outro, que despreza essa forma de poesia, alegando que é velha de seiscentos anos, que o mundo está cheio de sonetos, e que os sonetistas são muito mais numerosos do que os poetas, continuo a achar que a fabricação dêste género de peças é um util e nobre exercício de engenho, além de ser o mais justificavel dos quebra-cabeças.

Quanto a serem milhões os que se produzem, hoje em dia, em todo o mundo, e contam-se pelos dedos os capazes de sobreviver, não vejo nisso razão para se condenar o soneto. E' igualmente certo que o mundo produz cada dia milhões de rosas, e que essas rosas ainda vivem apenas, como no tempo de Malherbe, "l'espace d'un matin" — isto é, três ou quatro dias; com-tudo, daí não se segue que a rosa se tenha tornado indigna do nosso apreço. Ao contrário, a brevidade fatal da sua melindrosa vida é um dos elementos do subtil encanto que elas desprendem, como um outro perfume.

Cosa bella e mortal.

Creio que não ha nada mais difficil, ou pouco haverá, do que armar, travar e concluir um soneto de modo que êle fique cheio e redondo como uma bola massiça. Digo bola, porque o soneto, graficamente quadrilateral, é mentalmente esférico. Não tem na sua transcendente realidade, princípio nem fim: o termo aparente é que, a certa luz, se pode considerar começo, porque ninguem se inicia na compreensão justa da peça antes de ter chegado ao "final" antes de haver êste lançado a projecção anímica dõ seu conteúdo até ás primeiras palavras do primeiro verso. Assim, todas as partes idealmente se alongam num único sentido, e repassam sôbre si mesmas, girando em redor de um eixo gerador, buscando mecanicamente a esfericidade a que tendem as massas em revolução.

Será isso poesia pura? Parece que não é. Mas, dado que se saiba o que venha a ser poesia pura, é evidente que essa essência, como certas substâncias delicadas e volateis, precisa sempre de uma liga mais ou menos grosseira para subsistir.

De resto, a mim pouco me importa o nome da cousa, ou os quadros em que ela entre ou deixe de entrar. Quan-

do, aí pelos caminhos, eu topo com uma bela teia de aranha, estendida ao sol da manhã como uma roupa de fada, para que se lhe seque o relento da noite, a mim pouco se me dá de saber se aquilo está bem construído, se não está, se o material é puro ou impuro (a natureza sabe o que seja puro ou não o seja?), e se a aranha *devia* ou *não devia* fazer outra coisa.

Aceito-lhe a teia como está; e se ela palpita e scintila ao sol, toda tecida de filetes impalpáveis colhidos ao luar, às fosforecências nocturnas, às azulejantes fluências matinais do córrego, á casca metálica dos besouros, e se ela parece bulir no mato como um enxame de estrelinhas tontas, — paro, olho, sorrio, vou andando, e ainda volto a vista para trás. Aquilo é bonito, e acabou-se.

No soneto, como os fizeram Petrarca ou Santa Teresa, Du Bellay ou Shakespeare, a liga em que se aprisiona a essência de poesia é subtil e engenhosamente intelectual. Todos os bons sonetos são obras-primas de engenho discursivo, tocadas de um raio de poesia. *Puzzle*, envernizado de sonho. Gaiolas dialécticas nas quais, pelo menos, parecem revoltear penugens do pássaro que fugiu, — o tal pássaro fantástico da poesia verdadeira.

Engenho, eis o que me tem faltado para levar a cabo a minha obra prima. Também tem faltado oportunidade. Feitas as quadras no bonde, entendeu o meu subconsciente que no bonde eu havia de fabricar os tercetos.

Fora daí, no meu gabinete, na repartição, no teatro, não me acode nem fiapo de idea; mas no bonde nem sempre consigo a calma nem os vagares indispensáveis a esta classe de serviço.

Como este mundo anda desconcertado!

Mas ainda bem. Se os homens tivessem tempo para

meditar, de certo deixariam de fazer muitas asneiras — das pequenas; mas como as premeditariam grandes e terríveis!

Hoje, depois de várias tentativas, entrei no bonde decidido a conquistar o meu sossêgo.

Dei logo de cara com o sr. João Cesário, êsse risosinho pirata que infesta a nossa linha e assalta pobres passageiros para lhes arrancar o único *money* que êles têm, o tempo. Mas o sr. Cesário não me viu, porque estava despojando a um outro. Fui para o banco mais plebeiramente preenchido, entre uma preta de chale e um cabo de polícia.

Cerrei os olhos, evoquei a imagem flutuante e delgada de Gabriela, recordei as quadras, fui avançando o pé pelo escuro da inspiração informe.

Gabriela, como ficou assentado, era uma jovem que tinha perdido todas as ilusões, coitada! Por necessidade de rima e falta de espaço, não foi possível precisar de que ilusões se tratava, sendo certo que em tudo, na vida, a ilusão desempenha um papel muito sério e ninguém pode jamais gabar-se de as haver perdido por completo. Já se disse mesmo que o homem vive de ilusões. Mas essa imprecisão de ideas é muito própria da poesia; e tem a vantagem de dar largueza bastante para as imaginações se moverem ao sabor de cada temperamento.

Gabriela perdera as suas ilusões de moça ardente e sequiosa, porque se atirara aos chamarizes e ás insídias do mundo com excessiva sofreguidão e nenhuma cautela. Isto ficou registado na segunda quadra.

Agora, os tercetos é que eram elas!

Conviria acentuar que, tendo perdido as suas ilusões, a menina estava como quem tivesse perdido a túnica através de matos e pedernais, ou em luta com bichos assanhados. Esta idea é velha, mas pondo-se-lhe um revestimento novo, ainda serve. As comparações poé-

ticas essenciais, referentes ás verdadeiras situações em que se pode encontrar uma alma nesta vida, são bem pouco numerosas, no fundo; e os poetas, por mais que façam, hão de sempre voltar-lhes em redor.

Hoje, aí vais
..... inteiramente nua
... .. .

Repeti essas palavras vinte vezes, preenchendo os espaços vagos da pauta com sílabas sôltas sem significação nem consistência, só para acentuar o ritmo e provocar a idea. Uma espécie de massagem sôbre um tumor maduro.

Mas na verdade o tumor ainda estava um tanto verde. O que sobretudo me impedia de chegar a um resultado, era o final.

O soneto, hoje estou disso convencido, tem uma causa final — o fêcho deve ser achado antes do mais. E' o verdadeiro princípio. Então, tudo para lá se encaminha, como no ovo se fórma com segurança e tranquillidade o pinto prefigurado.

Em-quanto eu ia fazendo estas reflexões, o bonde se aproximava mais de pressa do termo, e tive de adiar mais uma vez a conclusão da minha tarefa poética.

Mas hei de conclui-la. Tenho deante de mim todo o resto da minha vida. Tudo me indica que ainda poderei vir a ser o Arvers de um soneto, não direi tão acabado, mas pelo menos tão difficil de acabar.

Sainte-Beuve disse que "il existe chez les trois quarts des hommes un poète mort jeune à qui l'homme survit." Mas isso não é um achado: a poesia sempre foi tida como

particular companheira da juventude, nos homens e nos povos. O mais curioso é que muitos trazem consigo poetas que nunca chegaram a nascer e que são como *revenants* do futuro.

* * *

UM HOMEM PERFEITO

O sr. João Cesário da Costa appareceu-me hoje muito loquaz e prazenteiro. Sentou-se a meu lado, palpou as minhas disposições auditivas, notou que eram boas, e deixou escapar a loquela, primeiro ás gôtas espaçadas, depois ás gôtas que já quase se ligavam num fio, por fim jôrro franco.

Principiou por falar do tempo, que estava "lindíssimo e convidativo. Daí deslisou para considerações acêrca do nosso clima e do europeu, das nossas estações e das europeas. Descambou então para o elogio da nossa "Terna primavera" e da nossa "natureza exuberante" Isto o levou ao fatídico paralelo entre a natureza e o indígena; e Cesário revelou gravemente que, segundo a opinião de Humboldt, no Brasil tudo é grande, menos o homem.

Mostrei-me consternado por isso, e Cesário caiu no domínio da educação, cujo principal objectivo, no Brasil, devia consistir em debelar a empregomania, o bacharelismo e a macaqueação do estrangeiro. Quando chegámos ao ponto, o meu amigo, depois de ter passado pela política, ia bordando comentários em roda do vestido feminino e deplorando a subversão da família.

Em-quanto êle orava, eu vinha-lhe mentalmente acompanhando a curva das associações de ideas e avaliando as vastas etapas que fazia através da matéria pensavel, metido nas botas de sete léguas da imaginação discursiva.

E' assim, justamente, que os homens práticos pensam, desde que saem do círculo habitual das preocupações profissionais. Tomam as suas associações espontâneas e os seus estados vulgares de sentimento como legítimas formas de cogitação. E têm um grande desdém pelos *poetas* — sendo que *poetas* são todos quantos não se contentam com essa moagem perpétua de idéas feitas e de idéas que nunca se acabam de fazer.

Na verdade, isto é eminentemente prático. Nada mais é preciso para viver, e viver bem, e prosperar, e fazer jús a um mausoléu de cinco metros de altura, com capela guardada por um anjo de magoado semblante e grandes asas, talhado em mármore branco pelo melhor marmorista da cidade.

João Cesário tem um mérito, além de muitos outros: não é uma edição, nem mesmo uma edição barata de Acácio, versão portugêsa e pacata de Mr. Prudhomme e variedade conservadora do farmacéutico Homais.

Acácio, Prudhomme e Homais eram homens de princípios ou de ideais, ao passo que Cesário não tem convicções arreigadas: é um bom homem, arranjado, como-dista, amigo da bôa roupa, da bôa mesa e da bôa prosa, com ambições modestas e com um grande tacto instintivo do que lhe póde ser util e agradável. Incapaz das parlapatices de Prudhomme, da compenetração respeitosa de si próprio que distinguia Acácio, e de aziumados sectarismos á maneira de Homais.

Apenas se encontra com êles no terreno do lugar-comum. Mas o lugar-comum não é privativo dêstes ou daqueles, é a terra de ninguém onde todo o mundo, uns mais a miude, outros mais de longe em longe e mais a medo, faz as suas incursões e as suas colheitas.

De resto será o lugar-comum coisa tão desprezível? Não, o lugar-comum é necessário. Faz parte das forças da natureza. E' da natureza do espírito humano a necessidade de cunhar uma espécie de moeda divisionária das idéas, que possa andar pelas próprias mãos dos que não tenham capitais e que presta enorme serviço a toda a gente.

Se se quer encarar o caso na sua verdadeira latitude, o ponto de vista escolar, estilístico, literário, é de uma insuficiência absoluta, e por sua estreiteza e vetustez bem merece figurar também na categoria dos lugares-comuns elegantes.

O abuso dêsse ponto de vista crítico e aristocrático vai espalhando nos espíritos inclinados ás letras e ás idéas um terror excessivo e doentio do ominoso pecado. E com isso chega a criar freqüentemente uma espécie de Acácios ás avessas, que repelem boas idéas por serem velhas, sem sempre forjar novas que sejam boas, e esquecem-se da corrente e desempenada linguagem da conversação, e embrulham em fórmulas rebuscadas os mais fugitivos e ambíguos fiapos de pensamento, como quem fizesse gaiolinhas de metal dourado para guardar pernilongos.

A grande e imponente maioria dos humanos não dá nenhum aprêço ás idéas por si mesmas. Estas, quando cáem na circulação geral, perdem toda a sua virtude abstracta, empastam-se na grossa praticidade e na violenta concretaza dos valores vitais imediatos. Descem do plano lógico para o biológico. Rousseau disse que pensar é um acto contra a natureza, e os actos contra a natureza ela os pune empeçando-os ou desviando-os, reasimilando-os e recolocando-os na órbita dos seus próprios fins.

As idéas, na marcha geral e normal da vida, têm um valor tão puramente instrumental, oportunístico e subalterno como as armas, os utensílios, os aparelhos e todas as coisas que prolongam os nossos meios naturais de acção. E' preciso que um homem esteja pervertido

pela literatura e análogas manias, para ter a fantasia de inventar idéas, pelo simples prazer de criar instrumentos originais. Se a faca e o martelo já foram inventados ha milhares de anos, e prestam ótimo serviço, para que é que o sr. Cesário havia de imaginar um traste novo e aperfeiçoado, só para cortar uns cipós ou para bater uns pregos de quando em quando? Não seria económico. Enorme desproporção entre o esforço e o resultado.

Com um pequeno arsenal de lugares comuns, Cesário está dispensado de gastar inutilmente largas somas de tempo e de trabalho. Põe a sua provisão no bolso, cada dia, conforme as necessidades, e sai para os seus negócios, para os seus prazeres de sociedade, para as suas demandas, para a sua descansada pescaria de proveitos possíveis, nas horas vagas. Surte-se com a suave facilidade de quem completa, em casa a sua *toilette* habitual, pondo meia duzia de charutos na carteira, um lenço de sobresalente no bolso da calça, um canivete no bolsinho do colete.

Dá-se bem com o sistema, e a sociedade ainda melhor. Ganha esta um homem afavel, servçal, maneiro, de facil e macio contacto, simples de utilizar.

Multipliquem-se êstes homens exemplares por mil, e veja-se que incalculavel benefício não seria, que harmónica estabilização de um tipo social indígena, que precioso refôrço de cidadãos bem construidos, normalizados, estandardizados, sem mistérios e sem surpresas, sólidos, garantidos, de uso limitado mas seguro e preciso, — como a louça inglesa, como a cutelaria de Manchester, como o presunto holandês, como o óleo de fígados de bacalhau, como o fósforo Jonkonpings, como as camisas do Porto!

Foi essa multiplicação de um tipo modesto mas viavel e *bom* que fez aquella coêsão e aquella estabilidade magnífica da sociedade britânica, — o seu núcleo resistente, a sua massa harmónica e firme, a deslocar-se através da história com o ímpeto regular de um imenso exército em marcha.

Suponham-se agora êstes inumeraveis Cesários preocupados todos com fabricar idéas e esmaltá-las sob fórmulas graciosas e cortantes. Que calamidade! Ganharíamos, talvez, algumas joias do espírito, mas, em troca, que multidão de *intelectuais* neurasténicos, incertos, cáusticos, insociaveis, prisioneiros eternos de si mesmos, despidos de tolerância e de benignidade, sacrificando tudo por uma frase de espírito, inadaptaveis a todo esforço comum, inimigos de toda disciplina obscura e de todo devotamento discreto e silencioso, e em-fim grandes criadores efectivos de mal-estar, de desinteligência e de estéreis, inacabaveis velleidades e agitações no seio da massa e no das moças!

* * *

M ã E

Pobre mulher, aquela bôa e sincera mãe que vi ontem, tão mansa, tão entregue ao seu pequenino!

Era bonita, mas como que o ignorava. Estava tão despreocupada no bonde como se estivesse em sua casa. Trasia o filhinho ao regaço, e brincava-lhe com uma das mãosinhas, fazendo-a saltar, arremessando-a e abaixando-a, aos pequenos tapas, como uma bola. O pequeno ria-se de quando em quando, e a cada risada o rosto da mãe tomava uma expressão forte, escultural de felicidade plena e remansosa.

A certo momento, pegou a criança pelo tronco, pô-la em pé sobre os joelhos, e começou a sacudi-la como a pregar-lhe sustos. Fazia-lhe, ora, uma cara de surpresa cómica, arregalando os olhos; ora, uma cara de cólera, carregando as sobrancelhas, afuzilando o olhar; ora, uma cara de choro desconsolado, em que todos os músculos se relaxavam e as pálpebras e os cantos da boca descaíam.

Jogral do seu pequerrucho, essa mãe se esquecia de si, se despojava de todas as preocupações habituais, concentrava toda a sua vida naquele sêr único, pequenino e fragílmo. Era um simples brinquedo em poder do seu bebê, — brinquedo todo cheinho de amor, como outros o são de serragem.

Mas porque, deuses imortais e impossiveis! porque seria necessário que essa mãe, resumindo o mundo em seu filho, trabalhasse tão obstinadamente por gravar nêles os gestos eternos da loucura humana? Gestos de fúria,

de terror, de cupidez, de despeito, de ciúme, — toda a mímica do inferno mundano, — fôrmas para êle ainda vazias, mas nas quais se irá pouco a pouco vertendo e solidificando a substância do seu pequeno Eu rarefeito e disperso?

Ama-o como a um anjo, e luta por fazer dêle apenas um dêstes vasos de miséria, de impureza e de sofrimento!

Belo e medonho, o amor de mãe. Suavíssimo e terrível. A sombra dos seus gestos, branda como a dos ramos, prolonga-se até o horizonte da vida, onde a sombra enorme da Fatalidade passa arrastando pelos cabelos a sombra da Ilusão.

* * *

RUFINA E O SONETO

Pobre Rufina! Tão juvenilmente graciosa e linda ainda ha dois meses... Parecia arder em mocidade e beleza como uma pedra preciosa. Agora, dá-me a idéa de uma perola moribunda.

E' assim êste mundo; um resfriado, uma pleurisia, três semanas de cama — e eis um corpo e uma alma completamente modificados, e uma vida clara e leve como um regato da montanha mudada num ribeirão turvo do vale triste!

Viajei hoje com ela. Descorada e descarnada, metida num vestido escuro e pobre, era apenas uma sombra da outra Rufina. Disse-me coisas graves sobre a vida. Queixou-se das suas ilusões malucas, que a conduziram até ha pouco através das almas e das coisas como através de uma festa, para, de repente, a abandonarem entre essas duas megeras — a Solidão e a Necessidade.

Chegou a falar-me de Deus, e, entre dois acessos de tosse, perguntou-me, com a simplicidade suprema de quem pedia uma informação:

— “Será que êle me aceita?”

Em que embaraço me pôs: Pedir a mim, pecador encoscorado, um raio de esperança e consolação — porque era evidentemente o que pedia, na simplicidade triste daquela pergunta! Valeria o mesmo querer refrescar os lábios em febre com o suco de uma pera de campainha elétrica.

Tive ímpetos de a endereçar ao vigário da nossa pa-

róquia. Mas o santo homem estava já tão acostumado a lidar com almas em pena! Era possível que não lhe desse maior atenção, que a tratasse com desdenhosa bonomia, como fazem certos médicos, excepcionalmente, com os clientes pobres: "Isso não é nada. Está nervoso. — Dôr no cogote? Ha de ser máu jeito. — Fébre, é? Uhn. — Qual! não tem importância. Apareça um dia lá no consultório."

Não, não a mandaria ao vigário, poderia vir de lá com as feridas banhadas em bálsamo suavíssimo, e poderia vir com elas envenenadas de despeito e de revolta.

Eu estava para lhe dizer que sim, que Deus a receberia nos seus braços com paterno carinho, porque nada pôde ser mais agradável ao Senhor de toda a sabedoria e de toda a misericórdia do que uma alma despojada de mundanidades, nua, na plena e corajosa nudez da humildade, do desengano e do arrependimento.

Quando, porém, decidia estas duvidas de consciencia e preparava esta resposta, Rufina ergueu-se, fez soar a campainha, despediu-se, e esgueirou-se. Fiquei a vê-la do bonde, que estacionara por um momento. Reprochava-me com raiva as minhas eternas indecisões de animal imprestável.

Ela foi para a calçada, e pôs-se a caminhar de um jeito meio automático, direita, impassível, num passo míudo e rígido de boneca mecânica, a cabeça pensa para um lado — como quem caminha com indiferença, de alma vazia, para a última renuncia ou para a morte...

Pude saber depois que ia á costureira.

Sómos todos horrendamente egoistas. Nunca tive como hoje a sensação do que valem todas essas florescencias admiraveis da vida nobre, as belas idéas, os ideais formosos, os sentimentos altos e delicados.

Nem bem Rufina desaparecera de minhas vistas, aquilo de eu a ter comparado mentalmente a uma alma

despojada de mundanidades, nua, inteiramente nua, voltou a borboletear-me no espírito como um remorso gostoso. E lembrei-me logo daquele meu soneto parado entre os andaimes, como uma dessas igrejas que levam anos a construir e ficam anos à espera de recursos.

Agora, concluiria a obra. Aferrei-me a ela pelo resto da viagem.

Rufina, de passagem por mim tocando-me de leve, puzera-me em movimento a engenhoca da poesia, como quem toca inadvertidamente num pé de “mimosa púdica” ou como quem sacóde sem o querer um relógio engasgado, fazendo-o trabalhar.

E’ essa a finalidade dos outros, no sistema especial da nossa vida de cada um: pôr em movimento algum dos relógios engasgados que temos conosco.

O caso é que concluí o soneto. A bem dizer não o concluí no bonde: acabei de o concluir na repartição, apesar de um parecer urgente que me atenzou o dia. Mas a inspiração é assim: quando vem, vem de facto, e não ha urgencias que se lhe oponham.

Agradei ao destino o ter-me deparado Rufina, não só porque daí proveio a conclusão do soneto, como porque me permítiu banir dêle a tal Gabriela. Eu já andava seriamente implicado com essa negrinha vagabunda, caçada na sargeta do noticiario. Decididamente, não dava nada. Logo o primeiro verso:

Já não tens ilusão, oh Gabriela!

era de uma ineptia absoluta. Que é que tinha o público que vêr com êsse nome próprio. E, além do mais, um decasílabo frouxo, — que é ainda peor do que uma frouxidão de bom senso. Pude substitui-lo com vantagem. E o resto — foi uma sopa:

A UMA TUBERCULOSA

Já nenhuma ilusão tua alma estréla;
Nenhuma abrolha em teu caminho triste.
Tudo te é negro: e em tudo quanto existe,
só o que existe de máu se te revela.

Um dia a Vida appareceu-te á ourela
da estrada, e te sorriu. Tú lhe sorriste.
E a seus braços voaste. E assim te viste
entre as garras da bruxa horrenda e bela.

Hoje... Ah! hoje, aí vaes por tua estrada
como uma doida que vagasse nua.
Não és mais do que uma alma — alma despida;

E tão indifferente, tão gelada,
tão tristonha e remota como a lua,
reflectindo de longe o sol da Vida.

(“Finis truncat opus”)



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).